VOLUME 3.º, N.º 2 DEZEMBRO DE 1955

RENATO

Revista de Antropologia

SUMÁRIO

MARTIN GUSINDE: Os pigmeus africanos — tipo físico e características culturais 81

ORACY NOGUEIRA: Os estudos de comunidades no Brasil .. 95

MÁRIO WAGNER VIEIRA DA CUNHA: Possibilidades de exercício de atividades docentes, de pesquisa e técnico-profissionais por antropólogos no Brasil 105

PEQUENAS COMUNICAÇÕES

NOTICIÁRIO • BIBLIOGRAFIA • PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

DIRETOR: EGON SCHADEN, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Diretor: EGON SCHADEN

Professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
da Universidade de São Paulo

CONSELHO DE REDAÇÃO

Plínio Ayrosa - Professor de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Herbert Baldus - Chefe da Secção de Etnologia do Museu Paulista.

Otávio da Costa Eduardo - Professor de Etnologia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Florestan Fernandes - Professor da Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Antônio Rubbo Müller - Professor de Antropologia Social da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Gioconda Mussolini - Assistente da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

A REVISTA DE ANTROPOLOGIA publica-se duas vêzes por ano, em junho e dezembro. Preço da assinatura anual, sob registro: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: US$2,50.

Tôda correspondência relativa à redação deve ser enviada ao

Prof. Dr. Egon Schaden

Caixa Postal 5459

São Paulo, Brasil

Os autores são responsáveis pelo conteúdo de seus trabalhos.

De cada artigo se tiram 80 separatas.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Vol. 3.º Dezembro de 1955 N.º 2

OS PIGMEUS AFRICANOS
TIPO FÍSICO E CARACTERÍSTICAS CULTURAIS

Martin Gusinde
Professor da *Catholic University of America*, Washington

Entre as numerosas e tão diversas raças e variedades humanas na terra há uma que, destacando-se por uns tantos caracteres descomunais ou até únicos, tem a sua existência assinalada há milênios, ao passo que o seu tipo físico e as peculiaridades culturais sòmente em nossos dias se estão tornando mais bem conhecidas. Para compreender êste fato surpreendente basta considerar um pouco a história da exploração do território em que vivem êsses pequenos homens no imenso espaço africano. Pelos séculos afora, o continente era cognominado "o escuro", devido à escassez de informes, aliás ainda hoje fragmentários e insuficientes, acêrca de extensas regiões e de seus aborígenes. Quem quer que procure, em especial, ter uma idéia dos pigmeus, deve de início indagar as condições especiais de seu *habitat*, isto é, da floresta tropical, bem como o grau em que tal ambiente possa ter influído na origem do singular tipo físico dos pigmeus. Ao contrário do que se dá com as nações civilizadas, o homem primitivo tem a sua existência mais estreitamente vinculada ao mundo físico em que se encontra; ao menos, no tocante à forma de vida econômica. E esta não sòmente revela acentuada harmonia com a ordem social, mas também influencia e plasma em grau notável as feições fundamentais da vida mental.

É nos pontos de vista assim esboçados que se apóia a exposição do presente artigo, limitada, evidentemente, a elementos essenciais. Ao leitor que deseje obter conhecimentos mais completos recomendam-se as volumosas monografias publicadas nos últimos dois decênios.

1. *A floresta virgem tropical*

Há um indubitável fundo de verdade na freqüente afirmação de que o homem é em grande parte produto de seu ambiente. Se bem que tal interpretação exprima, antes de mais nada, a adaptação física do homem às condições naturais em que vive, não há dúvida de que destas depende afinal tôda a sua maneira de ser. É um fato que se manifesta com especial nitidez na existência dos pigmeus africanos. Nenhuma descrição infelizmente, por exata que seja, será capaz de dar conta das numerosas particularidades que se conjugam na imcomparável e impressionante configuração da mata virgem.

É uma floresta pluvial sempre verdejante, de cunho típico, ou seja uma densa massa de vegetação, de irregular conformação e estonteante exuberância, como a encontramos sòmente na zona tropical. Caracterizam-na árvores altas e retas, atingindo a 60 m, e cujo tronco mede, pouco acima do solo, de 90 a 120 cm de diâmentro. A superfície dos troncos é revestida de grossa camada de musgo de pequenos línquens, de cipós e outros epífitos. Apenas na secção superior, que não ultrapassa a um décimo do comprimento total do tronco, conservam-se os galhos, condensando-se a ramagem em forma de espêssa coroa. Em tôdas as direções alonga-se a galharia, emaranhando-se com muitos outros ramos, dando guarida a cipós e múltiplos parasitas, e constituindo em seu conjunto um teto pràticamente fechado a estender-se a grande altura acima do chão da floresta. Destarte, o interior da mata se apresenta como que tapado em cima, e são poucos os raios vigorosos do forte sol tropical que, às horas do meio-dia, conseguem atingir o solo coberto de folhas em decomposição. No correr do dia reina, por conseguinte, no âmago da floresta um lusco-fusco crepuscular; e durante o ano todo não há um dia em que haja sequer uma claridade moderada. Poucos minutos após as seis horas da tarde põe-se o sol, e quase que no mesmo instante, sem haver na realidade a transição do crepúsculo, baixa uma profunda escuridão, a noite pavorosamente impenetrável da mata virgem envolvida em mistério e silêncio sepulcral.

Não se conhecem aí estações anuais nìtidamente marcadas. Para o observador superficial, a floresta não muda pelo ano afora: é sempre a mata verdejante com temperatura quase idêntica em todos os dias. Diàriamente o termômetro sobe a 30° ou 33° centígrados, ficando, é bem verdade, uns três ou cinco graus mais baixo por ocasião de chuvas contínuas. Raras as noites em que desce a 19°, mantendo-se, em média, entre 22° e 24°.

Essa floresta virgem sempre viçosa não desenvolveria a sua extraordinária exuberância, se não houvesse, a acompanhar o calor constante, chuvas quotidianas e abundantes. Não há dia em que não chova, em alguns dêles apenas umas duas ou três vêzes por uns trinta minutos, mas em geral por três a cinco horas a fio. Com grande ruído descem notáveis quantidades de água, de maneira que, em poucos minutos, certos trechos de chão se transformam em verdadeiro pântano. Como a densa folhagem no alto impede a evaporação, o interior da mata fica pingando de umidade durante o ano todo[1].

Nessa escuridão de tal modo úmida não medram ervas nem capim. Para os pigmeus resulta daí a vantagem de terem a vista desembaraçada, por entre os troncos, a alguma distância. Em extensas áreas da mata não existem pràticamente plantas de baixo crescimento, nem arbustos de rica folhagem, razão pela qual o meio propicia condições de existência a apenas algumas espécies animais de ordens sistemáticas superiores. Compreende-

se que a floresta tropical seja, tôda ela, muito pobre em animais. Certo, uma antílope de pequeno porte, um pouco maior do que a lebre, é encontrada por tôda parte; os caçadores pigmeus perseguem-na quotidianamente. Bem mais raras são as grandes antílopes, o elefante e o arisco ocápi. Passam-se às vêzes várias semanas, sem que nas copas das árvores surja pequeno bando fugidio de macacos ou de papagaios ou aves menores. Por outro lado, é incrível a quantidade de animais de ordens inferiores: lagartos e caracóis, bezouros e vermes, larvas e lagartas da espessura de um dedo. Densas nuvens de moscas e mosquitos, de borboletas de todos os tamanhos e de tôdas as côres, bem como compactas massas de formigas e térmitas manifestam-se a certas horas do dia. Cogumelos crescem por tôda parte. Incontáveis abelhas e vespas enchem de mel os seus ninhos. Em conjunto, porém, a floresta escura, quente e úmida, fornece a seus moradores, quer animais ou homens, escassas quantidades de substâncias comestíveis. Sôbre o chão, uma grossa camada de folhas em decomposição exala oprimente cheiro de môfo. Em tal ambiente, manifestamente hostil ao homem, é que vivem os pigmeus .A despeito de tôdas as contrariedades e de todo desconfôrto, conseguem, graças a suas soberanas energias espirituais, sobreviver vitoriosos na luta pela existência.

2. *Dados históricos sôbre o conhecimento e o estudo dos pigmeus*

São poucos os povos primitivos de que possuímos informes fidedignos tão antigos como os que se referem aos homens menores do "Continente Negro". Com efeito, já o Egito antigo tinha notícias seguras de todo um povo de pequeníssima estatura, que habitava para os lados das nascentes do Nilo, então inteiramente inexploradas. E cumpre notar que aquêles antigos egípcios distinguiam muito bem entre os genuínos anões raciais e indivíduos malconformados, que tivessem baixa estatura em conseqüência de razões patológicas. Dêstes últimos serviam-se para um divertimento manifestamente cruel, prendendo os pobres aleijados de nascença em gaiolas bem pequenas, a fim de que, durante o crescimento, tomassem figura ainda mais monstruosa. Bem ao contrário dêsses coitados, os verdadeiros pigmeus vindos do sul gozavam de excelente prestígio da parte dos faraós. Êstes e tôda a população egípcia apreciavam muitíssimo aquêles pequenos homens, que lhes serviam de "dançadores divinos"; a tarefa dêstes consistia em dançarem num templo, com freqüência e com entusiasmo, para chamarem, por via mágica, as chuvas tão necessárias à existência de todo o reino. No meu recente convívio de vários meses com êsses pequenos habitantes da mata, pude certificar-me de que neles o prazer da dança se transforma quase em mania.

Conservou-se uma carta do faraó Fiops II, da 6.ª dinástia, escrita pelo ano de 2.360 a. C. e endereçada ao chefe militar egípcio Herchuf,

que se encontrava com pequena tropa numa área próxima às nascentes do Nilo. Contém a missiva a ordem expressa de adquirir naquela região um genuíno pigmeu e de tomar tôdas as precauções imagináveis para que o pequeno homem chegasse são e salvo à residência do faraó. O conhecimento seguro que os egípcios tinham da existência de todo um povo de estatura anã cêdo passou para a Grécia, provàvelmente por intermédio do muito viajado Heródoto. É notório que Homero descreve, no terceiro livro da Ilíada, a luta dos pigmeus com os grous, que todos os anos migram para o sul.

Nos longos séculos subseqüentes, porém, até os nossos tempos modernos, arraigou-se cada vez mais a convicção de que não passava de fábula o que se contava de uma população pigméia na África tropical. Sòmente depois de, em 1869, haverem sido apresentados, na côrte do poderoso Munsa, rei dos negros Mangbetu do Sudão meridional, cêrca de 300 pigmeus genuínos ao botânico alemão Georg Schweinfurth, e de êste explorador fidedigno transmitir à Europa a notícia do episódio; e depois de, quatro anos mais tarde, se fazer em Viena a leitura da minuciosa descrição de uma jovem pigméia, levada, no Bahr el Gebel, à presença do viajante austríaco Ernst Marno, é que se dissiparam as dúvidas sôbre a existência de tôda uma população humana de estatura física muito abaixo da normal. A partir dessa época, graças à progressiva exploração da África central, outros pesquisadores, em sua maioria de origem alemã, relataram na Europa os seus encontros com aborígenes de tipo pigmeu; destarte foi se precisando cada vez mais o conhecimento da cultura e do tipo físico dessa gente.

Em princípios dêste século, finalmente, os representantes das ciências antropológicas haviam chegado à convicção de que o estudo metódico dos pigmeus era de máxima importância para a compreensão de tôda a história cultural da humanidade; felizmente se compreendeu bem, desde o início, que êsses curiosos moradores da floresta conservaram até os nossos dias uma cultura de tipo muito arcaico[2]. Entretanto, tal estudo requer longo e familiar convívio do viajante com êsses nômades sobremodo primitivos; e, além disto, cumpre vencer dificuldades de vária sorte, devidas ora às características da floresta, ora ao regime de vida de seus moradores. Foi essencialmente graças aos incentivos e aos esforços do fundador do Instituto Anthropos, Padre Wilhelm Schmidt, falecido com avançada idade em fevereiro de 1954, que, após o término da primeira guerra mundial, quase tôdas as tribos de pigmeus e pigmóides da África e da Ásia puderam ser visitadas e estudadas sistemàticamente por especialistas do campo da antropologia[3]. Hoje podemos dizer que o conjunto das populações primitivas de pequena estatura está mais bem investigado e descrito do que uma série de grupos portadores de cultura mais desenvolvida, cuja pesquisa teria sido bem menos dificultosa do que os trabalhos realizados no seio da mata virgem[4].

3. *As características raciais dos pigmeus*

A fim de evitar confusão, convém dar algumas explicações preliminares. A antropologia física e a etnologia, tendo, uma e outra, o homem como objeto central de investigação, são ambas disciplinas de constituição recente, que só há bem pouco tempo lograram entender-se quanto a seu objeto de estudo específico e aos métodos a serem empregados. A antropologia física, como "história natural dos homínidas", dedica-se agora exclusivamente aos problemas concernentes ao tipo físico das raças humanas, incluindo-se no setor das ciências naturais biológicas. Por seu turno, a etnologia (também denominada antropologia cultural) procura compreender, quanto à natureza e à origem, todo o patrimônio cultural dos povos tribais, definindo-se, dessa maneira, como ciência do espírito. Dessas disciplinas, cada qual segue o seu método próprio: aquela, de tipo biológico, esta, de tipo histórico. Data de alguns milênios, de uma época em que não havia antropologia, nem etnologia, o conhecimento da existência de verdadeiros pigmeus no centro da África. E essa denominação tem servido, até a atualidade, para designar um tipo racial determinado e exclusivo, a saber, a forma somática dos pequenos homens da floresta tropical africana. Pela estatura muito baixa, pela formação inconfundível do crânio e da face, a côr amarelo-clara da pele e, finalmente, pelo seu regime de vida, de caçadores nômades muito primitivos, êsses aborígenes se distinguem nìtidamente das tribos negras estabelecidas em vizinhança mais ou menos próxima[5]. Era neste sentido que, desde os antigos egípcios, os gregos e romanos, os geógrafos árabes, até os antropólogos modernos, se emprega o têrmo "pigmeus". Há vários cecênios conhecem-se também em outras áreas da zona tropical populações primitivas de estatura muito baixa, mas que numa série de características somáticas se distinguem dos pigmeus da África central. Para se chegar a perfeita clareza nas designações antropológicas, E. Schmidt classificou em 1905 as estaturas médias de tôdas as raças humanas, propondo um esquema hoje aceito por todo especialista[6]. Segundo êsse esquema, a terminologia antropológica passou a reservar o nome "pigmeus" para aquelas populações cujos homens apresentem estatura média inferior a 150 cm. Por conseguinte, o conceito de "pigmeu" se reduz hoje em dia a uma categoria de tamanho, significando apenas: "raça humana mínima, com estatura média dos homens abaixo de 150 cm". Já não caracteriza um tipo racial distinto, constituído de uma série de caracteres especiais. Caso se encontrem, fora da África, grupos humanos cujos homens tenham estatura tão pequena, cabe-lhes a designação de verdadeiros pigmeus. Todos os grupos de estatura média um pouco maior se denominam "pigmóides".

No presente artigo ocupamo-nos tão sòmente dos homens de estatura muito pequena existentes na floresta africana, que, entretanto, se estende, em forma de largo cinturão, desde a Fossa Magna, a leste, até a

Costa do Marfim, a oeste. Habitam essa área, desde tempos imemoriais, como seus primeiros ocupantes. Como já dissemos, distinguem-se, pelos caracteres raciais nítidos e pelo regime de vida, dos negros vizinhos, de crescimento mais alto e de cultura baseada na lavoura ou no pastoreio. Essas diferenças raciais e culturais persistem até os nossos dias, embora há algum tempo numerosas tribos de negros tenham invadido a zona da mata, estabelecendo-se bem perto dos aborígenes de baixo crescimento. Ignoram-se os motivos pelos quais essas tribos negras deixaram a estepe aberta, procurando o *habitat* úmido e escuro da mata tropical. Em todo caso, os dois grandes grupos raciais coexistem hoje em seu interior, situação essa que não deixou de levar a influências culturais mútuas[8].

Em época bem recente, vários setores dêsse imenso espaço foram percorridos e explorados por viajantes europeus. Em tôda parte encontraram-se ainda os decendentes das primeiras populações, que aí vivem desde tempos imemoriais. Mas verificou-se também que os grupos ocidentais apresentam umas tantas diferenças somáticas em comparação com os que se encontram a leste; os primeiros são, por exemplo, de estatura um pouco maior, pele mais escura e constituição geral mais robusta. Por observadores superficiais, como, por exemplo, Paul Schebesta, êsses fenômenos têm sido interpretados, sem mais nem menos, como produto de mestiçagem com negros, afirmação que, juntamente com outros antropólogos, demonstrei ser inteiramente errada[9]. Surge então o problema: Podem aquêles grupos ocidentais ser considerados verdadeiros pigmeus? Como vimos, o têrmo "pigmeus" nada mais representa, na antropologia atual, do que uma categoria de grandeza ou tamanho, com referência a um único caráter racial. Por conseguinte, a maioria dos grupos ocidentais dos primitivos habitantes das selvas deve ser caracterizada como "pigmóides", de vez que a estatura média dos homens ultrapassa de poucos milímetros o limite de 150 cm. Já que adotamos o esquema classificatório acima referido, incluímos a maioria dos grupos ocidentais na categoria dos "pigmóides", simplesmente em atenção à média de sua estatura somática, embora em todos os demais caracteres físicos, como em todo o equipamento cultural, se identifiquem plenamente com os verdadeiros pigmeus, que em alguns lugares são os seus vizinhos imediatos. A fim de evitar os inconvenientes do emprêgo das duas denominações, decidi, juntamente com outros bons conhecedores dos naturais da África tropical, servir-me do têrmo "Twides". Em resumo, êste conceito genérico abrange tôdas as divisões daquela enorme massa de primeiros habitantes da selva que em seus caracteres somáticos e suas peculiaridades culturais se afastam nítida e consideràvelmente dos negros[10].

Diferenças regionais nos traços somáticos dessa massa extraordinàriamente populosa de pequenos homens da floresta tropical me induziram a distinguir as seguintes três divisões:

1. os Twides orientais, na bacia do Rio Ituri: os Bambuti;

2. os Twides meridionais, no território dos grandes lagos: especialmente os Twa em Ruanda e Urundi, além de pequenos grupos na vizinhança;

3. os Twides ocidentais, na parte oeste da selva tropical, começando mais ou menos no meridiano de Stanleyville: sobretudo os Binga, Gnielli, Txwa, Bongo, Akoa e numerosas tribos menores.

Todos êsses grupos estão isentos de mestiçagem. Ninguém nega haver casos esporádicos de cruzamento com negros, ora mais, ora menos freqüentes, segundo a região. Mas a grande massa é constituída de genuínos Twides, de origem biogenética independente, perfeitamente distintos dos negros, que entraram na área em época posterior.

A descrição sumária apresentada neste artigo refere-se principalmente aos Twides orientais, grupo em que uns tantos caracteres peculiares se manisfestam de forma sobremodo acentuada. Antes de mais nada, é surpreendente a estatura física muito baixa, cuja média, segundo as mensurações por mim realizadas, importa em 1449,5 mm nos homens e em 1382,1 mm nas mulheres. A mulher mais baixa por mim encontrada era mãe de dois filhos e media apenas 1200 mm de altura. Sôbre a base dêses números, confirmados, aliás, por alguns outros pesquisadores (Czekanowski, Schebesta), pode-se indicar êsses Twides orientais como a raça de estatura absoluta mais baixa de tôda a humanidade, quer pré-histórica, quer atual. Inconfundíveis são as proporções esquélicas, ou seja, a relação entre a estatura total e o comprimento do tronco retangular, de um lado, e, do outro, entre essas duas medidas e o comprimento dos membros superiores e inferiores, respectivamente. Em suma: uma cabeça demasiado volumosa assenta sôbre o corpo baixo; comparados com o tronco, os braços aparecem muito longos e as pernas muito curtas. O índice cefálico dos homens é 76,47, o das mulheres 76,30, aproximando-se, pois, ambos os sexos do limite inferior da mesocefalia.

Alguns traços da face constituem caracteres exclusivos no mais rigoroso sentido da palavra. A testa, alta e larga, é sempre vertical; na maioria dos adultos, tôda a parte central chega a salientar-se em forma de convexidade harmônica. Os lineamentos do rôsto predominantes correspondem ao redondo-ovalado, notando-se, porém, ao lado desta, tôdas as formas de transição para o círculo e para a elipse. O segmento superior da face é alto, intercalando-se entre êle e o inferior, igualmente longo, um segmento médio extraordinàriamente reduzido. Os globos oculares salientam-se bastante das órbitas, de onde a impressão de olhos muito grandes, inquietos e hirtos. A iris tem côr castanho-escura bem uniforme. O nariz chama a atenção pela forma e pelo tamanho: sempre curto, baixo e extraordinàriamente largo; a secção óssea, muito rasa, e a parte cartilaginosa, muito espêssa e larga. Há pessoas em que a distância entre

os alares excede de poucos milímetros o comprimento da bôca: é êste um traço inexistente em qualquer outra raça humana. Não menos raro do que o nariz em forma de botão (*Knopfnase*) é o tipo que se caracteriza pela forma de funil. O lábio superior tegumentar, além de alto, salienta-se convexo. A mucosa labial, sempre entre delgada e média, apresenta coloração rosa viva. É exatamente pelos caracteres mencionados em último lugar que os nossos pigmeus se distinguem perfeitamente dos negros. Mas também a pilosidade abundante, que lhes reveste o corpo todo, e, finalmente, a côr da pele, entre amarelo-clara e pardo-amarelada, entram na categoria dos traços diferenciais. Ainda outras peculiaridades somáticas poderiam ser mencionadas no mesmo sentido, como, por exemplo, a fórmula dos grupos sangüíneos e os tipos de linhas papilares. Tudo isso, em conjunto, caracteriza os Twides orientais como raça distinta[11].

Em essência, os Twides ocidentais e, mais ainda, os meridionais ostentam o mesmo tipo racial[12]. Como vimos, os Twides da região oeste da grande selva tropical são de constituição um pouco mais robusta, em média alguns milímetros mais baixos e de pele sempre mais escura do que os Twides orientais. Por conseguinte, assenta-lhes, a uns e outros, a qualificação de variante local.

A totalidade dos três grandes grupos de Twides é absolutamente normal, quer do ponto de vista físico, quer do psíquico. De outra forma não teria sido possível a êsses silvícolas sobreviverem vitoriosos em tão hostil ambiente geográfico. O seu tipo físico se adapta magnìficamente às condições particulares da selva em que vivem, resultado, provàvelmente, de seleção natural sobremodo rigorosa. No quadro variado das raças humanas o grupo dos Twides ocupa um lugar especial; em todo caso, falta-lhe qualquer liame biogenético estreito com outros grupos, de pigmeus e pigmóides da África e da Ásia. E possui sòmente uns poucos caracteres em comum com a massa polimorfa dos negros genuínos. Não há, por isso, motivo algum para caracterizá-los como "négrilles", ou "negrilhos", denominação esta que, por ser fonte de equívocos, deveria finalmente ser eliminada. Todavia, em atenção aos poucos caracteres que possuem em comum, reuno todos os Twides e a grande massa dos negros genuínos no ramo racial afro-négrida.

4. *Características culturais dos Twides*

O *habitat* inconfudível dos Twides não lhes permite outra forma econômica senão a chamada economia extratora da coleta e da caça primitivas. Vivem em estreita dependência da natureza e, não produzindo coisa alguma, recebem apenas o que esta lhes oferece espontâneamente. E como a selva contém apenas escassos alimentos utilizáveis, os seus habitantes não sabem o que é fartura; várias vêzes, no decorrer do ano, passam fome por período mais ou menos prolongado. Segundo uso antiqüíssimo, todos os trabalhos se repartem pelos dois sexos, no interior do grupo fami-

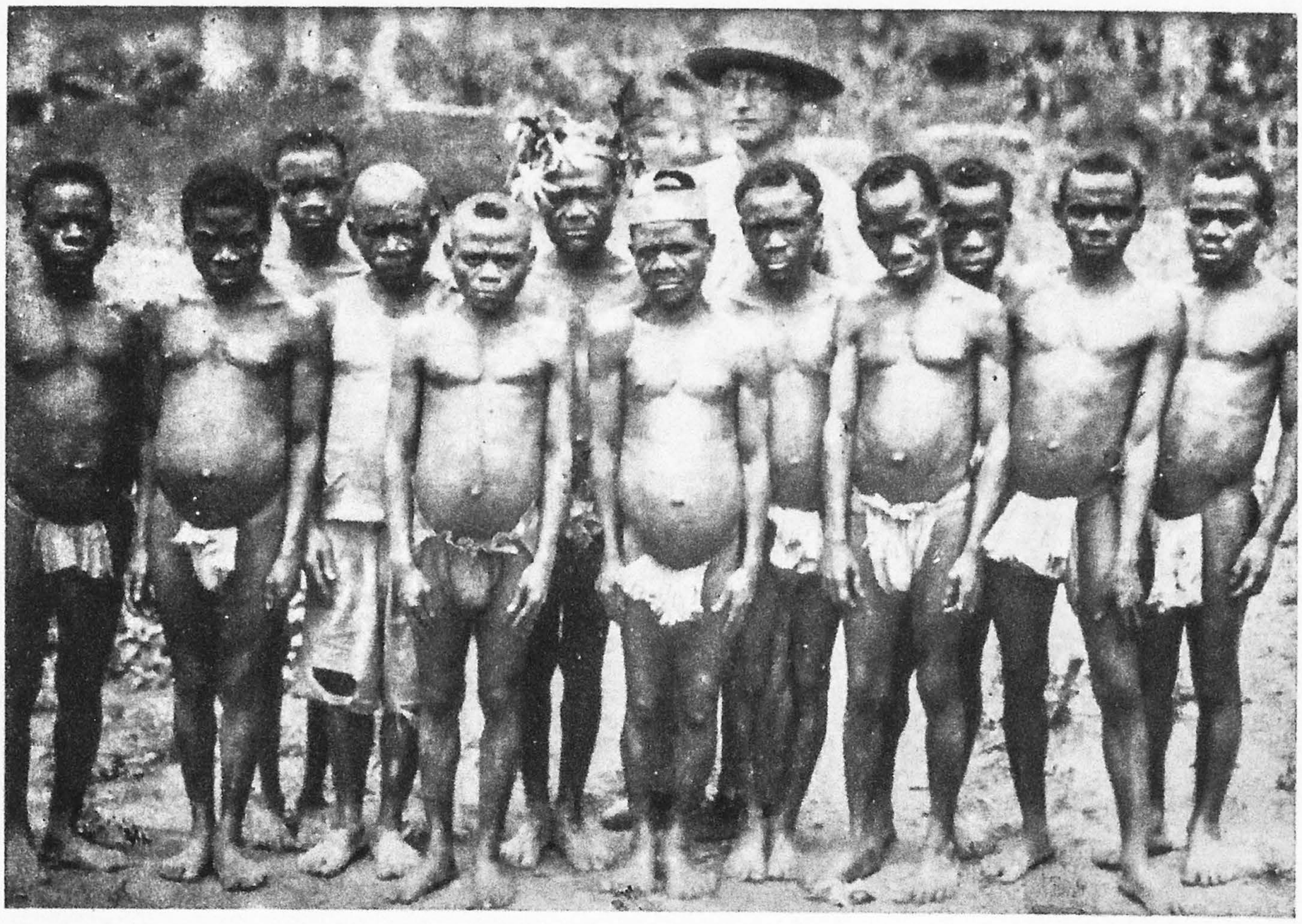


Fig. 1 — O autor com um grupo de homens pigmeus

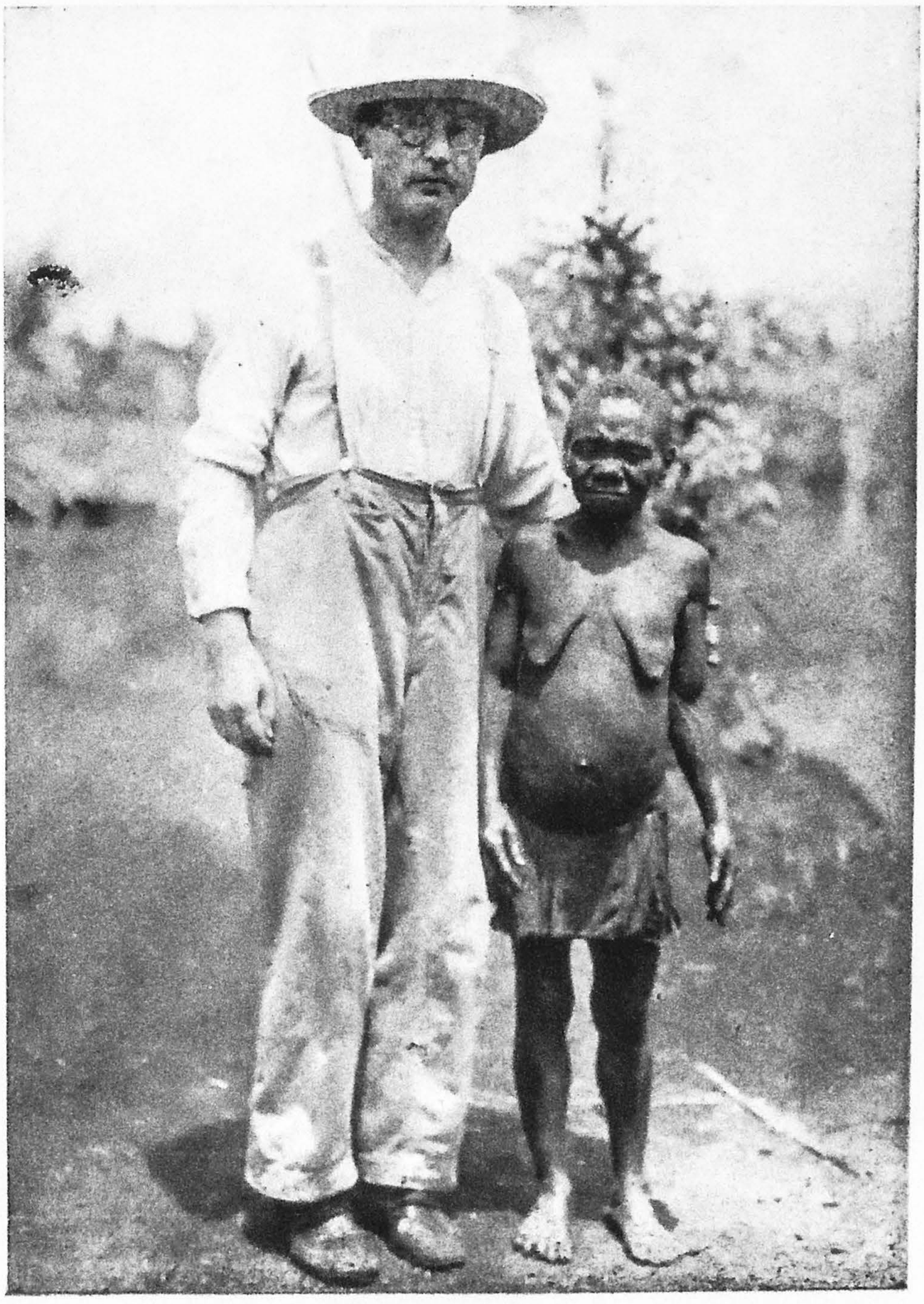


Fig. 2 — O autor com mulher pigméia

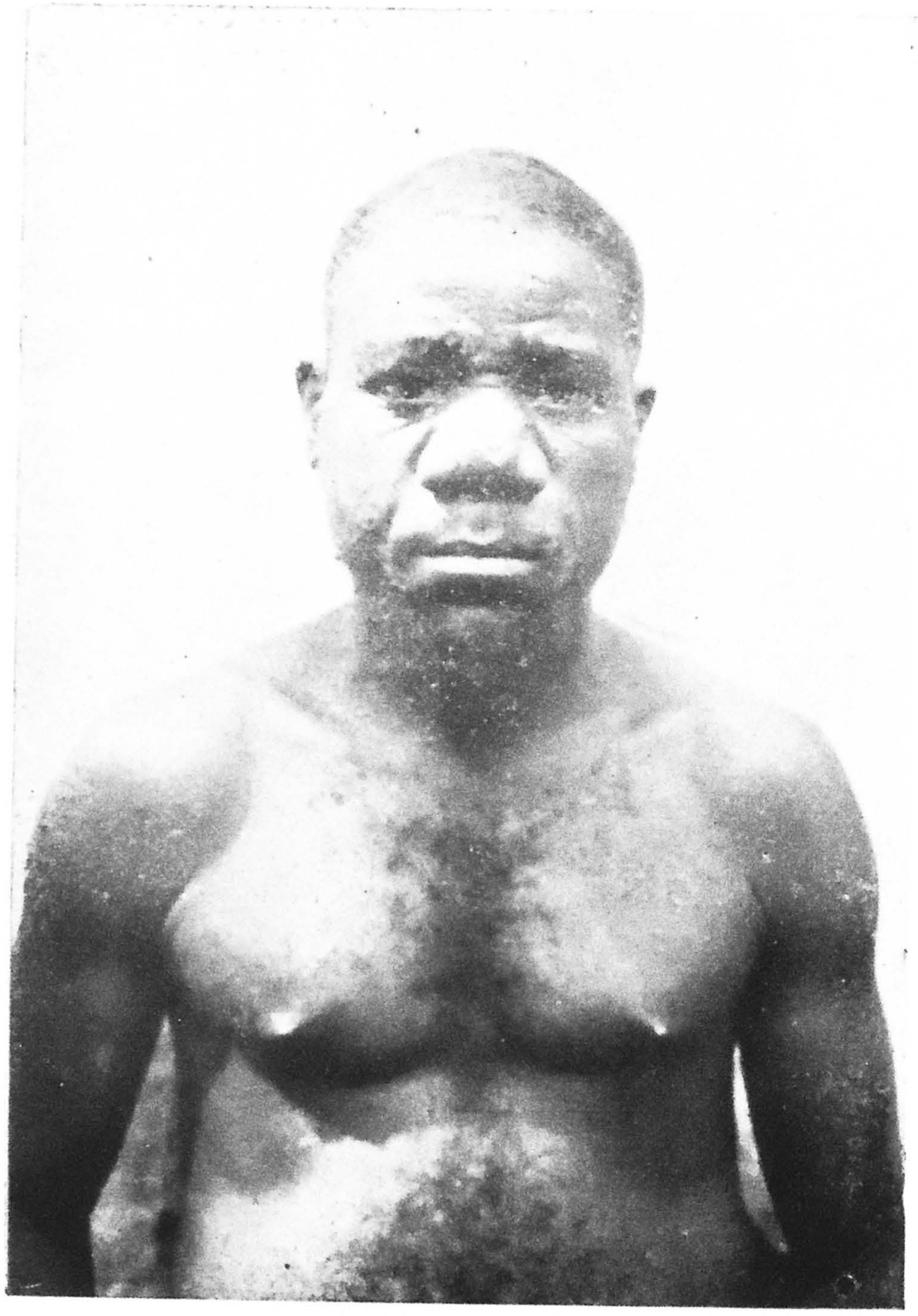


Fig. 3 — Homem de 40 anos de idade

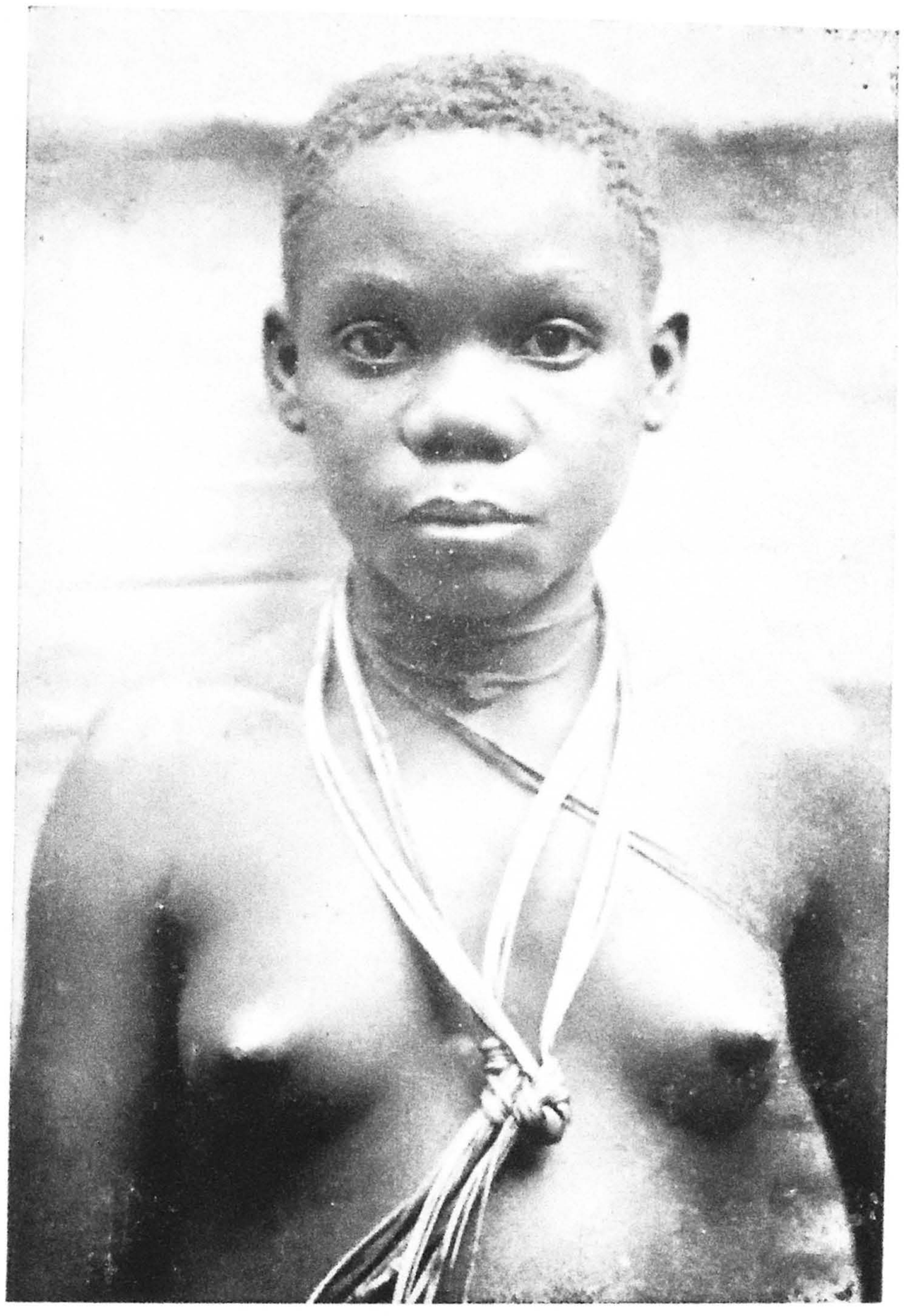
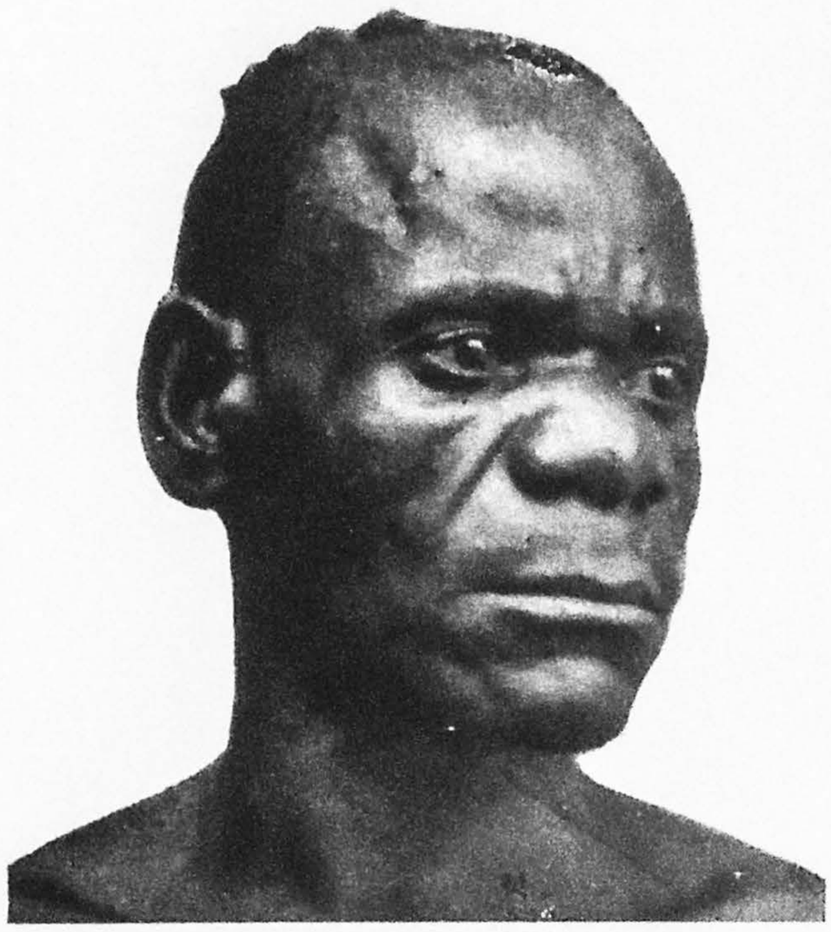


Fig. 4 — Jovem de 15 anos de idade







Figs. 5-7
Homens pigmeus



Figs. 8-9
Jovens pigméias



Fig. 10
Cabanas à beira da selva



Fig. 11
Forma da cabana



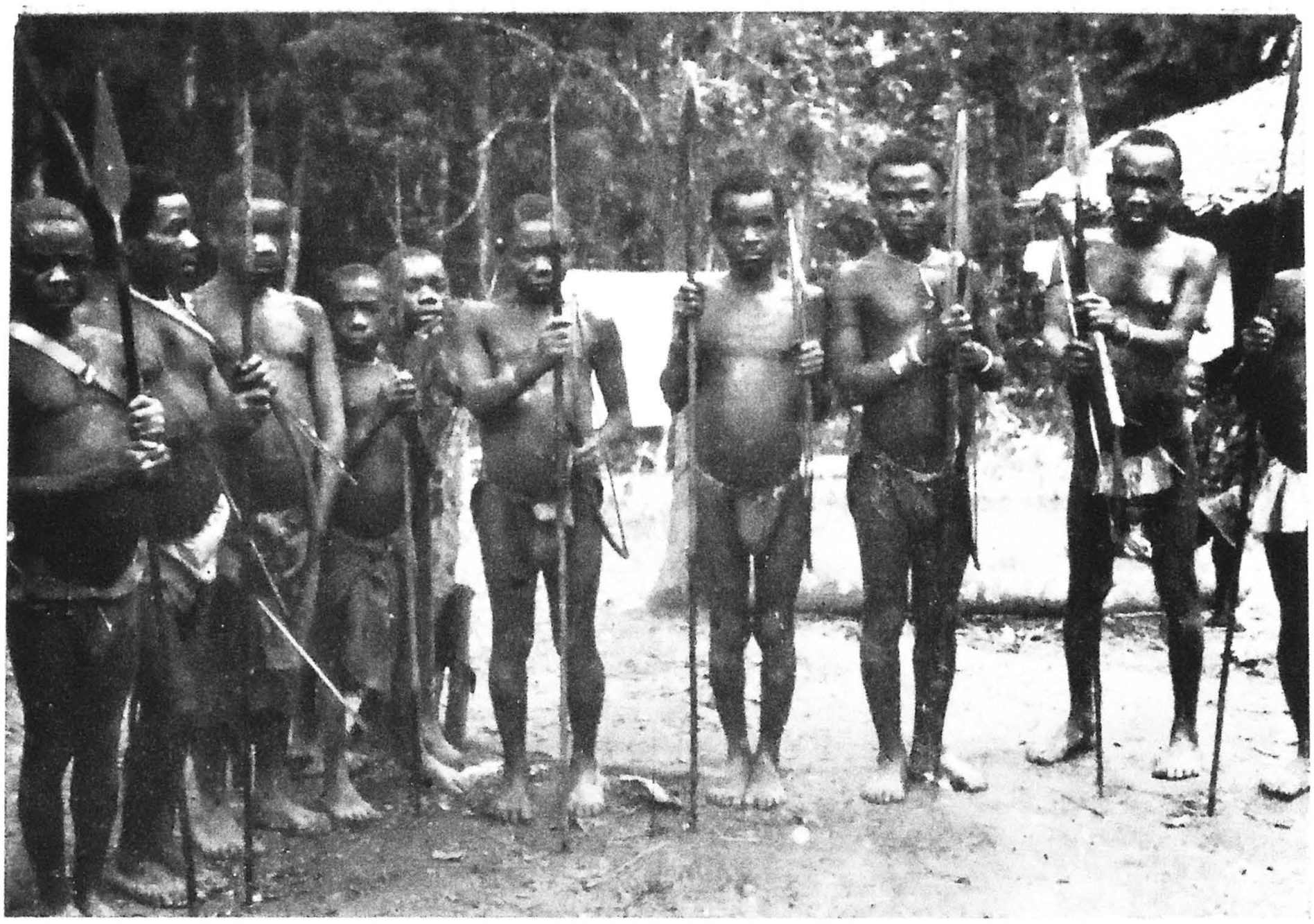


Fig. 12 — Homens com armas de caça



Fig. 13 — Mulher carregando lenha

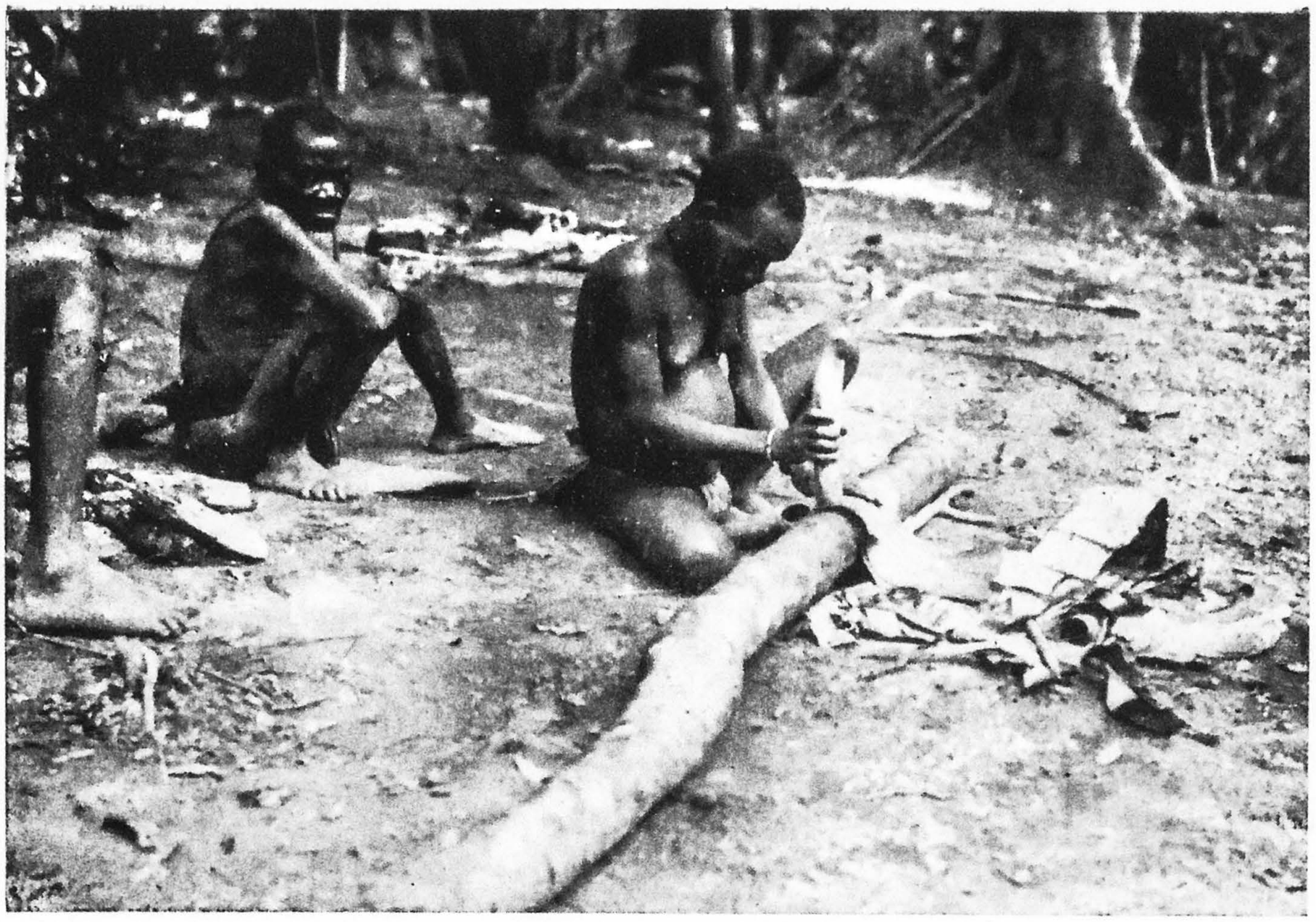


Fig. 14 — Batendo a entrecasca para confecção de tangas.

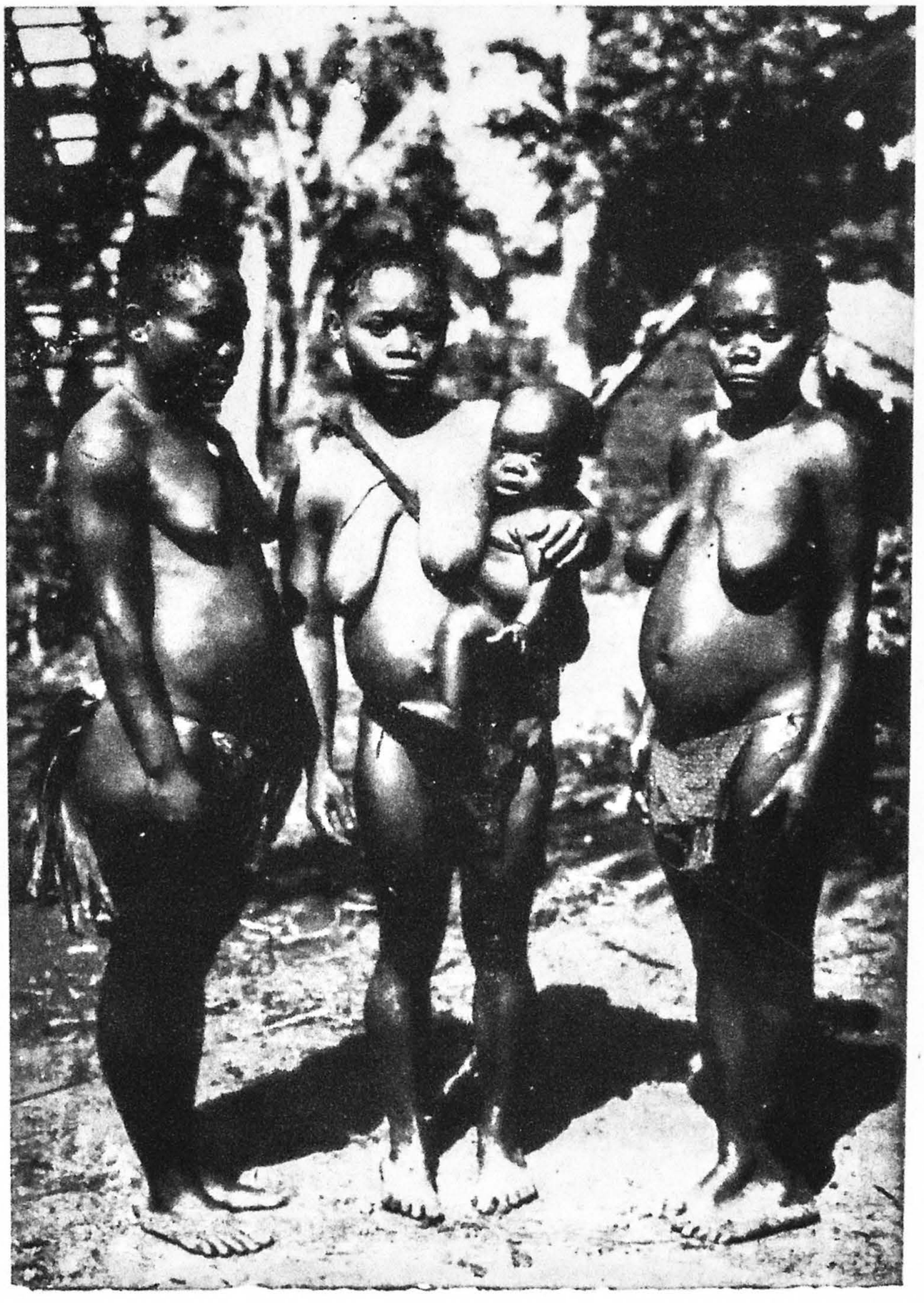


Fig. 15 -
Todos os adultos
usam tanga.



Fig. 16 — Dança recreativa, realizada tôdas as noites



Fig. 17 — Sacrifício em homenagem à divindade. Mata-se uma ave cujo sangue goteja sôbre as armas colocadas no chão.

lial, de modo a não haver sobrecarga para um ou outro. O homem se dedica à caça, saindo diàriamente à perseguição das pequenas antílopes. Um ou outro caçador, mais ousado, persegue até o gigante da floresta, o elefante, conseguindo afinal matá-lo após grandes esforços. Não raro, todos os homens do clã partem para uma caçada coletiva, que sempre dá bom resultado. Por seu turno, as mulheres cuidam da coleta de alimentos vegetais e da captura de animais de pequeno porte, recolhendo tudo o que de alguma forma se possa comer. Como êsses habitantes da floresta não fabricam vasos de cerâmica, os alimentos se assam sôbre a brasa e no borralho. Não conhecem estimulantes, nem bebidas alcoólicas. A fogueira da choça lhes garante a indispensável proteção nas noites úmidas e frias. E é surpreendente o fato de não produzirem o fogo; tôda vez que se muda o acampamento, pelo menos uma das pessoas leva uma acha acesa em uma das extremidades, a fim de se poder acender outra fogueira no acampamento seguinte.

Êsses aborígenes irrequietos não podem estabelecer-se em aldeamentos fixos. Como habitação basta-lhes, por isso, uma choça, em forma de cúpula, feita de algumas varas, cobertas de poucas folhas grossas e duras. Tal cabana os abriga pelo espaço de uma ou, no máximo, três noites, que maior não é o período que os prende a um lugar determinado. Qualquer forma de indumentária lhes seria prejudicial e muito incômoda. Não obstante, tôda pessoa adulta, bem como as crianças bastante crescidas, usam uma tanga simples; tal o exige o pudor, que se lhes impõe como sentimento bem manifesto. Mulheres e moças contentam-se com poucos adornos, bem simples. E quanto a mutilações do corpo, cicatrizes ornamentais ou coisa parecida, não as conhecem êsses modestos silvícolas. As suas armas se reduzem, em geral, ao arco e às flechas de ponta ervada, numa aljava de couro. Alguns homens possuem também um dardo de madeira dura, isto é, uma simples vara apontada em uma das extremidades. Compreende-se que os objetos da cultura material dêsses primitivos nômades sejam pouquíssimos; do contrário, dificultariam as caminhadas diárias. Na confecção dos diferentes utensílios se empregam apenas madeira e osso, couro e chifre, fibras animais e vegetais, dentes de animais e sementes duras, nunca, porém, pedra.

A estrutura social dos Twides corresponde à simplicidade da vida econômica. O fundamento é o grupo familial, a que talvez se deva chamar de clã, e que se constitui da frouxa associação de 5 a 12 famílias elementares. O clã é uma unidade econômica, que tem o fim de garantir o auxílio mútuo e de reforçar a segurança individual de cada pessoa. Não se subordina a chefe algum, nem à autoridade de um sacerdote ou mago. Todo o clã possui um distrito bem delimitado, no qual sòmente os seus membros têm o direito de caça e coleta. Distinções de classe e outras quaisquer formas de estratificação social são inteiramente desconhecidas. Tampouco existem diferenciações sôbre a base de habili-

dades manuais; todo adulto tem de confeccionar, êle próprio, os utensílios de que necessite.

A família natural, composta de marido, mulher e filhos, constitui a única organização estável, mantida pela vida tôda. A monogamia é a regra geral; só por motivo especialíssimo se permite poligamia, excepcionalmente. Na juventude, homem e mulher se casam sôbre a base de livre escolha. O casal reconhece como objetivo principal de sua união a geração de numerosa prole e os cuidados educacionais dispensados a cada filho, a fim de torná-lo membro útil do clã. Cada família tem sua independência econômica, o que já se manifesta exteriormente no fato de construir a sua cabana própria e de habitá-la sòzinha. O casal precisa reunir tudo o que necessite para si e para os filhos. Em conseqüência da divisão tradicional de todos os trabalhos realizados em benefício da comunidade familial, o homem depende sempre da mulher e vice-versa. De vez que a mulher contribui de modo notável para o bem-estar da família, goza de consideração, usufruindo direitos quase iguais aos do marido. O amor sincero que leva à união dos cônjuges, continua fundamentando também a sua harmoniosa colaboração pela vida afora.

No espírito dêsses silvícolas está profundamente arraigado o desejo de ter filhos, aos quais cada adulto dedica imenso carinho. Em virtude das difíceis condições de existência, é infelizmente elevada a mortalidade infantil. A grande fertilidade das mulheres pigméias compensa, entretanto, as enormes perdas. Numa idade que varia entre os 14 e 18 anos, os jovens de um e outro sexo, atingida a maturidade psíquica, são obrigados a passar pelos ritos de iniciação pubertária, durante os quais são instruídos principalmente nos trabalhos e em tôdas as obrigações da vida adulta. As crianças pigméias são sempre alegres, satisfeitas e dispostas a brincar.

Na mentalidade dêsses aborígenes tem lugar de relêvo o conceito da propriedade privada e da propriedade grupal. Tudo o que alguém encontre ou produza, que obtenha através de caça ou coleta, pertence-lhe com exclusivo direito de usofruto. A distribuição da caça após as caçadas coletivas é feita segundo regras determinadas. Constitui lesão grave do direito de propriedade penetrar em distrito vizinho com o objetivo da aí procurar alimentos. Os Twides remontam a sua Divindade Suprema as leis e regras aceitas para vida comunitária e particular. Compreende-se que a existência transcorra em geral sem graves transtornos, embora não haja pessoa alguma investida de autoridade reguladora.

Poder-se-ia apresentar um quadro bem rico da vida espiritual dos Twides, extraordinàriamente desenvolvida, em contraste com a ordem econômica e social muito simples. É que a posse de bens materiais não é, de forma alguma, padrão adequado para a avaliação das energias psíquicas e o conteúdo da vida espiritual. Os Twides possuem considerável cópia de representações religiosas e míticas, de normas de vida e regras morais, experiências pessoais e tradicionais, diversões e prazeres estéticos. É evidente, por outro lado, que em muitos aspectos essa riqueza

espiritual se distingue consideràvelmente das manifestações correspondentes da cultura dos povos civilizados, por ser muito mais simples e, por certo, também mais natural.

Em um ou outro grupo a representação, originàriamente nítida, de um Ser Supremo como divindade criadora se obscureceu um pouco; não obstante, continua ativa. Essa divindade é uma personalidade autônoma, independente, portadora de nome próprio e de atributos divinos, como o sejam: a existência permanente, a onipresença, o direito de posse originário e exclusivo sôbre todos os animais da selva, bem como o poder ilimitado, em face do qual é impotente a totalidade dos homens. A êsse Ser Supremo cada pigmeu rende submisso o tributo de respeitosa homenagem, pela observância da lei moral que, emanando dêle próprio, está sob sua guarda. Por meio de orações e de verdadeiros sacrifícios pede-se-lhe proteção e auxílio. Nas regiões, porém, — especialmente em muitos distritos dos Twides ocidentais — em que sob a influência dos negros a noção clara do Ser Supremo se obliterou em maior ou menor grau, o primeiro plano do mundo das representações cabe a genuínas personificações das fôrças da natureza, como também a personagens ancestrais e ao herói civilizador. Os Twides têm a convicção de que a existência da alma humana se prolonga além-túmulo, se bem que não tenham idéia das condições dessa sobrevivência[13].

A sua tradição mítica explica principalmente a origem dêste mundo e as características externas dos animais da floresta[14]. Divertem-se quase tôdas as noites com danças coletivas e jogos mímicos, em que revelam admirável capacidade de imitação. Profundos conhecedores da mata virgem, do mundo vegetal e animal ambiente, não lhes escapa à atenção sempre desperta nenhum pormenor, por insignificante que seja. As suas habilidades técnicas, muito limitadas, mas bem desenvolvidas, auxiliam-nos na luta vitoriosa contra as difíceis condições de existência.

Por fim cumpre mencionar o fato curioso de não ter sido possível, em nenhum dos muitos grupos de Twides, bastante populosos, determinar com segurança a existência de um idioma próprio. Na atualidade todos êles empregam a língua das tribos negras vizinhas, que em época remota penetraram na selva, onde conseguiram impor uma tutela mais ou menos rigorosa àqueles primitivos habitantes. Tal circunstância entretanto não pode servir de argumento a favor da idéia de que originàriamente os Twides não tenham tido idioma próprio.

5. *O futuro dos Twides*

É incalculável o número de milênios decorridos desde que a singular população dos Twides ocupou a floresta tropical. O certo é que em época recente se demonstrou não sòmente o fato de se tratar de homens extraordinàriamente bem adaptados a seu estranho ambiente, como também o de terem criado uma forma cultural de tal modo adequada

à vida nessas condições naturais que deliberei caracterizá-la como "optimum adaptationis". Quanto à questão de se saber quando e sob o influxo de que fatôres externos vieram a constituir o tipo racial que apresentam hoje em dia e que já apresentavam na época em que os conheceram os antigos egípcios, não o conseguem explicar, por enquanto, a biologia racial e a genética[16]. Como quer que seja, não há dúvida de que a selva tropical quente e úmida constitui o seu *habitat* natural; a tal ponto que chego a afirmar: "Sem floresta tropical não haveria pigmeus".

O seu número atual pode ser determinado apenas aproximadamente. Avalio em uns 32 a 35 mil os Twides orientais, de há muito conhecidos como "os Bambuti", em 9 mil os meridionais; para os Twides ocidentais, em parte ainda não estudados, as estimativas variam entre 60 e 90 mil. Todos êles se caracterizam por uma resistência física satisfatória às inóspitas condições externas do ambiente em que vivem. Pessoas com enfermidades venéreas ou tuberculosas não as encontrei entre os Twides orientais, nem entre os meridionais. Desde o fim da última guerra mundial a técnica moderna e os interêsses europeus avançam selva a dentro com extrardinário poder transformador, pondo em perigo a milenar forma de existência de seus primitivos habitantes. Para as autoridades coloniais dêsses territórios resulta daí a importante tarefa de manterem afastados dos Twides tôdas e quaisquer influências nefastas, salvaguardando para o futuro o alto valor biológico de que são portadores êsses homens tão vantajosamente adaptados ao clima quente e úmido da floresta virgem.

NOTAS

1) M. Gusinde und F. Lauscher: Meteorologische Beobachtungen im Kongo-Urwald. Sitzgsber.d.Akademie der Wissenschaften in Wien; Bd. 150, pp. 271-347. Wien 1941.

2) Wihelm Schmidt: Die Urkulturen: "Ältere Jagd- und Sammelstufe. In: Fritz Kern: Historia Mundi. Bd. I, pp. 375-501. Bern 1952.

3) Wilhelm Schmidt: Die Stellung der Pygmäenvölker in der Geschichte der Menschheitsentwicklung. Stuttgart 1910.

4) A longa história do estudo de todos os pigmeus africanos vem minuciosamente exposta em M. Gusinde: Die Kongopygmäen in Geschichte und Gegenwart. Nova Acta Leopoldina, Nr 76, Bd. 11. Halle (Saale) 1942.

5) M. Gusinde: Pygmäen und Waldneger im tropischen Afrika. Archiv für Völkerkunde. Bd. IV, pp. 1-23. Wien 1949.

6) Emil Schmidt: Die Grösse der Zwerge und der sog. Zwergvölker. Globus Bd. 87, pp. 121-125. Braunschweig 1905.

7) Os antropólogos de formação profissional adotam esta classificação. Desejo apenas mencionar a opinião inteiramente isolada do explorador Dr. P. Schebesta, autor, aliás, de trabalhos de valor. Considera o grupo oriental dos pequenos habitantes do Congo Belga, isto é, os pigmeus da região do Rio Ituri, como os "pigmeus standard" — conceito inteiramente desconhecido e imprestável na biologia e na antropologia. Para o mesmo autor, além disso, êsses primitivos constituiriam o único grupo racial a que conviria a denominação de "pigmeus". Por fim, é inteiramente isolada a sua interpretação da forma racial dos Twides ocidentais; não vale a pena

discutir aqui o assunto. Veja-se a sua obra mais recente: Les Pygmées du Congo Belge (Bruxelas, 1952), onde vêm enumeradas tôdas as publicações anteriores.

8) M. Gusinde: Pygmäen-Neger-Bastarde im östlichen Kongo-Gebiet. Zs. f. Morphologie und Anthropologie.Bd. 40, pp. 92-148. Stuttgart 1942.

9) H. V. Vallois: New Research on the Western Negrilles. Americ. Journal of Phys.Anthropology. Vol. 20, pp. 449-471. Philadelphia. 1940.

10) M. Gusinde: Benennung der afrikanischen Pygmäengruppen. Mitt. d. Geographischen Gesellschaft in Wien. Bd. 88, pp. 47-53. Wien 1945. P. Schumacher: Encore les Twides. Zaïre, vol. 3, pp. 1023-26. Bruxelles 1949.

11) M. Gusinde: Urwaldmenschen am Ituri. Anthropo-biologische Forschungsergebnisse bei Pygmäen und Negern im östlichen Belgisch-Kongo aus den Jahren 1934/35. Wien 1948.

12) P. Schumacher: Die Kivu-Pygmäen (Twiden). 2 Bde. Bruxelles 1949. M. Gusinde: Die Twa-Pygmäen in Ruanda. Wien-Mödling 1949.

13) Exposição minuciosa da cultura espiritual de todos os Twides é dada pelo P. Wilhelm Schmidt: Ursprung der Gottesidee, vol. IV. Münster i. W., 1953.

14) Cf. P. H. Trilles: Les Pygmées de la grande Sylve Ouest-Equatoriale. Paris-Münster 1952.

15) D. Westermann: Die Sprache der Pygmäen. Zs. f. Phonetik und allgemeine Sprachwissenschaft. Berlin 1951.

16) Eugen Fischer: Über die Entstehung der Pygmäen. Zs. f. Morphologie und Anthropologie. Bd. 42, pp. 149-167. Stuttgart 1950. Die genetische Seite des Pygmäenproblems. Mitt. d. Anthropolog. Gesellschaft in Wien. Bd. 83, pp. 107-114. Wien 1954.

(*Tradução de Egon Schaden*)

OS ESTUDOS DE COMUNIDADES NO BRASIL*

Oracy Nogueira
Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Por "estudos de comunidades" temos em vista aquêles levantamentos de dados sôbre a vida social em seu conjunto, relativos a uma área cujo âmbito é determinado pela distância a que se situam nas várias direções, os moradores mais afastados do centro local de maior densidade demográfica, havendo entre os moradores do núcleo central e os da zona circunjacente, assim delimitada, uma interdependência direta para a satisfação de, pelo menos, parte de suas necessidades fundamentais.

As relações sociais — no sentido mais amplo dêste adjetivo — são mais freqüentes e intensas entre os integrantes da mesma comunidade que entre os de duas diferentes comunidades, mesmo vizinhas. Os membros de uma comunidade se distinguem, portanto, pelo seu maior conhecimento recíproco, pela participação num repertório comum de experiências relativas ao habitat, às pessoas e instituições locais e pela conseqüente consciência grupal que os contrasta com outros grupos populacionais.

Relação dos estudos de comunidades realizados ou em andamento no Brasil

Embora a designação se possa aplicar com igual, se não com maior propriedade aos estudos de agrupamentos indígenas, mais ou menos isolados, dotados de língua e instituições peculiares, o presente relatório se limitará à consideração dos estudos de agrupamentos de população situados em diferentes pontos do País, porém, que, não obstante tôdas as peculiaridades locais, estão integradas na estrutura social nacional, participando das mesmas instituições básicas e do lastro comum de tradições que caracterizam a nação. Ao estudo de grupos populacionais integrados em complexas estruturas nacionais, mais que ao de grupos indígenas relativamente isolados, é que se tem aplicado a designação; e a aplicação de tal perspectiva metodológica, no caso dos primeiros, suscista problemas e dificuldades especiais.

(*) Comunicação feita na 1a. *Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, 8-14 de novembro de 1953.

Quatro estudos de comunidades, realizados no Brasil, já se encontram publicados:

1) o de Emílio Willems, *Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura rural do Brasil,* São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, 1947;

2) o de Lucila Herrmann, "Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos", *Revista de Administração* (Instituto de Administração, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Universidade de São Paulo), Ano II, Março-Junho de 1948, N.os 5-6, páginas 1-326;

3) o de Donald Pierson, *Cruz das Almas, A Brazilian Village,* Washington, Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication N.º 12, 1951;

4) o de Charles Wagley, *Amazon Town, A Study of Man in the Tropics,* New York, The Macmillan Company, 1953.

Em vias de publicação ou em conclusão, podem ser mencionados os seguintes:

5-6-7) os três estudos em diferentes zonas ecológicas do Estado da Bahia, iniciados em julho de 1950, com prosseguimento durante o ano de 1951, em programa de cooperação entre a Secretaria da Educação e Saúde do Estado da Bahia e o Departamento de Antropologia da Columbia University, de New York, sob a direção de Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luiz A. Costa Pinto[1];

8-9-10-11-12) o estudo de cinco pares de comunidades, no vale do Rio São Francisco, sob a direção de Donald Pierson e sob o patrocínio da Comissão do Vale do São Francisco;

13) o estudo de Oracy Nogueira, no município de Itapetininga, no Estado de São Paulo;

14) o estudo de Bernard J. Siegel, de uma comunidade nas vizinhanças das capital do Estado de São Paulo[2];

15) o estudo de Esdras Borges Costa, numa vila situada na Ilha de Santa Catarina, no Estado do mesmo nome.

Temos, ainda, notícia de 2 estudos em andamento;

16) o de Cabo Frio, no Estado do Rio, com a participação de D. Heloisa Alberto Torres e outros técnicos, sob o patrocínio do Museu Nacional;

17) o de Chonim, no Estado de Minas Gerais, por Alfonso Trujillo Ferrari.

Os 17[2a] estudos se referem, pois, a comunidades localizadas desde a bacia amazônica, ao norte (Estado do Pará), até o Estado de Santa Catarina, ao sul. Com efeito, são os seguintes os Estados em que se encontram

as comunidades já estudadas ou em estudo: Pará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Dos estudos publicados, o de Emílio Willems diz respeito a um município de 27.000 habitantes, dos quais 1.500 vivem na sede; o de Lucila Herrmann, a um município de 30.000, dos quais 15.000 vivem na parte urbana; o de Donald Pierson, a uma vila, cujo distrito compreende 2.700 habitantes, dos quais três centenas vivem na sede; o de Charles Wagley, a um município de 6.000 habitantes, dos quais 500 vivem na sede, à qual estão diretamente ligados outros 1.500, o que dá para a "comunidade", pròpriamente dita, 2.000. As comunidades estudadas na Bahia, no programa da Secretaria da Educação e Saúde e Columbia University, contam, cada qual, com cêrca de 1.500 a 2.500 habitantes na sede e de 4.000 a 5.000, no total[3]. A população da sede, nas comunidades estudadas no vale do Rio São Francisco, sob a direção de Donald Pierson, varia de cêrca de 700 a cêrca de 4.000, enquanto a população total vai de, aproximadamente, 9.000 a 38.000. A comunidade estudada por Oracy Nogueira conta com cêrca de 35.000 habitantes, dos quais 15.000 na parte urbana; e a de Bernard J. Siegel, com 20.000 e 900 habitantes, respectivamente; a de Edras Borges Costa, cêrca de 2.500, dos quais 1.000 na sede. A comunidade em estudo pela equipe do Museu Nacional, no Estado do Rio, conta com um total de cêrca de 3.000 habitantes[4] ; a de Alfonso Trujillo Ferrari, cêrca de 3.000, ao todo, e 400 na sede.

Enfim, as comunidades estudadas ou em estudo compreendem desde simples sedes de distritos, com algumas centenas de habitantes, até sedes de comarca com 15.000 habitantes urbanos, indo os habitantes rurais de 2 até aproximadamente 40 milhares. A economia dessas comunidades é predominantemente rural, compreendendo a agricultura, a pecuária e a indústria extrativa vegetal e animal; porém, no total da população colhida pelos estudos referidos, as ocupações urbanas — a burocracia, o proletariado, as chamadas profissões liberais, o comércio, etc. — estão reinterêsse, da energia e dos recursos com que contarão os especialistas que, lhes cabe no conjunto da população nacional.

Cremos que as informações até aqui apresentadas bastam para mostrar a importância que vão assumindo os chamados "estudos de comunidades", no Brasil, verdadeiro movimento intelectual, o mais vigoroso, até o momento, na história da pesquisa sociológica no País e, ao que tudo indica, com tendência a absorver uma parte cada vez mais considerável do interêsse. da energia e dos recursos com que contarem os especialistas, que, no futuro imediato, se empenharem no levantamento de dados sistemáticos para o conhecimento da realidade nacional.

Vejamos, pois, no âmbito nacional, o que se espera desta perspectiva metodológica, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista prático.

Contribuição teórica dos estudos de comunidades

Do ponto de vista teórico, espera-se que os estudos de comunidades, à medida em que se multipliquem, forneçam um complemento e, em certo sentido, um corretivo aos estudos de caráter analítico, por proverem uma visão de conjunto, funcional, da vida social, através da consideração e interpretação de dados sincrônicos e diacrônicos referentes ao mesmo *locus* geográfico, isentos, pois, tanto quanto possível, quer da interpolação de dados reais extra-locais, quer do preenchimento de lacunas do material por via de conjetura.

Além disso, trazendo ao primeiro plano a observação direta da vida dos indivíduos, com seu comportamento verbal e suas atitudes, sua atuação recíproca, seu comportamento tradicional e suas improvisações, suas convicções e suas racionalizações, os estudos de comunidades desvendam um importante aspecto da realidade social que ou escapa de todo ou é minimizado quando se adotam outras técnicas ou perspectivas que levam a uma apreensão dessa realidade pelos seus aspectos mais externos e quantitativos. Em outras palavras, os estudos de comunidades permitem um exame mais adequado das manifestações subjetivas e inter-individuais da vida social, revelando a tendência do grupo a perpetuar seus valores tradicionais ou a abandoná-los e a substituí-los por outro sistema de valores; enfim, a reproduzir a própria vida social, indefinidamente, tal qual é, ou a deixá-la mudar, quer numa atitude de indiferença ou mero consentimento, quer pelo empenho consciente em prol do advento de novas condições de vida vislumbradas e desejadas.

Contribuição prática dos estudos de comunidades

Do ponto de vista prático, espera-se que os estudos de comunidades, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado e mais minucioso da realidade nacional, permitam uma eficiência maior ao trabalho de todos aquêles técnicos que, pelo caráter de suas atividades, são, ao mesmo tempo, agentes de mudança social e cultural: o agrônomo, o médico, especialmente o sanitarista, o educador e outros. A visão funcional que os estudos de comunidades proporcionam da vida social parece sugerir espontaneamente a necessidade de uma ação coordenada e cooperativa dêsses diferentes especialistas, quando tenham de atuar na mesma área e sôbre o mesmo grupo populacional.

Além do exposto, pode-se esperar que os estudos de comunidades, suscitando no espírito dos técnicos uma atitude mais compreensiva em relação às populações sôbre as quais tenham de atuar, os libertem, tanto quanto possível, de preconceitos que dificultam o desenvolvimento de uma recíproca simpatia, sem a qual tantas intenções generosas se retraem ao primeiro obstáculo, cedendo lugar a manifestações de impaciência e irritação, de decepção e derrotismo.

Até aqui, nossas referências têm sido ao que se pode esperar, sob o ponto de vista prático, dos estudos de comunidades, tendo-se em mira a atuação dos técnicos que, pelo caráter de suas atividades, são, ao mesmo tempo, agentes de mudança social e cultural. Não ha dúvida, porém, quanto ao fato de que a atuação dêsses técnicos pressupõe um planejamento para cujo sucesso também é de se esperar que os estudos de comunidades venham a contribuir consideràvelmente.

Os estudos de comunidades oferecerão ao administrador, ao político, ao homem de gabinete, aos habitantes das capitais e das grandes cidades, um quadro realista da vida dos pequenos e rústicos aglomerados do interior e da população rural, mostrando o seu lado dramático e humano, seus problemas e suas dificuldades, suas condições reais e suas aspirações, seus recursos e sua experiência.

Em outras palavras, à medida em que se multiplicarem, em que se divulgarem seus resultados e se obtiver, através de sua síntese, uma visão panorâmica mais adequada da realidade nacional, os estudos de comunidades poderão contribuir para uma correção parcial da tendência político-administrativa de se concentrarem os recursos disponíveis na solução dos problemas que afetam as populações dos centros de maior densidade, em detrimento dos que afetam a população rural e a dos menores e mais afastados núcleos demográficos.

Enfim, os estudos de comunidades já realizados ou em andamento têm revelado de modo insofismável que o desenvolvimento da produção, a melhoria das condições de saúde e educacionais, a curto prazo, sòmente se pode obter com a introdução de novos recursos na comunidade.

Objeções teóricas aos estudos de comunidades

A principal objeção que se pode fazer aos estudos de comunidades, do ponto de vista teórico, consiste na crítica já clássica de Durkheim ao método monográfico. Assim, a visão de conjunto da vida social de qualquer agrupamento humano de que até aqui temos falado está sujeita, necessàriamente, a um limite. Não se pode colher informações ou dados indefinidamente. Surge, pois, o problema de saber quais os dados a serem selecionados dentre a infinidade de dados possíveis.

A objeção é bastante séria e indica que não se pode colher dados a esmo, sem preocupação com um quadro teórico ou com hipóteses mais ou menos definidas. Variarão, portanto, os estudos de comunidades com a formação teórica e geral dos diferentes pesquisadores. Com efeito, se dois pesquisadores estudarem uma mesma comunidade, no mesmo período, porém independentemente, os resultados, provàvelmente, serão diversos.

A resposta que se pode dar a esta objeção é que o pesquisador, dotado de uma formação sistemática, há de estar ao par do repertório teó-

rico das diferentes ciências sociais e dos resultados de estudos anteriores realizados quer através da mesma perspectiva, quer sob outra orientação. Além disso, há que distinguir duas ordens de dados que a pesquisa poderá trazer à tona: 1) dados singulares, que se referem a situações definidas e únicas, de caráter estritamente descritivo; e 2) dados genéricos, que se referem a situações típicas, relativamente permanentes ou recorrentes. Uma permanência suficientemente longa em qualquer comunidade permitirá levantar dados da segunda categoria, que são os que mais interessam do ponto de vista científico.

Outra objeção aos estudos de comunidades consiste em negar que as conclusões a que êles levem se baseiem exclusivamente no material colhido. A esta objeção se pode dar uma resposta análoga à anterior. Tal como em outros domínios científicos, nas ciências sociais, igualmente, cada tentativa de avanço repousa não apenas na pesquisa atual, mas em todo o repertório anterior de conhecimentos. Assim, os resultados de um estudo de comunidade ou: 1) concordam com os de estudos análogos anteriores e se harmonizam com o repertório anterior de conhecimentos; ou 2) contradizem os resultados de pesquisas anteriores, exigindo confirmação posterior para a conseqüente extensão ou modificação daquele repertório de conhecimentos.

Enfim, outra resposta que se pode aplicar a ambas as objeções mencionadas está em que não se pretende assentar as ciências sociais nem exclusivamente nos estudos de comunidades, nem exclusivamente em estudos realizados sob outras perspectivas. No repertório comum de cada uma dessas ciências, os conhecimentos resultantes de estudos de comunidades terão de ser integrados com os resultantes de pesquisas em que se tenham empregado outros recursos.

Sem dúvida nenhuma, a ortodoxia no emprego da perspectiva de pesquisa de que estamos tratando pode levar a trabalhos de nível meramente descritivo e, portanto, cientìficamente improfícuos. Ademais, o emprêgo indiscriminado e exclusivo desta perspectiva pode levar ao escamoteamento de importantes fenômenos e a uma visão deformada da realidade social, especialmente quando se leva ao exagêro o artifício de considerar isolada e fechada em si mesma uma comunidade que, não obstante viverem seus componentes em interação mais intensa e em mais íntima dependência entre si, está, todavia, integrada numa estrutura social mais ampla e mais complexa, da qual tanto ou mais que de si mesma depende o seu destino.

Assim, o âmbito de muitos fenômenos ultrapassa os limites locais, podendo cobrir tôda uma região, todo o território nacional e mesmo ultrapassar os limites dêste; a gênese de muitos fenômenos é exterior à comunidade.

O problema da representatividade nos estudos de comunidades

Uma comunidade pode ser escolhida para estudo pelo simples fato de não ter sido estudada anteriormente. Neste caso, o problema da representatividade se reduz à determinação do tipo a que pertence e a cujos exemplares se poderão aplicar as generalizações resultantes.

Além disso, pode uma comunidade ser escolhida para estudo porque o seu conhecimento convém ao esclarecimento de determinado problema. Neste caso, a formulação do problema precede à seleção da comunidade. O problema pode consistir em se querer conhecer a vida social de uma determinada região ou de uma área cultural; ou em se pretender fazer um estudo de contactos inter-raciais; de assimilação ou aculturação; de uma comunidade rural que tenha passado a sofrer o impato de uma organização industrial próxima; de um grupo isolado a que uma estrada recém-construída tenha colocado súbitamente em contacto com outras aglomerações maiores, etc.

Quando o problema precede a escolha da comunidade, o preenchimento de certos critérios de representatividade é condição que se impõe por si mesma.

De um modo geral, as comunidades em estudo ou já estudadas, no Brasil, têm sido escolhidas em função de problemas prèviamente formulados: Emílio Willems escolheu Cunha e Donald Pierson a vila de "Cruz das Almas", o primeiro por desejar conhecer o processo de mudança de uma comunidade cujo grau de isolamento era considerável até há poucos anos, quando o advento de uma estrada mais eficiente e de meios de transporte mais modernos veio pô-la em contacto mais estreito e freqüente com outras populações; o segundo, por considerar uma povoação essencialmente rural, relativamente isolada dos centros industriais, como representativa da maior parte da população brasileira; os trabalhos da Bahia foram idealizados tendo-se em vista, pelo estudo intensivo de três comunidades em três áreas ecológicas distintas do Estado e pelo estudo complementar de outras três comunidades menos estáveis, nas mesmas regiões, obter um conhecimento da vida social e de sua tendência à mudança, útil ao planejamento de medidas educacionais e sanitárias; semelhante orientação foi adotada no planejamento dos estudos do vale do São Francisco; Charles Wagley escolheu, no Estado do Pará, à margem do Rio Amazonas, uma comunidade representativa das condições de vida da região, visando, igualmente, ao provimento de dados para a adoção de medidas educacionais e sanitárias; Esdras Borges Costa procurou uma comunidade remanescente da colonização açoriana com o fim de conhecer a influência dêste grupo populacional na formação social do sul do País; Oracy Nogueira escolheu uma comunidade onde fôsse possível acompanhar o povoamento e o desenvolvimento da estratificação social desde o século XVIII até o presente, sendo, portanto, ao mesmo

tempo, uma comunidade "antiga" e "modernizada", isto é, constantemente afetada pelos fatôres de mudança que atuam nos pontos mais ativos do país, porém não demasiadamente complexa, pelo volume de população, de modo a impossibilitar estudo desta natureza; procurou Bernard J. Siegel uma comunidade situada nas imediações de um centro metropolitano cujo impacto viesse afetando a vida local de modo cada vez mais sensível.

Tendências dos estudos de comunidades no Brasil

Não obstante o que possa haver de comum entre os estudos já publicados e os por publicar, no país, certas diferenças de orientação parecem visíveis: em alguns, é nítida a ênfase no estilo descritivo e na restrita consideração dos dados atuais e locais, como sucede com o trabalho de Emílio Willems sôbre Cunha; no estudo de Lucila Herrmann sôbre Guaratinguetá, há uma ênfase no desenvolvimento histórico, através de vários "cortes transversais" pelos quais a autora procura expôr os diferentes aspectos da vida local em períodos sucessivos até chegar à atualidade; semelhantemente, no trabalho de Oracy Nogueira, ainda não publicado, considerável ênfase é posta no desenvolvimento histórico; uma tendência típica que talvez se possa apontar é a de fazer da comunidade em estudo o foco de atenção, por assim dizer, para o conhecimento de tôda a região de que faz parte, o que se observa nos estudos da Bahia, nos do vale do São Francisco e no de Wagley na Amazônia[5].

Enfim, nos estudos arrolados, três tendências principais se fazem notar: 1) a de dar ênfase aos aspectos locais e atuais, numa exageração do grau de isolamento da comunidade; 2) a de dar ênfase ao desenvolvimento histórico, com a consideração simultânea das condições atuais; e 3) a de estudar a vida social da comunidade e as condições ecológicas da região como dois aspectos interdependentes da mesma realidade.

O estudo de Charles Wagley, recentemente publicado, sôbre a comunidade amazônica, parece combinar, com bastante equilíbrio, a consideração dos dados históricos com a dos relativos à ecologia regional e a dos referentes à vida atual e local, cuja ligação com o exterior (Belém, por exemplo) não é descurada. Talvez seja esta a orientação mais recomendável por ser a que mais condiz com o caráter monográfico dos estudos de comunidades. Esta será mais uma razão para que tais estudos sejam antes trabalhos de equipes, constituídas estas de elementos altamente capacitados e especializados, e não simples tarefas individuais.

Finalmente, se a realização de um estudo de comunidade mediante a aplicação de um esquema formal preconcebido e não ajustado à rea-

lidade levará a resultados improfícuos, não menos verdade é que os estudos monográficos, tomadas as devidas precauções, são compatíveis com as mais variadas perspectivas teóricas[6].

Lembremos, mais uma vez, que êste tipo de estudo — o de comunidade, em que a atenção do investigador se focaliza na teia de relações humanas contidas numa área local bem determinada — e o tipo de trabalho com que nos habituaram os que se dedicam à história econômica, social e política e, em geral, os ensaistas, não se excluem mùtuamente, mas antes se completam. Muitos estudos de comunidades não teriam sentido, se não pelo fato de colocarem sob uma diferente perspectiva hipóteses surgidas e desenvolvidas através de estudos feitos com outra orientação.

NOTAS

(1) Cf. Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luiz A. Costa Pinto, *Uma Pesquisa sôbre a Vida Social no Estado da Bahia,* Bahia, Secretaria da Educação e Saúde, Publicações do Museu do Estado, N.º 11, 1950. Estava esta comunicação redigida, quando fomos informados, neste recinto, pelo Prof. Thales de Azevedo, ter sido realizado, no mesmo programa, um quarto estudo, em diferente área ecológica do Estado.

(2) Cf. Bernard J. Siegel, "Algumas considerações sôbre o estudo de uma comunidade brasileira, *Sociologia,* Vol. XII, N.º 2, Maio de 1950, páginas 148-160.

(2 A) 18 estudos com o acréscimo do referido pelo Prof. Thales de Azevedo.

(3) Cf. Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luiz A. Costa Pinto, *Uma Pesquisa sôbre a Vida Social no Estado da Bahia,* já citado; e Charles Wagley, editor, *Races et Classes dans le Brésil Rural,* Unesco, 1951. A sede da comunidade cujo estudo foi *incluído* no programa posteriormente, segundo informa o Prof. Thales de Azevedo, tem de 4.000 a 5.000 habitantes.

(4) Informação do Dr. Carl Withers. Não foi possível estimar a população de sede.

(5) A monografia estrangeira com a qual tais estudos mais se assemelham talvez seja a de Everett C. Hughes, *French Canada in Transition.*

(6) Assim, as críticas de Caio Prado Junior ao trabalho de Emílio Willems atingem ao trabalho em si e não ao "método" empregado como pretendeu o primeiro. Cf. "Métodos sociológicos", *Fundamentos,* São Paulo, Dezembro de 1948, Janeiro de 1949, Nºs. 7-8, páginas 23-30.

POSSIBILIDADES DE EXERCÍCIO DE ATIVIDADES DOCENTES, DE PESQUISA E TÉCNICO-PROFISSIONAIS POR ANTROPÓLOGOS NO BRASIL *

Mário Wagner Vieira da Cunha
Diretor do Instituto de Administração
da Universidade de São Paulo

Restringir-nos-emos à consideração da segunda parte do tema desta sessão, ou seja, às possibilidades de exercício de atividade técnico-profissional dos antropólogos em instituições públicas e particulares do país.

Não podemos esconder que certos escrúpulos sempre surgem ao se tratar tema como êste que, pôsto em palavras cruas, é saber como o antropólogo pode ganhar a vida. A razão de ser dessa "vergonha" já no-la deu Parsons[1] ao apontar o paradoxo da nossa Sociedade capitalista que opõe o profissional liberal ao "homem que ganha dinheiro" — o *business man*.

Importa, desde logo, lembrar que a antropologia não é um conjunto de conhecimentos e métodos que existe no ar. Ela tem base em uma organização de que são párte essencial os antropólogos, e não só o antropólogo como cabeça pensante e sim, de corpo inteiro, com as suas idiossincrasias, a sua necessidade de comer e vestir-se, o seu desejo de constituir e manter família.

Todavia, não vamos colocar o problema como o dissemos anteriormente — como pode o antropólogo ganhar a vida? Mesmo porque então, principalmente neste país, teríamos de considerar o grupo de antropólogos que vive de rendas — são poucos, ao que me parece; os que são "cabides de empregos" etc. Aqui, prêsa em parte dos preconceitos "idealizantes" das profissões liberais, nos restringiremos a saber como pode o antropólogo ganhar a vida trabalhando como antropólogo. Por outras palavras, vamos considerar, como é aliás o tema proposto, as oportunidades de exercício de atividade docente, de pesquisa ou técnico-profissional do antropólogo. E, como essas oportunidades não nos parecem muitas e precisam, no interêsse da própria ciência, ser desenvolvidas, vamos antes nos referir às suas possibilidades de expansão.

Comecemos pelas atividades de ensino da antropologia. Pensamos, então, imediatamente, nas Faculdades de Filosofia. Além destas, talvez, sòmente mais umas poucas escolas, entre elas a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, oferecem oportunidades de colocação ao

(*) Comunicação feita na 1a. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Museu Nacional do Rio de Janeiro, de 8 a 14 de novembro de 1953.

antropólogo no desempenho de atividades docentes. A expansão dessas oportunidades é de se desejar. Nas Faculdades de Filosofia, dado o número de alunos, a multiplicação das oportunidades de ensino, mediante a criação de professôres de turmas, obedeceu a um fator que não é de se esperar que tão cêdo possa influir na multiplicação das posições de ensino de antropologia em nossas escolas. Há, porém, a grande necessidade de desdobrar a cátedra de antropologia, pois, ainda que se cogite sòmente da atividade docente dos seus ocupantes, não é fácil, como já foi exposto em outra sessão, a uma mesma pessoa dominar os campos clássicos da antropologia: a arqueologia, a antropologia física, a lingüística, a etnologia e a antropologia cultural ou social. Todavia, enquanto a antropologia tiver função complementar na formação de geógrafos ou historiadores e de "cientistas sociais", o seu ensino tenderá a se reduzir — e talvez assim deva ser — a um curso geral de caráter introdutório, dado a quem não se espera venha a ser antropólogo. Assim, a pressão no sentido de desdobrar a cátedra de antropologia, para atender-se à especialização de seus campos, não será grande, pois, como curso de introdução, é conveniente que seja dado por uma só pessoa, para melhor integração da matéria. A fragmentação, como nesta Reunião foi lembrada, da cátedra atual para corresponder ao fato de que o curso é dado na secção de geografia e história e, também, na de ciências sociais, não se justifica. Na verdade, como curso de iniciação, não se compreende por que diferenciá-lo, quando dado em uma ou outra das duas secções citadas.

A real necessidade de fragmentar a cadeira de antropologia advirá da conveniência de especializar e aprofundar o seu ensino. Na estrutura presente das Faculdades de Filosofia, isto antes se faria para atender ao doutoramento em antropologia, mediante a simples especialização dos professôres e assistentes ligados à cadeira e, é claro, graças ao aumento do número dêstes últimos.

Ainda, dentro da cogitação única da atividade docente do antropólogo, a multiplicação das posições de ensino da antropologia em nossas escolas, e de preferência segundo um propósito de especialização do pessoal docente, se daria para atender encargos docentes extra-curriculares. Entre êstes está, prevista na organização universitária, a realização dos *cursos de extensão*, a cargo do pessoal da cadeira (inclusive os livre-docentes) e de especialistas de fora da escola. Ainda que precária a realização dêsses cursos, não é possível de antemão dizer em que medida terão acolhimento, a ponto de se tornarem atividades regulares.

Outras atividades extra-curriculares admitidas são os *cursos especiais* estabelecidos mediante acôrdos com instituições interessadas. Tal instituição pode ser um departamento da própria Faculdade, como no caso do Departamento de História, interessado em promover para os alunos de história antiga um curso de arqueologia clássica; pode ser

uma instituição estranha à Faculdade: um serviço público, um museu, uma emprêsa. Assim, o Exército poderia vir a interessar-se por um curso de antropometria, ou mesmo de antropologia física, dado em cada uma das Regiões Militares aos oficiais e outras pessoas encarregadas do registro dos convocados para o serviço militar.

Menção ainda deve ser feita à atividade docente a ser exercida através de palestras, folhetos e outras formas de divulgação de conhecimentos de antropologia que, levados ao público em geral, contribuirão para o desenvolvimento de uma mentalidade indispensável ao êxito de certos serviços públicos, como o Serviço de Proteção aos Índios e o de proteção ao nosso patrimônio artístico e cultural, onde se incluem, sem dúvida, as jazidas arqueológicas.

Indicadas, assim, em grandes pinceladas, as possibilidades de atividades docentes dos antropólogos, poder-se-ia levantar, a seguir, o problema da formação dos antropólogos para tais atividades. Na verdade o problema não existe. Antropólogo que não tenha sido formado como cientista não é antropólogo. Nem precisa o verdadeiro antropólogo receber um cursinho de didática para se tornar professor de antropologia, especialmente quando vai exercer sua atividade docente com adultos e, de ordinário, no ensino superior. Assim, nada julgamos necessário avançar sôbre a formação do antropólogo para o exercício da atividade docente. Êle será bom docente na medida em que seja bom antropólogo. E bom antropólogo é quem recebeu o treinamento de cientista nessa disciplina, ainda que venha a ser administrador de museu, professor ou técnico, dentro da especialidade.

Passemos a considerar as atividades de pesquisa. No Brasil, quando pensamos em atividade de pesquisa, não são as universidades que nos ocorrem sempre à mente. É que é ainda de ontem a nossa tradição de ensino superior, em que a função única dos professôres — então chamados lentes — era, como nas escolas secundárias, a de transmitir conhecimentos. Hoje está no consenso geral que, além das atividades docentes, os professôres universitários devem contribuir para a elaboração da ciência. Todavia, na sua estrutura, as nossas universidades ainda são, predominantemente, entidades docentes, quando o que importa conseguir é, precisamente, inverter o que aí está, ou seja, pôr na base da estruturação das universidades a atividade de pesquisa. Sôbre esta base se arrumarão os cursos para que sejam atendidas as mútiplas e variáveis necessidades de treinamento. Assim, teremos professôres-cientistas que ajuntarão às suas atividades científicas as docentes. Não se diga que com isto se sacrifica o ensino. Nunca poderia estar êste mais prejudicado do que quando, feito por pessoas que não têm trato direto e quotidiano com a realidade a que se referem em suas aulas, não podem deixar de dar a estas um cunho livresco ou, pior ainda, "cerebrino", "filosófico", "alucinante", no pior sentido destas expressões.

Quando, pois, pensamos em atividades de pesquisa, ainda somos levados a nos reportar, de preferência, aos insitutos de pesquisa, de criação anterior às nossas universidades e que, às vêzes, ainda não se integraram de todo nestas. Isto é verdade, especialmente, no caso dos institutos de pesquisas antropológicas.

Diga-se, de passagem, que o que há a fazer, neste passo, não é deixar as universidades à sua sorte de organizações didáticas, tendo a seu lado, mais ou menos independentes, os institutos de pesquisa. Também, não nos parece certo alhear ainda mais os institutos de pesquisa das universidades. É preciso, no benefício de uns e de outros, aproximá-los, o que, legìtimamente, só se fará com a mudança da estrutura atual das universidades, menos por obra de um decreto governamental do que pelo incentivo às possibilidades, que existem na estrutura atual, de bem atender às necessidades da pesquisa científica.

Em matéria de expansão das atividades científicas, seja no campo da antropologia ou de qualquer outra ciência, não vemos outra norma a adotar senão a do aproveitamento das reais vocações individuais, depois de convenientemente despertadas e desenvolvidas. A expansão do ensino, como acabamos de ver, se prende à criação de novos cargos e cursos. No caso do desenvolvimento da pesquisa, a questão deixa de ser de posições e alunos e passa a ser de pesquisadores. E como, na verdade, êstes, para viver, precisarão perceber determinado salário e ter certas garantias de emprêgo, não será possível condicionar a expansão das atividades científicas a um número de cargos criados, fixados de antemão, em demasia ou deficiência. Será preciso que haja um sistema altamente flexível de criar e extinguir posições para os cientistas. Quando os cargos de assistentes nas universidades não eram criados em número certo, ao menos nesse caso, se tinha uma norma adequada às necessidades do desenvolvimento científico. O receio, justificado em muitos casos, de se criarem cargos para as pessoas, fora das necessidades reais dos serviços públicos, levou ao exagêro de apanhar, sob aquela mesma regra, a criação de posições nas universidades. Estas não devem ser criadas de acôrdo com as necessidades do ensino, e sim de acôrdo com as necessidades da pesquisa. Terão que atender às pessoas, quando estas tenham demonstrado capacidade de desenvolver ou criar um campo de atividade científica.

É, pois, para o despertar e desenvolver das reais aptidões científicas que devemos nos voltar para fomentar a expansão das atividades atuais de pesquisa científica no campo da antropologia, ainda que saibamos que assim procedendo poderemos criar vários desajustamentos pessoais, por fôrça das apontadas características da nossa organização científica e universitária. Por certo, de modo indireto, agindo sôbre o recrutamento e sôbre as oportunidades oferecidas ao despertar dessas aptidões, poderemos exercer uma conveniente orientação ao desenvolvi-

mento do corpo nacional de pesquisadores de antropologia. Fique, porém, bem claro que, na situação atual, os professôres de antropologia devem sair das suas comodidades e preconceitos para defender o direito que tem um dos seus alunos brilhantes de obter posição que lhe garanta, a bem da antropologia e do país, exercer suas reais aptidões para o trabalho científico em antropologia. Por certo, esta é uma das mais árduas responsabilidades atuais do professor de antropologia. Uma das instituições de cuja falta, neste sentido, mais nos ressentimos, é das bôlsas de pós-graduação mediante as quais se põem à prova séria as qualidades do aluno para o trabalho científico.

O acatamento e a compreensão que receba a atividade de pesquisa antropológica, entre nós, marcará a medida em que obterá sucesso a luta pela criação de novas possibilidades de trabalho científico para os nossos antropólogos.

Intimamente ligada à atividade de pesquisa, está a de documentação. Muitas ciências — e entre elas é justo destacar a antropologia — se desenvolveram à sombra de seus centros de documentação, ou sejam, os museus. Ainda hoje, mesmo num país como os Estados Unidos, em que se multiplicam as oportunidades de pesquisa junto às universidades, na verdade o maior número de antropológos encontra colocação nos museus. E os museus se alastraram naquele país, pràticamente por tôdas as cidades. Expandiram suas funções, passando de centros reservados ou privados de pesquisa para centros abertos de estudos. E hoje anexam às suas funções científicas as de divulgação ou ensino, para não falar na atividade recreativa, explorando e criando "hobbies" populares. No Brasil muito temos a fazer neste sentido. Os grandes museus nacionais poderiam auxiliar ou mesmo promover o desenvolvimento de núcleos menores espalhados pelo país. Por que o Museu Nacional, dando expansão ao seu programa de pesquisas nos sambaquis de Santa Catarina, não cogita de promover, naquele Estado, um núcleo permanente de trabalho, criado pelo Govêrno Federal ou Estadual?

A grande cautela a tomar-se na multiplicação dêsses centros de documentação antropológica será não deixar que jamais percam êles o seu caráter científico. Pois, quando isso ocorre, o antropólogo neles não mais tem lugar. Passam a necessitar sòmente de "museolcgistas" e, mais cêdo do que se espera, se transformam em mostruários mecanizados.

Consideremos, finalmente, as atividades técnicas e consultivas dos antropólogos. São elas que realmente contam para a caracterização de uma profissão. Constituem os serviços vendidos aos clientes. Baseiam-se em técnicas bem definidas e de prestígio para a solução de problemas da vida ordinária dos clientes.

Possui atualmente a antropologia técnicas dessa natureza que lhe permitam, a exemplo do que ocorre no campo da física, abrir um labora-

tório para "testar" determinados produtos, atitudes ou comportamentos dos indivíduos ou dos grupos humanos ?

O que há de positivo é que a antropolcgia para o seu desenvolvimento científico vem usando semelhantes técnicas ou métodos de trabalho, cuja aplicação pode ser transferida para a solução de determinados problemas da vida prática. Em trabalho publicado êste ano, John H. Rowe[2] nos mostra quão extensa é a lista das técnicas de trabalho, empres-tadas ou não de outras ciências, e de uso ordinário dos antropólogos: a antroprometria, a dendocronologia, a técnica de "split-line" para o estudo de crescimento dos ossos, a técnica de Cook e Treganza para a determinação dos períodos de ocupação dos sítios arqueológicos, as técnicas de análise das línguas indígenas, a técnica de Kasha para determinação dos corantes de tecidos etc. Os inestimáveis serviços prestados, durante a última Grande Guerra, ao Exército norte-americano, pelos antropólogos, no ensino de línguas não-indo-européias, mostram de que valor pode ser a transferência de técnicas desenvolvidas pelos antropólogos. Êste exemplo também nos leva a compreender como se abririam, de modo duradouro, campos novos de atividade, para os antropólogos.

No interêsse da ciência antropólogica, devemos fomentar o conhecimento e o domínio dessa técnica. Com isto se aparelha o antropólogo para atividade técnica que poderá desenvolver-se em ocupação permanente e, talvez, em profissão.

Todavia, tais atividades técnicas não merecem a rigor o qualificativo de antropológicas. Não raro o antropólogo se recusará a exercê-las, com um fim em si mesmas, como se pode observar no caso dos "museologistas", auxiliares que vêm tomando a seu cargo atividades que, de início, os próprios antropólogos tendiam, em parte, a realizar.

Devemos, pois, insistir em indagar se não há outras possibilidades de atividades técnicas para a antropologia.

Seria avançar demais afirmar que já existem aplicações técnicas da antropologia pròpriamente ditas. O que há atualmente é uma tentativa de criá-las. A questão se prende às duas correntes de interpretação do desenvolvimento que se espera venham a ter os estudos antropológicos. De um lado temos Kroeber, Redfield e outros a marcarem o destino humanista da antropologia. De outro lado, Chapple, Lloyd Warner, Daryll Forde e muitos mais a admitirem a formação de uma "antropologia aplicada".

Para a primeira corrente do pensamento, como teve Redfield ocasião de expor em trabalho recente[3], a antropologia no seu propósito, amplo e integrado, de compreender a natureza humana, cada vez mais estende suas fronteiras de contacto com outras ciências. Com isto intensifica-se a troca de influências entre estas e a antropologia. Todavia, isto se faz sem perder a antropologia suas características de ciência à parte, ou seja,

o seu propósito de compreensão integral da natureza humana. Por outras palavras, mostra a antropologia, no seu desenvolvimento, certa resistência a fragmentar-se em várias outras ciências novas ou a confundir-se com outras já existentes.

Segundo êste ponto de vista, as possibilidades de aplicação prática na antropologia estão, pràticamente, afastadas, ao menos no plano rigorosamente técnico. A questão se colocaria mais ou menos, nos seguintes têrmos. Da antropologia pode-se esperar a fecundação dos campos de contacto com outras ciências. Poderá daí resultar desgarrarem-se, com o andar dos anos, técnicas precisas que darão origem a setores restritos de especialização de conhecimentos práticos, como, aliás, já podemos entrever no caso dos antropometristas, dos professôres de línguas não-indo-européias, dos conselheiros de relações humanas nas indústrias. Todavia, a antropologia continuará a ser coisa distinta. Se a medicina começou como profissão e deu motivo ao aparecimento das ciências médicas, ao contrário, a antropologia começou como ciência e dará aparecimento às profissões que poderíamos denominar antropológicas, se não acontecesse que, mal desgarradas do seio materno, num esfôrço de auto-afirmação, êsses rebentos logo procuram um nome próprio que, tanto quanto possível, os distinga do tronco materno. E, como costuma ocorrer na história das profissões, acabarão tendo seus especialistas, dêles excluindo, afinal, os próprios antropólogos. Assim, para técnicos de relações humanas na indústria, no Brasil, não se pensa em recrutar antropólogos; com o tempo êles estarão oficialmente barrados dessa profissão, ainda que esta possa se abrir para outros profissionais em condições, atualmente, de pleitear tais direitos, como os assistentes sociais, os advogados especializados na legislação trabalhista. O mesmo se diria com relação aos antropólogos especializados em questões econômicas indigenistas, caboclas ou rurais.

Nesta Reunião, o Dr. Darci Ribeiro chamou a atenção para o "drama" do aluno formado pela Escola de Sociologia e Política que é barrado da atividade de assistente das cadeiras de antropologia das universidades, como o da carreira, recentemente regulamentada, de economista. Todavia, no que diz respeito ao aluno que se dedicou à antropologia, aceita a interpretação de Redfield, a sua situação é mais "profundamente dramática", pois que o destino da antropologia seria fomentar o aparecimento de campos novos de atividade profissional para os quais o antropológo *tout court* não teria acesso.

Para a outra corrente de interpretação do desenvolvimento da antropologia, ou seja, o grupo da "antropologia aplicada", não há uma análise compreensiva das suas múltiplas e variadas manifestações. De certo modo a posição assumida por Elliot D. Chapple e, em geral, pelos antropólogos norte-americanos, é a mais extremada. Elliot D. Chapple[4] parte da afirmativa cautelosa, ordinàriamente aceita por êste grupo de

antropológos, de que a "antropologia aplicada" *descreve e procura compreender* o processo de mudança social de determinadas instituições contemporâneas sem pretender influir para que a mudança se faça num ou noutro sentido. Com isto, distingue o "antropólogo prático" do "engenheiro ou administrador social". Todavia, com a insistência em que o "antropólogo prático" deve chegar a técnicas precisas de "testar" as relações humanas (de que é exemplo o cronógrafo de interações do próprio Chapple) deixa bem claro que o antropólogo deve abandonar a atitude de compreensão integral do processo de mudança social, para desenvolver instrumentos específicos e precisos de atuação. A "antropologia aplicada", entre os antropológos inglêses, caracteriza-se antes como atividade de *staff*[5]. A função do "antropólogo aplicado" é estudar determinada situação que lhe seja proposta pelo administrador de modo a auxiliar a atuação dêste último. É uma posição em que, como ocorre na Holanda[6], a separação entre o antropólogo e o engenheiro social é mantida para comodidade ou desespêro de ambos. A "antropologia aplicada" se caracteriza, então, em princípio, pelo fato de que a seleção dos objetos de estudo é feita em têrmos das conveniências do administrador ou gerente. Cabe a êste admitir ou não que tais estudos se façam com inteira liberdade, de modo que, por fim, resulte servirem, também, à ciência antropológica.

No estado atual dos estudos antropológicos no Brasil, é preferível adotar a posição defendida por Redfield, que dá destaque à idéia de que o desenvolvimento da antropologia se deve fazer segundo a compreensão dos próprios antropólogos (o que tem sido chamado "ciência acadêmica" ou "ciência pura"). Ilusório é supor que a antropologia encontraria mais facilidade para obter recursos para seus trabalhos científicos quando se entregasse desbragadamente às aplicações práticas. Muito grande é, em nossa sociedade, o prestígio da ciência pura para justificar a nossa impressão de que, da boa utilização dêsse prestígio advirão mais duradouros e valiosos recursos para as pesquisas antropológicas. Por outro lado, quando aos próprios antropólogos, despidos de partidarismo e espírito utilitário, cabe dar expansão aos seus estudos, é de se esperar mais sérios e rápidos progressos no conhecimento da natureza humana, sem o que é irrisória qualquer "antropologia aplicada" entre nós. Na verdade, não podemos nos esquecer de que muito pouco é o que temos feito até agora neste campo de estudos. Como tantas vêzes nesta Reunião se repetiu, não possuímos sequer escolas para a formação regular de antropólogos. Aquêles que assim denominamos — quando não tenham recebido um curso em país estrangeiro — não seguiram, em nossas escolas, senão um curso introdutório dado a pessoas de que não se espera se tornem antropólogos e sim geógrafo, historiador ou "cientista social".

A compreensão de uma "antropologia aplicada" devemos ir desenvolvendo e ajustando com cautela. Tanto a posição do "antropólogo

engenheiro social", como a do "antropólogo auxiliar do engenheiro social" comportam problemas sérios para o desenvolvimento da ciência antropológica, o que é, no fim de contas, o que mais importa pôr em destaque nesta Reunião de caráter científico. Nossa tendência, até agora, tem sido a de usar o antropólogo e o sociólogo para estudos que o administrador público reputa necessários à sua atuação, quer quanto ao planejamento, quer à organização e fixação de métodos de trabalho. É o antropólogo como agente de *staff*. Nesse sentido a experiência do Serviço de Proteção aos Índios, da Secretaria da Educação da Bahia, da Comissão do Vale do Rio Doce, da Comissão do Vale do Rio São Francisco, do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, do Instituto Joaquim Nabuco e de outras entidades deveriam ser objeto de comunicações nesta Reunião. O último dos institutos citados — Joaquim Nabuco, de Recife — é talvez o único com propósitos de estudos práticos no campo das ciências sociais. Devemos sua criação à proposta de Gilberto Freyre no Congresso Federal. Justificando-a, Gilberto Freyre sustentou duas teses que merecem, nesta ocasião, ser objeto de reflexão[7]. Mostrou a conveniência de criar o instituto a serviço de uma região cultural (o Nordeste agrário), prevendo que outros deveriam ser instalados nas demais regiões culturais do país. Também, afirmou que tais institutos não se integrariam às universidades, ainda que devessem manter relações estreitas com tôdas as universidades e governos estaduais e municipais da região a que procurem servir.

Num âmbito mais amplo, o Museu Paranaense e as instituições que dêle surgiram representam também uma experiência de interêsse para a antropologia e que aqui será relatada pelo Prof. Loureiro Fernandes. A significação dos trabalhos do Museu Nacional, tanto nos estudos de ciência pura como aplicada (a sua colaboração, v.g., nos estudos de Cabo Frio), foram várias vêzes mencionados neste recinto e a respeito dêles acabamos de ouvir a interessantíssima exposição de D. Heloísa Alberto Tôrres.

NOTAS

(1) Talcott Parsons, "The Professions and Social Structure", *in Essays in Sociological Theory Pure and Applied,* The Free Press, Glencoe, 1949.

(2) John H. Rowe, "Technical Aids in Anthropology: A Historical Survey", *in Anthropology Today,* ed. by A. L. Kroeber, The University of Chicago Press, Chicago, 1953.

(3) Robert Redfield, "Relations of Anthropology to the Social Sciences and to the Humanities", *in Anthropology Today,* ed. by A. L. Kroeber, The University of Chicago Press, Chicago, 1953; págs. 728-740.

(4) Elliot D. Chapple, "Applied Anthropology in Industry", *in Anthrology Today*, ed. by A. L. Kroeber, Chicago, 1953; págs. 819-831.

(5) Daryll Forde, "Applied Anthropology in Government: British Africa", *in Anthropology Today*, ed. A. L. Kroeber, Chicago, 1953; págs. 841-865.

(6) G. Jan Held, "Applied Anthropology in Government: The Netherlands", *in Anthropology Today*, ed. by A. L. Kroeber, Chicago, 1953; págs. 866-879.

(7) V. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, vol. I, n.º 1, Recife, 1952.

PEQUENAS COMUNICAÇÕES

AUTOBIOGRAFIA DE MAX SCHMIDT

NOTA PRELIMINAR

Max Schmidt faleceu em 26 de outubro de 1950, na capital do Paraguai. A morte veio livrá-lo de padecimentos que, havia anos, lhe torturavam a existência. Pouco antes, o conhecido explorador das nascentes do Xingu redigira em espanhol, a pedido de Paulo de Carvalho Neto, então Professor da Universidade de Assunção, algumas páginas autobiográficas, acompanhadas de uma bibliografia. Carvalho Neto tencionara a princípio aproveitar êsses dados para uma reportagem a ser publicada no Brasil; depois, mudando de idéia, conservou o texto em sua integridade, traduzindo-o para o português, e divulgando-o na série mimeografada de "Comunicaciones Antropológicas" (14.3.1951) do "Centro de Estudios Antropológicos del Paraguay". Com a gentil anuência de Carvalho Neto, a Revista de Antropologia o reproduz neste número. À relação bibliográfica acrescentamos dois títulos de trabalhos que saíram do prelo após a morte de seu autor.

O Professor, Doutor em Direito e Filosofia, Max Schmidt, nasceu a 16 de dezembro de 1874 em Altona, que pertencia naquela época ao Estado de Prússia. É filho do Conselheiro de Justiça Max Schmidt, que foi advogado e, por 28 anos, presidente da câmara municipal de Altona. Cursou o ginásio desta cidade e, aprovado nos exâmes, freqüentou as universidades de Tübingen, Berlim e Kiel, no ano de 1894. Após um primeiro semestre na Faculdade de Medicina, inscreveu-se na Faculdade de Direito. Durante êsse tempo, porém, já se dedicava também aos estudos de economia política, de filosofia e, especialmente, de etnologia. Foi sobretudo o célebre Professor Doutor Josef Kohler, em Berlim, que influenciou de maneira decisiva os interêsses do estudante Max Schmidt e fêz publicar seu trabalho "Über das Recht der tropischen Naturvölker Südamerikas" em sua revista: "Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft", vol. XIII, Stuttgart, 1899[1]. Nessa época, Schmidt já tivera ocasião de conhecer os seus principais mestres de etnologia, Karl von den Steinen e Eduard Seler. Aprovado no primeiro exâme de jurisprudência, pela Banca de Examinadores de Kiel, em 4 de março de 1899, conseguiu trabalhar como "licenciado em Direito" no juízo distrital de Blankenese, perto de Altona, até outubro do mesmo ano. Em junho, a Faculdade de Direito da "Friedrich-Alexander-Universität", em Erlangen,

lhe conferiu o grau de "Doctor Juris Utriusque" pela dissertação: "Beiträge zur ratio juris im römischen Recht". Durante dois anos, 1899 e 1900, esteve inscrito na Faculdade de Filosofia de Berlim para estudar principalmente etnologia e antropologia. Em dezembro de 1899 entrou como "voluntário" para o serviço do Museu de Etnologia de Berlim, trabalhando especialmente na Secção Americana, dirigida por Karl von den Steinen. Teve assim a melhor ocasião de se preparar para a projetada expedição às nascentes do Rio Xingu. Esta expedição empreendeu-a em setembro de 1900, estudando sobretudo aos Bakairí, aos Nahukuá e aos Auetö em suas aldeias nas margens do Rio Kulisehu. Depois visitou os índios Guató nas terras pantanosas do Alto-Paraguai, e especialmente os Guató das lagoas de Guaíba e Uberaba. Os resultados dessas duas viagens no Mato Grosso, de setembro de 1900 a janeiro de 1901, publicou-os Max Schmidt em seu livro: "Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und Ethnologishe Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901" (Berlim 1905)[2].

Depois dessas viagens, Max Schmidt retornou ao serviço do Museu de Etnologia de Berlim. Em 16 de outubro foi comissionado como assistente do diretor da Secção Etnológica do Museu e em abril de 1904 nomeado assistente do diretor dos Museus do Estado.

No ano de 1910, convidado especial da Comissão Organizadora, compareceu ao décimo-sétimo Congresso Internacional dos Americanistas, em Buenos Aires, como delegado da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-história de Berlim, tendo assim ocasião de conhecer os etnólogos competentes da América do Sul, daquela época, como Ambrosetti, Ameghino e Lafone Quevedo. Empreendeu então a sua segunda expedição etnológica ao Mato Grosso, tornando a visitar primeiro os índios Guató e especialmente os que viviam nas regiões pantanosas do Rio Caracará, perto da embocadura do Rio São Lourenço no Rio Paraguai, para também conhecer essa parte mais primitiva da tribo e explorar os seu interessantes "aterrados", montículos artificiais que lhes servem para as suas plantações. Os resultados da viagem efetuada no ano de 1910 estão publicados na revista "Baessler-Archiv", vol. IV, 1914, n.º 6, sob o título: "Die Guátó und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracará-Fluss in Matto Grosso". Depois dessas explorações na região dos Guató, prosseguiu Rio Paraguai acima, alcançando o Rio Sepotuba até Tapirapuã, onde logo penetrou nas regiões das nascentes dos rios Cabaçal, Jauru e Juruena — ainda desconhecidas naquela época, em sua maior parte — para estudar os Paressí-Gozárini, chamados também Paressí-Kabischi, que ali viviam ainda em estado primitivo e independente. Os resultados desta viagem também estão publicados na revista Baessler-Archiv (vol. IV, 1914, n.º 4/5) sob o título "Die Paressí-Kabischi. Ethnologische Ergebnisse einer Expedition zu den Quellen des Jaurú und Juruena im Jahre 1910".

No ano de 1914, Max Schmidt teve ocasião de visitar os Toba e os Kainguá, nas cercanias de Ajos, na República do Paraguai.

Em 16 de outubro de 1916 recebeu da Faculdade de Filosofia da Universidade de Leipzig o grau de Doutor em Filosofia, pela dissertação: "Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung".

Em fevereiro de 1917 obteve a "venia legendi" da Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim, pelas publicações já mencionadas, precedentes a "Die Paressí-Kabischi" e "Die Guató und ihr Gebiet". Por patente de 18 de junho de 1918 recebeu o título de "Professor" e em 31 de agôsto de 1921 foi nomeado "ausserordentlicher Professor" da Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim. Em julho de 1918 lhe foi confiada a administração autônoma da Coleção Sul-americana de Estudos do Museu Etnológico de Berlim.

De setembro de 1926 a agôsto de 1928 empreendeu sua última expedição a Mato Grosso. Em primeiro lugar visitou os índios Bakairí, nos arredores do Pôsto Simões Lopes, na margem do Paranatinga. Daí viajou ao Pôsto Pedro Dantas para estudar os Kayabí. Após haver também estudado os Paressí, que viviam na estação telegráfica de Utiáriti, e de haver encontrado no mesmo lugar índios Yranche, alcançou o Pôsto Humaitá, situado no Alto Paraguai, nas cercanias da Barra do Rio dos Bugres, conhecendo os Umotina ou Barbados em um de seus povoados. Nessa viagem a Mato Grosso, além das mencionadas investigações etnológicas, empreendeu, em diversas regiões, como na região do Rio Marzagão e do Rio Manso, detidas investigações pré-históricas e, por fim, explorou as inscrições rupestres do Morro do Triunfo, perto de Amolar. Os resultados dessas viagens a Mato Grosso nos anos de 1926 e 1927 estão expostos principalmente nos tomos V e VI da Revista da Sociedade Científica do Paraguai e no vol. I (nova série) da Revista do Museu Paulista, de São Paulo, contendo a citada revista paraguaia os informes relativos às investigações pré-históricas e aos Umotina ou Barbados, aos Kayabi, aos Iranche, aos Guató, e a Revista do Museu Paulista os dados sôbre os Bakairí, além dos que dizem respeito aos Kayapó, Waurá e Tamaindé-Nambikuara. Com os Bakairí Max Schmidt conviveu em duas oportunidades: a primeira, em 1901, quando se encontravam em estado bastante primitivo e independente, às margens do Kulisehu; a segunda, quando êles já se haviam transladado para as cercanias do Pôsto de Simões Lopes, estando aí em contacto com o Serviço de Proteção aos Índios do Brasil e já bastante influenciados pela civilização, de maneira que se podia determinar històricamente as transformações culturais que haviam sofrido nesse intervalo.

De interêsse geral devem ser alguns dados exatos que Max Schmidt colheu em Simões Lopes de um Bakairí chamado Bernardino, referentes aos últimos acontecimentos ocorridos ao infeliz Coronel Fawcett, pouco antes de seu desaparecimento. Êsse índio havia acompanhado o Coronel

Fawcett, com alguns outros Bakairí, em sua última viagem aos afluentes do Xingu. Segundo suas indicações, os índios já haviam estranhado bastante os modos de proceder do Coronel. Diziam que antes da sua última viagem havia empreendido outra à região do rio Paranatinga com alguns Bakairí e aí tomou por uma só direção até que seus bois de carga cairam extenuados, abandonando-se no campo a equipagem. De volta, em Simões Lopes contratou Leonardo e alguns outros Bakairí para conduzi-lo com seu filho e outro jovem que, diziam, estava doente, aos afluentes do rio Xingu. Do Xingu mandou todos os seus práticos regressarem, porque queria prosseguir na viagem sòmente em companhia de seu filho e do outro patrício mencionado. Desde essa data nunca mais se soube notícia do Coronel Fawcett. Como naquelas paragens ninguém pode viver sem mantimentos e guias, conclui-se ser impossível que Fawcett continue vivo. É presumível que, após a volta dos Bakairí, êle e seus dois companheiros tenham caído exaustos e desamparados em algum lugar do campo ou da mata, de maneira que não nos cabe supor em princípio que tenha encontrado a morte pela violência de quaisquer índios inimigos. Da mesma forma como a infatigável busca dos "Martírios" no território dos afluentes do Xingu, há vinte e cinco anos, havia por fim acarretado a alienação mental do oficial Paulo Castro, assim também o Coronel Fawcett sucumbiu nas mesmas regiões, em sua corrida fantástica atrás da "misteriosa cidade", na desconfiança de que qualquer outro pudesse aproveitar ou propalar seus mistérios. A mesma desconfiança fôra ainda a causa de dois outros acidentes de Fawcett em suas viagens. Os moradores do alto Rio Marzagão contaram a Max Schmidt que o Coronel Fawcett passara por ali com uma tropa, havendo errado o caminho que conduz de Cuiabá ao "Pôsto Simões Lopes", trilhado regularmente pelas tropas do Serviço de Proteção aos Índios, sendo por isso fácil o contrato em Cuiabá, de um prático dêsse caminho. Em Amolar, Max Schmidt soube pelos moradores de que antes de êle investigar as inscrições rupestres do Morro do Triunfo, já o Coronel Fawcett experimentara chegar a êsse morro, voltando sem haver alcançado o seu objetivo por não ter levado consigo nenhum prático daquela região pantanosa.

Após regressar de sua última expedição a Mato Grosso, Max Schmidt recebeu em 1.º de março de 1929 a sua jubilação, que havia solicitado. Viajou então para o Brasil, onde, durante alguns meses, conheceu e estudou com a ajuda do Diretor do Museu Nacional, Dr. Roquette Pinto, e de D. Heloísa Tôrres, as copiosas coleções etnológicas dêsse museu. Em São Paulo, teve ocasião de conhecer também o Museu Paulista. E após uma permanência de quase dois anos em Cuiabá, Mato Grosso, transferiu-se em março de 1931 para o Paraguai, ocupando-se com a organização das coleções etnológicas do Museu de História e Etnografia do Paraguai, fundado nessa época pela Sociedade Científica do Paraguai. Em 7 de agôsto

de 1935 empreendeu, com o apôio dessa Sociedade e de seu presidente, Dr. Andrés Barbero, e do Comando do Chaco Paraguaio, uma expedição de dois meses para visitar e conhecer os índios do Chaco. Nessa viagem teve ocasião de estudar nos fortins de Toledo e de "15 de agôsto" os Izozó, nas cercanias dos fortins Moreno, Esteros e Guachalla e também os Churupí na Laguna de Escalante. Nas cercanias de Linares estudou os Guisnai, nas cercanias de Cururenda os Chorote, nas cercanias de Oruzo os Tapieté, e no "pueblo" de Macharetti os Chiriguano. Os resultados desta viagem referentes aos Matako-Guisnai, aos Tapieté e aos Chiriguano e Izozó estão publicados na Revista da Sociedade Científica do Paraguai, tomo IV.

Desde o ano de 1889, o Prof. Max Schmidt é membro da "Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte". Em junho de 1930 a Sociedade dos Americanistas de Paris o nomeou "membro correspondente". Desde 25 de dezembro de 1938 é "sócio correspondente da Sociedade Argentina de Antropologia". Em 24 de junho de 1941 tornou-se presidente honorário da Sociedade Científica do Paraguai. Desde março de 1944 ocupa as cadeiras de etnografia e etnologia da Escola Superior de Filosofia, atual Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção, e desde agôsto de 1944 é acadêmico de Número da Academia da Cultura Guarani.

As publicações do Dr. Max Schmidt, cujos títulos vão impressos adiante, numa lista completa, tratam de assuntos muito variados. Como seus estudos jurídicos constituíram o ponto de partida de sua atividade etnológica, encontram-se, entre suas publicações, diversas que tratam de etnologia jurídica. Além da publicação já mencinada "Über das Recht der tropischen Naturvölker Südamerikas", pertencem a essa categoria suas publicações impressas também na "Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft" (tomos XXX, XXXI, XXXIV e XXXV) intituladas: "Zur Rechtsgeschichte Afrikas, aus altholländischen Berichten, aus portugiesischen Berichten" e "Aus portugiesischen und holländischen Berichten". Outras publicações de etnologia jurídica são: "Die Bedeutung der vergleichenden Rechtswissenschaft für die Ethnologie, Festgabe für Josef Kohler zum 70. Geburtstage, dargebracht von Freunden, Schülern und der Verlagshandlung" e "Josef Kohlers Wirken in der vergleichenden Rechtswissenschaft, besonders der ethnologischen Rechtsforschung. Josef Kohler zum Gedächtnis". A seguir Max Schmidt dedicou-se principalmente a estudos de economia política ligados à etnologia jurídica, reunindo o material correspondente em um "Grundriss der ethnologischen Volkswirtschaftlehre, em dois tômos, fazendo assim um ensaio de fundo análogo à etnologia jurídica, uma "economia política etnológica" como disciplina limítrofe entre a etnologia e a economia política.

As demais publicações etnológicas do Dr. Max Schmidt baseiam-se principalmente em suas investigações pessoais entre os índios da América

do Sul ou no material das amplas coleções do Museu Etnográfico de Berlim, havendo predominância dos assuntos da economia material, notadamente da agricultura e das técnicas de trançar e de tecer. Quanto a problemas artísticos, estudou, em várias publicações, minuciosamente, as origens da maioria dos ornamentos gecmétricos que derivam da técnica de trançar dos indígenas sul-americanos. Um resumo dessas investigações foi inserto na "Ipek": "Die technischen Voraussetzungen in der Ornamentik der Eingeborenen Südamerikas". A esta categoria pertencem também as publicações referentes às representações cênicas de tecidos dos antigos peruanos.

As publicações do Dr. Max Schmidt contém também abundantes dados lingüísticos. Vocabulários e, em vários casos, também textos foram registrados entre os Guató, os Guaná, os Auetö e Kamayurá, os Paressí (Paressí-Gozárini, Paressí-Uaimaré, Paressí-Kachiniti), os Kayabí, os Umotina ou Barbados, os Waurá, os Tamaindé-Nambikuara, os Maká, os Churupí, os Mataco-Guisnai, os Tapieté, os Izozó e os Chiriguano. Elas contém também assuntos religiosos, principalmente a publicação: "Los Paressís", na qual vêm apresentados vários textos de mitos Paressí, registrados na maior parte com auxílio de índios Paressí que ainda não conheciam a língua portuguêsa, de modo que está garantido em certo grau o seu caráter autóctone.

Livros de caráter mais geral publicados por Max Schmidt, além do já mencionado "Grundriss der ethnologischen Volkswirtschaftslehre" (tomos I e II), são os seguintes: "Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung"; "Die materielle Wirtschaft bei den Naturvölkern" (In: Wissenschaft und Bildung. Leipzig, 1913); "Völkerkunde" e "Kunst und Kultur von Perú".

De publicações arqueológicas ou pré-históricas, respectivamente, cumpre mencionar, além do livro "Kunst und Kultur von Perú" e vários outros trabalhos referentes à cultura dos antigos peruanos, em primeiro lugar os trabalhos sôbre as investigações pré-históricas por êle próprio executadas em Mato Grosso e especialmente as inscrições rupestres nas encostas do Morro do Triunfo. As publicações apareceram no Tomo V da Revista da Sociedade Científica do Paraguai. O tômo III desta revista encerra também o trabalho: "Nuevos Hallazgos pré-históricos del Paraguay", em que se estudam, além da descrição de outros achados, também os resultados de escavações feitas por Max Schmidt nas redondezas de Ipané, no Paraguai.

Notas bibliográficas

1) — Publicado também em tradução brasileira no Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1930, vol. VI. n.º 3, sob o título: "Sôbre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul".

2) — Publicado também em tradução brasileira no ano de 1942 pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, Rio de Janeiro etc., sob o título:

"Estudos de Etnologia Brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos". Brasiliana, Série 5.ª, vol. 2.

PUBLICAÇÕES DE MAX SCHMIDT

1. *Über das Recht der tropischen Naturvölker Südamerikas.* Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft, Bd. XIII. Stuttgart, 1899. pp 280-320.
2. *Beiträge zur ratio juris im römischen Recht.* Inaugural-Dissertation der juristischen Fakultät der Friedrich-Alexander-Universität zu Erlangen. Altona, 1899.
3. *Reiseskizzen aus Zentralbrasilien.* Globus, Bd. 82 (1902), Nr. 2, pp. 29 ss., pp. 44 ss. e pp. 95 ss.
4. *Reiseskizzen aus Matto-Grosso (Brasilien).* Globus, Bd. 82 (1902). Nr 22; pp. 347 ss.
5. *Die Guató.* Aus den Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft. Sitzung von 15. Februar 1902, pp. (77)-(89).
6. *Das Feuerbohren nach indianischer Weise.* Zeitschrift für Ethnologie, 1903, Heft 1, pp. 75.
7. *Guaná.* Zeitschrift für Ethnologie, 1903, Heft 2 e 3, pp. 324-336, Heft 4, pp. 560-604.
8. *Über meine Reise in Central-Brasilien im Staate Matto-Grosso.* Altonaer Nachrichten, 23. Jan. 1903.
9. *Nachrichten über die Kayabi-Indianer.* Zeitschrift für Ethnologie, 1904 Heft 3 e 4, pp. 466-468.
10. *Ableitung südamerikanischer Geflechtsmuster aus der Technik des Flechtens.* Zeitschrift für Ethnologie, 1904, Heft 3 e 4, pp. 466 ss.
11. *Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Xingú-Quellgebiet.* Globus, Bd. 86, 1904, Nr. 7, pp. 119-125.
12. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren* 1900-1901. Mit 281 Textbildern, 12 Lichtdrucktafeln und einer Karte. 456 pp. Berlim, 1905.
13. *Peruvian Pottery, with designs representing scenes from life and mythological lore.* The Magazine of Fine Arts, Vol. I, Nr. 1, 1905, pp. 45-54.
14. *Rechtliche, soziale und wirtschaftliche Verhältnisse bei südamerikanischen Naturvölkern. Nach eigenen Erfahrungen in den Jahren* 1900 1901. Blätter der vergleichenden Rechtswissenschaft und Volkswirtschaftslehre, II Jahrgang, Februar 1907, Nr. 11, pp. 462-475.
15. *Besondere Geflechtsart der Indianer im Ucayali-Gebiet.* Archiv für Anthropologie, Neue Folge, Bd. VI, 1907, Heft 4, pp. 270-281.
16. *Auswickeln einer altperuanischen Mumie.* Zeitschrift für Ethnologie 1907, Heft 3, pp. 417 e 418.
17. *Neue Erwerbungen des Kgl. Museums.* Zeitschrift für Ethnologie, 1907, Heft 1 e 2.
18. *Kunst in Alt-Peru.* Aus der vormals Gretzerschen Sammlung des Kgl Museums für Völkerkunde. Berlim, 1907. (Führer der Sonderausstellung im Kgl. Kunstgewerbe-Museum März-April 1907).
19. *Über altperuanische Ornamentik.* Archiv für Anthropologie. Neue Folge, Bd. VIII, 1908, Heft 1, pp. 22-36. Taf. III e IV.
20. Die Negerbevölkerung des Staates Matto Grosso in Zentralbrasilien Koloniale Rundschau, 1909, Heft 4 (April), pp. 225-242.
21. *Scenenhafte Darstellungen auf altperuanischen Geweben.* Zeitschrift für Ethnologie, 1910, Heft 1, pp. 154-164.

22. *Über altperuanische Gewebe mit scenenhaften Darstellungen.* Baessler-Archiv, Bd. 1910. Heft 1, pp. 1-61.
23. *Brief des Herrn Max Schmidt vom oberen Paraguay.* Amolar, 28. Juni 1910. (Gerichtet an die Anthropologische Gesellschaft in Berlin). Zeitschrift für Ethnologie, 1910, Heft 6, pp. 953 e 954.
24. *Reisen in Matto Grosso im Jahre* 1910. Zeitschrift für Ethnologie, 1912, Heft 1, pp. 130-174.
25. *Ethnologische Forschungsreisen im Jahre* 1910 *in Matto Grosso.* Süd- und Mittelamerika. 5. Jahrgang, 1912, Nr. 2, pp. 25 e 26.
26. *Zur Rechtsgeschichte Afrikas. Aus altholländischen Berichten.* Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft. Bd. XXX, Heft 1 e 2, pp. 2-124.
27. *Zur Rechtsgeschichte Afrikas. Aus portugiesischen Berichten.* Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft. Bd. XXXI, Heft 3, pp. 441-476.
28. *Zur Rechtsgeschichte Afrikas. Aus portugiesischen und holländischen Berichten.* Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft, Bd. XXXI, Heft 3, pp. 342-366 e Bd. XXXV, Heft 1, pp. 1-55.
29. *Die Paressi-Kabischi. Ethnologische Ergebnisse der Expedition zu den Quellen des Jaurú und Juruena im Jahre* 1910. Baessler-Archiv, Bd. IV, 1914, Heft 4/5, pp. 167-250.
30. *Die Guató und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracará-Fluss in Matto-Grosso.* Baessler-Archiv, Bd. IV, 1914, Heft 6, pp. 251-283.
31. *Bemerkungen über die Technik des Gewebes.* In Eduard Seler: Ein altperuanisches besticktes Gewebe. Jahrbuch der Kgl. Preuss. Kunstsammlungen, 1916, Heft I e II, pp. 199-201.
32. *Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung.* Inauguraldissertation. Leipzig, 1917. In: Studien zur Ethnologie und Soziologie, herausgegeben von Prof. Dr. A Vierkandt.
33. *Verhältnis swischen Form und Gebrauchszweck bei südamerikanischen Sachgütern, besonders den keulenförmigen Holzgeräten.* Zeitschrift für Ethnologie, 1918, Heft 1, pp. 12-39.
34. *Die Bedeutung der vergleichenden Rechtswissenschaft für die Ethnologie.* Festgabe für Josef Kohler zum 70. Geburtstage, dargebracht von Freunden, Schülern und der Verlagshandlung. Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft, Bd. 37, pp. 348-375.
35. *Josef Kohlers Wirken in der vergleichenden Rechtswissenschaft, besonders der ethnologischen Rechtsforschung.* Josef Kohler zum Gedächtnis, 1919, pp. 40-44.
36. *Grundriss der ethnologischen Volkswirtschaftslehre. Bd. I: Die soziale Organisation der menschlichen Wirtschaft.* Stuttgart, 1920. Bd. II. *Der soziale Wirtschaftsprozess der Menschheit.* Stuttgart, 1921.
37. *Die Wirtschaftsformen bei den Naturvölkern.* Blätter für vergleichende Rechtswissenschaft und Volkswirtschafslehere. Jahrgang XVI, 1921, Nr. 6, pp. 174-191.
38. *Die Anfänge der Bodenkultur in Südamerika.* Zeitschrift für Ethnologie, 1922, pp. 113-129.
39. *Der Anteil der deutschen Forschung an der Erschliessung Brasiliens.* Das Echo, 41. Jahrgang, Nr. 2039 (32), 1922, pp. 3175-3177.
40. *Das Haus im Xingu-Quellgebiet.* Festschrift Eduard Seler. Stuttgart, 1922, pp. 441-470.
41. *Die materielle Wirtschaft bei den Naturvölkern.* Wissenschaft und Bildung, 185. Leipzig, 1923.

42. *Unter Indianern Südamerikas.* Sammlung: Wege zum Wissen, Nr. 18, Berlim, 1924.
43. *Die Bedeutung deutscher Forschungsreisen für die südamerikanischen Sammlungen des Berliner Museums für Völkerkunde.* Ibero-America. Jahrgang 1924, Nr. 13, pp. 2-5.
44. *Völkerkunde.* Berlim, 1924.
45. *Einige auserwählte altperuanische Gegenstände der Sammlung des Berliner Museums für Völkerkunde.* Conférence faite au XXIe Congrès International des Américanistes. Session de Göteborg, 20-26 août 1924, pp. 448-453.
46. *Die technischen Veraussetzungen in der Ornamentik der Eingeborenen Südamerikas.* "Ipek", 1926, pp. 142-174, lâminas 46-55.
47. *Die Neuaufstellung der südamerikanischen Abteilung der Berliner Museen.* Berichte aus den Preussischen Kunstsammlungen. 47. Jahrg., Sitzung vom 15 Oktober 1927, Nr. 8, p. 380.
48. *Reisebericht aus Cuyabá.* Zeitschrift für Ethnologie. Jahrgang 59, Heft 3/6, Verhandlungen 1927, (N. 8), p. 380.
49. *Ergebnisse meiner zweijährigen Foschungsreise in Matto-Grosso.* Berliner Museen. Berichte aus den Preussischen Kunstsammlungen. 49. Jahrgang, Heft 6, 1928, pp. 136-140.
50. *Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto-Grosso.* Sept. 1926 bis Aug. 1928. Zeitschrift für Ethnologie, 60. Jahrgang, 1928. Heft 1/3, pp. 85-124.
51. *Ergebnisse meiner zweijährigen ethnologischen und archäologischen Forschungsreise nach Matto Grosso.* Forschungen und Fortschritte 5. Jahrgang, 1927, Nr. 9, pp. 104 e 105.
52. *Alte Indianer-Bekanntschaft.* Berliner Morgenpost, Nr. 90, 14. April 1929.
53. *Kunst und Kultur von Peru.* Berlim, 1929.
54. *Sôbre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul.* Boletim do Museu Nacional, VI. Rio de Janeiro, 1930. n.º 3, pp. 233-251.
55. *Nuevos hallazgos pre-históricos del Paraguay.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo III, n.º 1. 1932, pp. 81-101.
56. *Nuevos hallazgos pre-históricos del Paraguay. Continuación.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo III, n.º 5, 1934, pp. 132-136.
57. *Catálogo de la Colección Etnográfica del Museo de Historia y Etnografía.* Tomo III, n.º 4, 1934. Tomo III, n.º 5, 1934, pp. 137-138. Tomo IV, n.º 5, 1939, pp. 49-62.
58. *El cuadro racial del Paraguay.* Conferencia pronunciada el miércoles, 6, Febrero de 1935, en el micrófono de la Z. P. 9 Radio Prieto de Asunción. El Orden, Asunción, 7 de Febrero del 1935. La Tribuna, Asunción, 11 de Febrero de 1935.
59. *Los Makká en comparación con los Enimagá antiguos.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo III, n.º 6, 1936, pp. 152-157.
60. *Los Guarayú.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo III, n.º 6, 1936, pp. 158-175.
61. *Los Guisnais.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo IV, n.º 2, 1937, pp. 1-35.
62. *Los Tapietés.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo IV, n.º 2, 1937, pp. 36-37.
63. *Vocabulario de la lengua Makká.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo IV, n.º 2, 1937, pp. 68-85.
64. *Los Chiriguanos e Izozós.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo IV, n.º 3, 1938, pp. 1-115.

65. *Hallazgos pre-históricos en Matto-Grosso.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 1, 1940, pp. 37-62, lâminas I-XXIV.
66. *Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto-Grosso.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 1. 1940, pp. 63-71 e lâminas XXV-XXXIII.
67. *Vocabulario de la lengua Churupí.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 1, 1940, pp. 73-97.
68. *Los Barbados o Umotinas en Matto-Grosso (Brasil).* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 4, 1941, pp. 1-51, láminas I-XXXI.
69. *Estudos de Etnologia Brasileira. Peripécias de uma viagem entre* 1900 *e* 1901. *Seus Resultados Etnológicos.* Tradução directa do alemão por Catharina Baratz Cannabrava. Brasiliana. Série 5a., vol. 2. Grande formato. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, 1942.
70. *Resultados da minha expedição bienal a Mato-Grosso, de setembro de* 1926 *a agôsto de* 1928. Boletim do Museu Nacional. Vol. XIV-XVII. Rio de Janeiro, 1942.
71. *Los Kayabis en Matto-Grosso (Brasil).* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 6, Asunción, 1942, pp. 1-34.
72. *Los Iranches.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 6, Asunción, 1942, pp. 35-39.
73. *Resultados de mi tercera expedición a los Guatós, efectuada en el año de* 1928. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo V, n.º 6, Asunción, 1942, pp. 41-75.
74. *Importancia de la etnología para el Paraguay.* (Conferencia dada en la Escuela Militar, en 12 de octubre de 1943). Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación. Año III, n.º 33. Asunción, 1943.
75. *Los Paressís.* Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Tomo VI, n.º 1, Asunción, 1943, pp. 1-296.
76. *Los Bakairí.* Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. I, São Paulo, 1947, pp. 11-58, pranchas I-XXIII.
77. *Los Kayapó de Matto-Grosso.* Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. I, São Paulo, 1947. pp. 59 e 60, prancha XXIV.
78. *Los Waurá.* Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol, I, São Paulo, 1947, pp. 61-64.
79. *Los Tamainde-Nambikuara.* Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. I, São Paulo, 1947, pp. 63-73, prancha XXIV.
80. *Los Payaguá.* Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. III, São Paulo, 1949, pp. 129-269, pranchas I-XIII.
81. *Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los métodos de la agricultura de los indígenas sudamericanos.* Revista do Museu Paulista, vol. V, São Paulo, 1951, pp. 239-252, pranchas I-III.

A GRAFIA DOS NOMES TRIBAIS BRASILEIROS

A fim de se alcançar uma progressiva uniformização da grafia dos nomes tribais brasileiros, a maioria dos participantes da 1.ª Reunião Brasileira de Antropologia (Rio de Janeiro, 1953) assinou uma convenção, cujo texto foi publicado na Revista de Antropologia (vol. 2, n.º 2, dezembro de 1954). A pedido da comissão que o elaborou, o Prof. J. Mattoso Camara Jr., da Universidade do Brasil, enviou à 2.ª Reunião Brasileira de Antropologia (Salvador, 1955) extensa lista de etnônimos grafados segundo o referido sistema. Tomou por base a relação que acompanha o grande mapa etnográfico de Curt Nimuendajú e que abrange quase todos os nomes tribais conhecidos. É, salvo poucas omissões e acréscimos, a que ora divulgamos, para que possa ser objeto de discussão a crítica da parte dos especialistas. A adoção de uma lista mais ou menos definitiva só poderá ser conseguida paulatinamente, mediante colaboração e entendimento de quantos trabalhem no campo de nossa etnologia indígena. De muitos etnônimos se encontram na bibliografia até cinco, seis ou mais variantes, divergindo de acôrdo com a nacionalidade dos pesquisadores ou o seu maior ou menor apuro auditivo. Delas, Nimuendajú escolheu a que lhe pareceu a mais razoável. É provável que em muitos casos corresponda à pronúncia correta da palavra, ao passo que em muitos outros deverá sofrer substituição. Aos etnólogos e lingüistas caberá contribuir com os seus conhecimentos e a sua experiência para se chegar a uma solução satisfatória do problema, que será objeto de nova discussão na 3.ª Reunião Brasileira de Antropologia, a realizar-se em 1957 na cidade de Recife.

Abaeté
Abani
Abatíhe
Aberiâna
Abipôn
Abíra
Abitâna-Wainân
Abóba
Abutxéta
Agá
Agilót
Agitegedi-Txagá
Aguanátio
Aguarikóto
Aimoré
Aisuáre
Aiwaterí
Ajuré
Akariâna
Akawái
Akonguasú
Akríu
Akroá
Akroá-Gaméla
Akúria
Akuên-Xaványte
Alaruá
Amahuáka
Amanayé
Amanajú
Amaríba
Amarizâna
Amena-Diapá
Amikuân
Amniapé
Amoipíra
Amorúa
Anasé
Anajá
Anambé
Anapurú
Andirá
Angaité
Anhangati-ninga
Anibá
Anikún
Ankêt
Ânta
Anunzê
Apakatxodéguo
Apairandé

Apalaí
Ápama
Apâniekra
Aparaí
Apehôu
Apiaká
Apinayé
Aporôño
Apotiânga
Apotó
Arakajú
Arakureôno
Araé
Aramayú
Aramíxo
Aramurú
Aranân
Arañí
Araôna
Arapáso-Tapúya
Arapiyú
Arara
Arara-Tapúya
Araráwa
Ararü
Aratxâne
Aratú
Aravíra (Borôro)
Aráwa
Arawák
Arawatí
Arawiné
Arayó
Árda
Arebokôno
Arekuná
Arekêna
Areviriâna
Ariâne
Arihini-Baré
Arikapú
Arikarí
Arikên
Arikosé
Arinagóto
Aríno
Aripuaná
Ariú
Armagotú
Armakôto
Arowárge
Aruá
Aruán
Aruák
Aruarí
Aruaxí
Arupái
Arúro
Arüna
Asawinawi
Ataikáya
Atalála
Atorái
Atruahí
Áture
Aukuruí
Avahuahü
Avantiú
Avanení
Axagua
Axluslái
Ayâno
Awakatxí
Awaké
Awetí
Azâneni
Azuriní
Baenân
Baepuát
Bahuâna
Bahúkiwa
Bakairí
Bakué
Baníwa
Bará
Barawâna
Barbados
Baré
Barinagóto
Baturité
Bauré
Ben-Diapá
Betóya
Besitiakáp
Biriwoné
Biturúna
Boanarí
Boca-preta
Bohâne
Bóime
Borôro
Botocudos
Buhágana
Buritiguára
Burué
Buskipaní
Canelas
Canoeiros
Coroados
Datuâna
Davinaví
Demakurí
Desâna
Diagíta
Diáu (Tirió)
Dióre
Dóa
Dzubukuá
Ebidóso
Edjéo
Emerillons
Enenslet (Angaité)
Enímaga
Epjibegodegí
Erulía
Espinhos
Etwét
Éye
Fitíta
Fulnió
Fusagasuká
Galibí
Gamelas
Garañún
Gavião
Gegé
Genóa
Gentúse
Gerén
Ginaú
Gisnái
Gorgotoki
Gorotiri
Goyá
Goyaná
Guakabáyo
Guákara
Guatxí
Guatxípa
Guadáxo
Guahariho
Guahíbo
Guahuára
Guainári
Guaipína
Guaikiri
Guajá
Guajajára
Guajará
Guajejú
Gualatxí
Guâmo
Guaná
Guañaná
Guanaré
Guanarú
Guanavêna
Guâne

Guapindáya
Guakiraró
Guaraní
Guarañóka
Guaratégaja
Guaráyo
Guaríno
Guarú
Guaxarápo
Guaxiná
Guayakí
Guayanán
Guayaná
Guayâno
Guaikurú
Guayoâna
Guapunaví
Guairábe
Guayúpe
Guikúru
Gurupá
Häma-Dakenaí
Haritiahán
Hahénawa
Hênia
Hianákoto
Hiawahím
Hölöwa
Hohódene
Hon-Diapá
Horío
Huatxípairí
Huamói
Huarí
Huárpe
Huéxo
Humahuáka
Ibanôma
Idapimináre
Igapuitariyra
Igaruâna
Ihini-Baré
Ihuruâna
Ikáte
Ikó
Ikatxodéguo
Imamarí
Imboré
Imôno
Inoparí
Indamá
Ingahíba
Ingaín
Ingarikó
Iñamún

Ipéka-Tapúya
Ipotuát
Ipurinán
Ikíto
Irán-Anráire
Irántxe
Irurí
Itatín
Itén
Itipúna
Itogapúk
Itonâma
Itoreauhín
Itután
Iuaparé
Itxú
Jubutiféd
Jaguruána
Jaguaribára
Jaikó
Jakareguá
Jakariá
Jakundá
Jamundá
Jandoín
Jarikúna
Jarú
Jauarí
Jê
Jêiró
Jenipápo
Jeruvitxahêna
Joâne
Juberí
Juká
Juiuí
Jundiahí
Júre
Jurí
Juruêna
Kaaguá
Kaapína
Kabixí
Kabokêna
Kaburisêna
Kadawapuritâna
Kadekili-Diapá
Kadigé
Kadiwéu
Kadupinápo
Kadiú-Diapá
Kaeté
Kafuâna
Kaha-Diapá

Kahuapâna
Kahikahü
Kainbé
Kaiguá
Kaikútxâna
Kaikuxiâna
Kaingáng
Kayoá
Kaipotoráde
Kaketío
Kalapálo
Kaliâna
Kalabása
Kalíña
Kaltxakí
Kaltxíne
Kamakán
Kamarkotó
Kamarinigua
Kamatika
Kamayurá
Kâmpa
Kamarapín
Kamarú-Karirí
Kamiáre
Kanarín
Kanindé
Kanakatéye
Kanamarí
Kanbóka
Kanitxâna
Kânua
Kaowirí
Kapaná
Kapaíre
Kapanáwa
Kapétxene
Kapiekrán
Kapite-Minanêi
Kapixaná
Kapoxó
Kapuêna
Kapuíbo
Karakará
Karaguâna
Karahiarü
Karakatêye
Karanariú
Karanbú
Karâne
Karapeuá
Karapóto
Kararuení
Karíbe

Karihôna
Karijó
Karimé
Kariniáko
Karatiú
Karayá
Karkaraña
Kariâna
Kariguâna
Karinuáka
Karipó
Karipúna
Karirí
Karitiâna
Kariú
Karóto
Kaskihá
Kataguá
Katarioní
Katawián
Katawixí
Katianá
Katoayarí
Katôngo
Katrimbí
Katukína
Katukinarú
Kauyarí
Kaüaná
Kauní
Kaupúna
Kautario (Wanyám)
Kavina
Kavére
Kaxágo
Kaxararí
Kaxináwa
Kaxiniti
Kaxuiâna
Kayabí
Kayâmo
Kayapó
Kayuváva
Kayuixâna
Káwa-Tapúya
Kawahíwa
Kawakáwa
Kawaurí
Ketxúa
Kênkateye
Kenóloko
Kenpókateye
Kepkiriwat
Kerandí
Kexéruman
Kilkáza
Kinâma
Kilóto
Kinikináo
Kipéa-Kariri
Kirikíre
Kirikiriskóto
Kiriorípa
Kiriri
Kirúpa
Kitemóka
Kixeʃô
Kixexêu
Koaní
Kobéwa
Koerúna
Koewâna
Kakáma
Kokamíla
Kokozú
Kolíma
Kolastiné
Komaní
Komayâna
Kometxíngon
Konduri
Kongorê
Kontanáwa
Korabéka
Korázos
Korêma
Koroá
Koroatá
Korokoró-Tapúya
Korônda
Koropó
Korówa
Kóto
Kouriêne
Koussaní
Kouaréka
Koxiponé
Kozarini
Krahó
Krê-Pumkatéye
Krekmún
Krem-Yê
Krenák (Xonvúgn)
Krenén
Kritxaná
Krixá
Kruatíre
Krutriá
Kuaikuéri
Kuakuá
Kuatí-Tapúya
Kubén-kran-kegn
Kubén-kran-noti
Kuelozí
Kueretú
Kuéskue
Kuíka
Kuikútl
Kuíva
Kujiiener
Kujúna
Kukaráte
Kukóekamékra
Kulinân
Kulíno
Kumadá
Kumada-Minanéi
Kumanaxó
Kumanaxô
Kumayarí
Kuníba
Kunipózana
Kunuaná
Kupen-rop
Kranáwe
Kurasikarí
Kuráve
Kuraxikâna
Kuremegbéi
Kurí
Kuría
Kuriarâno
Kuriató
Kurivaurâna
Kuruáya
Kurukanéka
Kurukuân
Kurumiá
Kurumináka
Kurutxipâno
Kurupitü
Kururí
Kusarí
Kustenáu
Kutaguá
Kutaxó
Kutiá-diapá
Kutxiuára
Kuxiita
Kuyäba
Kuyanáwa
Kuzkia

Laipízi
Lambí
Látxe
Lavâna
Lêngua
Libiriâno
Lúle
Mába
Mabenáro
Magatx
Mahotóyana
Mainbaré
Maimerá
Maináwa
Maipúre
Majubín
Maká
Mákamekra
Makápa
Makapaí
Makiritáre
Makoní
Máku
Makú
Makúna
Makuráp
Makuxí
Malalí
Malbalá
Malkezí
Mamaindê
Mamayaná
Manáo
Mandawáka
Manetibitana
Manikuéra
Maniteneri
Manititâna
Manitsauá
Maniân
Maopitiân
Mápanai
Mapaxó
Mapóye
Mapruân
Mapuá
Marabitâna
Maraguá
Maraká
Marakanân
Marakaná
Maraôn
Marauní
Marawá
Marawaná
Mariaté
Maribitâna
Marigiône
Marináwa
Mariúsa
Marö-Diapá
Marúbo
Marukuevêne
Masararí
Masirinávi
Masko
Maskói
Masakará
Mataguáyo,
Matáko
Matanawí
Matapí-Tapúya
Matará
Matáwa
Mateiros (Txakamekrá)
Matxiyênga
Mauitsí
Máulieni
Mawaiâna
Mawé
Mawáka
Mawákua
Mayapêna
Mayé
Mayongong
Mayorúna
Mazáka
Mbayá
Mbeguá
Mehináku
Meiepúre
Meneiôu
Menímebe
Mepên
Mepuri
Meramomín
Mersiú
Mialát
Minián-Yirúng
Minuâno
Mirânia
Mítua
Mitxilingüe
Móio
Mokoretá
Mokovǐ
Mokên
Mongoyó
Mo-Noikó
Monoxó
Mopereôno
Moré
Moríwene
Móro
Morononí
Morotóka
Morú
Mórua
Múra
Múre
Muriva
Mutxojeôn
Múzo
Nahukuá
Naknianúk
Nakrehé
Naliméga
Nanbikuára
Napéka
Naravúte
Natú
Naúna
Naúra
Navaité
Nenê
Nep-Nép
Ñadiriwa
Ñawañen
Ninakuigíla
Niurukuayé
Nokg-Nókg
Nokamân
Noktên
Nonúya
Norák
Novêne
Nuára
Nukuiní
Oivanéka
Okâina
Oklóya
Okongá
Okóle
Okomeziâna
Okrên
Olongásta
Omágua
Omöá
Onikoré
Opâina
Opayé-Xavânte
Orejones

Orí
Ororebáte
Otí-Xavânte
Otomáka
Otuké
Otxukayâna
Ouranayôu
Oyanpík
Oyarikoulét
Óza
Paiokonéka
Pairandí
Pakahas-Nóvas
Pakaléke
Pakaguára
Pakajá
Pakanáwa
Páka-Tapúya
Pakidái
Pakú-Tapúya
Palánk
Palánka
Peletên
Palikúr
Palmelas
Pâma
Pamígua
Pâmpa
Panpân
Panáre
Panatí
Pângua
Pankarurú
Panôno
Pântxe
Panüâme
Papaná
Papateruâna
Parabayâna
Parabazâne
Parakóto
Paragóto
Parahorí
Parabüba
Parakanân
Parapixâna
Paranawát
Paraparukóta
Paraviâna
Paráwa
Paraxín
Paréka
Paresí
Pariagóta
Pariâna
Parení
Pariki
Parikotó
Parintintín
Pariri
Pariwáya
Patamôna
Patos
Patití
Pataxó
Paudakóto
Paumarí (Puxupuxú)
Paunaka
Pauxiâna
Pauxí
Paüpayá
Pawâna
Pawatê
Pawunwa
Payakú
Payaguá
Payáwa
Payáya
Payoáliêne
Pazâine
Pazé
Péba
Pedrázas
Pégas
Penokikía
Periá
Pesatúpe
Péwa
Pianokotó
Piapái
Piapóko
Piaróa
Pidá-Düapá
Pimenteiras
Pinaré
Píno
Piñóka
Pipipân
Pirahá
Pirá-Tapúya
Piríu
Pisá-Tapúya
Pitá
Pitsóbu
Pixaukó
Pobüé
Poimesâno
Pontá
Ponrekamékra
Potên
Potiguára
Poturéra
Poütxá
Poyanáwa
Prajé
Pratió
Proká
Puipuitêna
Puináve
Pukapakúri
Pukópüe
Pulár
Purí
Puruborá
Purukaród
Purukotó
Purumamárka
Purupurú
Putü
Puyamumanáwa
Puxakáze
Râma-Râma
Ramkókamekra
Rangu-Pikí (Tixió)
Rankéltxe
Rêmo
Reriiú
Resigáro
Rodelas
Rokorôna
Romarí
Rukuyéne
Runanáwa
Sabôibo
Sakáka
Sakarú
Sakriabík
Sakuya
Salíva
Salumá
Sanagásta
Sanapaná
Sanavirón
Saninawa
Sapará
Sapukí
Sapupé
Sapúya
Sára
Saravéka
Sensí
Seregong
Sewakú
Sikiâna
Sinabú

Siparigóto
Sipíbo
Sipó
Serineiri
Sirionó
Siusi-Tapúya
Sosiagái
Suberiôno
Sukuriyú-Tapúya
Sutagáo
Suyá
Tabajarí
Tagnaní
Taipe-Xixí
Takarijú
Takayúna
Takuatíb
Taluhét
Tâma
Tamanáko
Tamankín
Tamararé
Tamianak
Tamóyo
Tanimbuká-Tapúya (Opáina)
Táo
Tapakuá
Tapaió
Tapakurá
Taparitos
Tapayúna
Tápe
Tapehikía
Tapiéte
Tapií
Tapiira-Tapúya
Tapíra
Tapirapé
Tapiráwa
Tapoáya
Tapuiusú
Tarairiouw
Tarapekosí
Tariâna
Taripí
Tarumá
Tatú-Tapúya
Taulipang
Tavên
Tawarí
Tawitê
Tágua
Tembé
Temiminó
Terêna
Teweyá
Tikúna
Tilkára
Tiliâno
Timaoân
Timinahá
Timbíra
Timirên
Timóte
Timbú
Tirió
Tiverighóto
Terêna
Tivitíra
Tóba
Tobaiára
Tobatxâna
Tohazâna
Tokayó
Tokantín
Tokovêne
Tomakusí
Tomokôn
Tomoêno
Tonokoté
Tonovêne
Toósle
Topín
Tóra
Toré
Toromára
Tororí
Tremembé
Trumaí
Tsabátsaha
Tsirákua
Tsölá
Tsöloá
Tsúva
Tukanusú
Tukâna-Tapúya
Tukumanféd
Tukuiú
Tukukú
Tukúna
Tukun-Düapá
Tumerhân
Tunátxo
Tunavâna
Tunébo
Tuparí
Tupí
Tupiná
Tupinakín
Tupinambá
Tupinambarâna
Turiwára
Tuxá
Tuxináwa
Tuyineirí
Tuyuka-Tapúya
Txaguán
Txakamékra
Txakóbo
Txakói
Txâma
Txamakóko
Txaná
Txaná-Mbeguá
Txaná-Tinbú
Txané
Txapakúra
Txapáro
Txarúa
Txetxehét
Txíbtxa
Txikoâna
Txiki
Txirábo
Txirikún
Txiriguâno
Txirikôa
Txiríva
Txitaréro
Txiú
Txokó
Txontakíro
Txonvúng
Txoroti
Txuêna
Txukúna
Txulupí
Txunupí
Txurápa
Txuróya
Txurumáta
Ugarâño
Umân
Umotína
Umuânpa
Uniní
Upuruí
Uruatí
Urubú
Urubú-Tapúya
Urukú
Urukuái
Urukuiâna (Waiâna)
Urúma

Urumanáwe
Urumí
Urunamakân
Urupá
Ururú-Düapá
Usá-Tapúya
Uyapé
Vakáa
Vanheréi
Véjo
Viléla
Vouvê
Wabói
Wahmirí
Wái
Wáika
Waiká
Waíkana
Waimaré
Wainamarí
Wainanbí-Tapúya
Waintasú
Wairúa
Waitaká
Waiwe
Wakôna
Walipéri-Dákenai
Wanâna
Wanapú
Wanüân
Wanumá
Wapitxâna
Waraikú
Waranakoâsena
Waraú
Warakêna
Wariwa
Wariwa-Tapúya
Waruwarú
Wasabü
Watadéo
Waurá
Wauwarate
Wáya
Wayakulé (Wana)
Wayâna
Wayapí
Wayoró
Wayumará
Wekiáre
Wiraféd
Wiri-Diapá
Witóto
Wômó
Xakriabá
Xakuruína
Xambiká
Xaninawa
Xarái
Xaulát
Xavánte
Xerénte
Xetá
Xikrü (Diôre)
Xipáya
Xipináwa
Xiriâna
Xirianá
Xuméto
Xukurú
Yaba-Âna
Yabutí
Yabuti-Txitxí
Yabutiféd
Yágua
Yaguanáwa
Yahúma
Yajúra
Yakaôyana
Yamamadí
Yaméu
Yamú
Yanáhin
Yanaigua
Yapówa
Yarikuí
Yaró
Yarumá
Yarúro
Yáu
Yauaperá
Yauávo
Yauêi
Yavahé
Yavitéros
Yawanáwa
Yawarâna
Yawarapití
Yawareté-Tapúya
Yekoanita
Yekuaná
Yibóya-Tapúya
Yiporók
Yi-Tapúya
Yoemamái
Yóok
Yuberí
Yufíwa
Yukúna
Yúma
Yunbanáwa
Yumâna
Yupúa
Yúra
Yurakáre
Yurémawa
Yurí
Yurimágua
Yurúna
Yuruparí-Tapúya
Yurutí-Tapúya
Zamúko
Zapukáya
Zatiêno
Ziá
Zuâna
Zurina

NOTICIÁRIO

II REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

Salvador, 3-8 *de julho de* 1955

Com a participação de cêrca de sessenta especialistas, realizou-se, de 3 a 8 de julho, na cidade do Salvador, a 2a. Reunião Brasileira de Antropologia, organizada sob o patrocínio da Reitoria da Universidade da Bahia e da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.

Eleita por aclamação, a mesa que dirigiu os trabalhos ficou constituída da seguinte maneira: Thales de Azevedo, presidente; Manuel Diegues Junior e René Ribeiro, vice-presidentes; Frederico Edelweiss e Carlos Ott, secretários. Nas diferentes sessões discutiram-se aproximadamente 30 comunicações científicas, realizando-se, além disso, vários simpósios sôbre assuntos de antropologia brasileira e quatro conferências públicas, a convite da Comissão Organizadora.

Conferências

Notável foi o interêsse despertado pela conferência de Darcy Ribeiro, chefe da Secção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, sôbre as experiências de um índio Urubu que saiu à procura de Deus. Há anos, Darcy Ribeiro vem estudando os índios Urubus (auto-denominação: Kaapó), do Estado do Pará, sôbre os quais espera publicar extensa monografia. Historiou os contactos a que esteve sujeita a tribo desde os dias da pacificação, iniciada em 1928. Hoje se encontram, vivendo com os Urubus, pajés da tribo irmã dos Tembé, povo entregue ao desengano e próximo do extermínio. Predizendo catástrofes, como a explosão do sol e coisas semelhantes, êsses pajés levam muitos ao desespêro, e os Urubus, que outrora não conheciam o xamanismo, hoje contam em seu meio noviços dos pajés Tembé. A vida tribal reflete os abalos sérios provocados pelas novas condições de vida; antigamente não se conhecia o assassínio, que hoje ocorre. Sôbre o chefe Uirá, que morreu na vila de São Pedro, no Estado do Maranhão, corre a lenda de que êle, saindo a caminho dos brancos, a fim de confraternizar-se com êles, foi mal recebido e maltratado, acabando por suicidar-se. Na realidade, segundo se apurou em inquérito policial, morreu na água, comido pelas piranhas. Da viuva e do filho de Uirá, que ainda vivem no seio da tribo, Darcy Ribeiro obteve mais informações. Uma epidemia de sarampos matou muita gente, inclusive um filho de Uirá. Êste ficou *ñarõ* (estado que se manifesta por ataques de ódio feroz, curtido em isolamento) e depois se tornou *apiaí* (dominado por grande tristeza). Reuniu outros desesperados, para juntos empreenderem uma investida contra os Guajá.

A mitologia da tribo, referindo que os heróis de tempos passados vão ao encontro de Maíra, o grande herói civilizador, indica a possibilidade de se ir à Terra dêste. Não é fácil, porém, a emprêsa, pois há uma infinidade de impecilhos a vencer; e contam-se muitas histórias de gente que viu frustadas as tentativas. Uirá pintou-se de urucu e jenipapo, adornou-

se com seus adereços de pena, pegou arco e flecha e um paneiro de farinha (isto, para identificar-se como "gente que come farinha") e saiu pelo mato com a mulher e os filhos, rumo a São Luís. Para Uirá era, porém, o caminho da morada de Maíra. Entrando em contacto com sertanejos, os índios em migração são espancados e presos, experiência que se repete em tôdas as vilas. A certa altura, a família não quer mais seguir; Uirá espanca então a mulher e os filhos e os obriga a acompanhá-lo. Afinal Uirá é levado prêso a São Luís, onde passa às mãos do Serviço de Proteção aos Índios. Depois, iniciando a volta, salta num poço do Pindaré, morre afogado e é comido pelas piranhas. Foi, assim, ter com Maíra. — A narração dêsses episódios deu ensejo ao conferencista para abordar interessantes aspectos da cultura tribal e problemas científicos ligados aos contactos interétnicos.

Uma conferência de René Ribeiro (do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife) sôbre "Personalidade e cultura" abriu novas perspectivas metodológicas no estudo dos fenômenos de "possessão" nos cultos de origem africana no Brasil, especialmente em Recife. O conferencista partiu do postulado de que essas manifestações não devem, em geral, ser taxadas de simulação e, discutindo as diferentes explicações que para elas se tem dado, lembrou a de Nina Rodrigues e Artur Ramos, que as reduziam a fenômenos psicopatológicos, e a de Herskovits, que prefere acentuar o condicionamento cultural da possessão. Depois de pôr em relêvo as relações entre elementos culturais de origem africana e a estrutura geral da sociedade recifense, René Ribeiro passou a estudar a possessão nas dimensões social, cultural e psicológica, terminando com o exame de testes de Rorschach por êle aplicados em pessoas em estado de transe.

Sob o título geral de "Estudos de aculturação no Brasil", Egon Schaden passou em revista diversas fases que marcam a formação cultural do País. Examinou as linhas fundamentais da constituição étnica e cultural do Brasil-Colônia, confrontou a marcha aculturativa de alguns grupos de imigrantes em época mais recente e apontou, por fim, uma série de elementos comuns na situação intercultural em que vivem populações aborígenes brasileiras da atualidade.

A quarta conferência, "Contribuições do Príncipe Maximiliano de Wied aos estudos dos índios do Brasil", esteve a cargo de Herbert Baldus. Mostrou o conferencista como o príncipe, ao caracterizar o indígena brasileiro e a sua psicologia, não se libertou das peias do etnocentrismo, deixando se levar, a demais, a generalizações infundadas, e como, por outro lado, ultrapassou em certos sentidos a mentalidade de sua época, dando quase a impressão de um etnólogo moderno. Baldus apontou como a maior glória de Wied o ter êle escrito a primeira monografia científica de uma tribo brasileira, a dos Botocudos, trabalho que encerra indispensáveis complementos a contribuições de autores mais recentes, como Ehrenreich e Nimuendajú, que escreveram sôbre os mesmos índios. Além disso, salientou o mérito do príncipe na lingüística e na antropologia física dos aborígenes que visitou no Brasil oriental.

Comunicações científicas

Nas sessões de trabalho, que se prolongaram pelo espaço de cinco dias, foram discutidas aproximadamente trinta comunicações científicas. Em seu conjunto, deixaram uma viva impressão do incremento que a pesquisa antropológica vem tomando em vários centros brasileiros.

O problema da distinção entre pré-história e arqueologia foi objeto de uma comunicação de Herbert Baldus. O autor mostrou a falta de consenso

na conceituação e apontou as ligações entre a pré-história e a etnologia, de um lado, e a história, do outro . Ao passo que a arqueologia, em sua opinião, se concentra na investigação de culturas extintas, a pré-história se esforça, antes de mais nada, por ligar produtos dos homens anteriores à informação histórica com elementos atuais. Na Amazônia, explicou, se observam culturas arqueológicas não abrangidas ainda pela pré-história da região, que continua uma incógnita.

Na sessão dedicada à arqueologia, discutiu-se igualmente um trabalho de Carlos B. Ott, dedicado à descrição e tipologia de achados arqueológicos da Bahia. O autor estudou machados de pedra, mãos de pilão, "pedras de cascavel", tembetás e cerâmica ornamentada, chamando a atenção para certas semelhanças significativas entre esta e a de tipo marajoara. Julga poder atribuir uns tantos objetos por êle mencionados aos índios Kamakã e, possìvelmente, a tribos que teriam sofrido influência dêstes.

Valentin Calderón propôs uma reclassificação de pinturas rupestres epi-paleolíticas (sôbretudo da região franco-cantábrica), insistindo em que, no estudo da arte pré-histórica se deve atender também ao estilo artístico e não, como se dá com freqüência, apenas à morfologia dos objetos.

Hiroshi Saito enviou um trabalho (relatado por Josildeth da Silva Gomes) sôbre a habitação rural de japoneses nos Estados de São Paulo e Paraná. Além de estabelecer uma tipologia das casas, distinguindo as de proprietários, arrendatários, meeiros e simples colonos, procura, entre outras coisas, determinar relações entre fenômenos aculturativos na organização familial e transformações observadas na construção e no arranjo das habitações.

Darcy Ribeiro estudou os efeitos dissociativos da depopulação produzida por epidemias em tribos indígenas. Com recurso aos arquivos do Serviço de Proteção aos Índios, mostrou a devastação que as molestias, sobretudo as pulmonares, levadas às aldeias índias pelo contacto com a civilização, causaram entre os aborígenes de todo o Brasil: os Kaingáng paulistas, que há 40 anos eram talvez 1200 indivíduos, hoje estão reduzidos a uns 90 ; os Mundurukú, que na época de Gonçalves Tocantins somavam 18.000 almas, contam hoje cêrca de 1000; os Xoklẽ de Santa Catarina, por sua vez, se viram reduzidos em 4 decênios de 800 a 189 indivíduos. Todavia, se notam de tribo em tribo índices diferentes de resistência com relação a esta ou aquela moléstia. Além disso, algumas tribos, após um período de crescente depopulação, retomam equilíbrio demográfico.

O autor, examinando material relativo a treze tribos, chegou à conclusão de nem sempre haver correlação entre a estrutura demográfica de uma tribo e o seu grau de integração na sociedade civilizada. Na fase da pacificação decresce em geral a natalidade, com ulterior recuperação; esta, porém, pode perder-se, a ponto de se verificar o desaparecimento da tribo. A análise comparativa de diferentes estruturas demográficas revela ora a existência de condições estruturais de crescimento, ora a sua ausência, ora, ainda, certo gráu de estabilidade. Práticas de infanticídio e outros fatôres internos, que outrora teriam agido no sentido da estabilização, vieram depois acelerar a depopulação.

A tribo Pauxiána e sua língua comparada ao idioma Makuxí foram objeto de uma comunicação do missionário beneditino Dom Alcuino Meyer OSB, que por muitos anos trabalhou na área do Rio Branco. O autor estabelece a filiação Karaíb da língua Pauxiána, em geral classificada como Aruák; considera os Pauxiána uma tribo karaìbizada. Do ponto de vista etnográfico, os Pauxiána se assemelham tanto aos Makuxí quanto aos Uapixána. Dom Alcuino, que fêz interessantes observações etno-psicológicas entre os Pauxiána, se referiu à freqüência de suicídios entre êles por mo-

tivo de grande dôr física ou moral, lembrando que entre os Makuxí as ocorrências são mais raras e, em geral, ligados a amor não correspondido.

Ainda com referência aos estudos indigenistas, Egon Schaden, recordando o centenário do nascimento de Karl von den Steinen, fêz uma apreciação geral da obra dêste autor no campo da antropologia brasileira.

Vários congressistas falaram de suas pesquisas sôbre aculturação e assimilação de imigrantes italianos no Brasil. Carlo Castaldi, tomando como ponto de partida a semelhança entre as atitudes da Itália novecentista em face dos trabalhadores rurais e as do Império brasileiro em face dos escravos, e que proporcionou aos imigrantes italianos relativa facilidade em aceitar o seu status de sucessores do escravo negro, discutiu a integração do imigrante na sociedade agrário-capitalista para a qual foi trazido e os canais de ascenção social que nela se abriram através do aproveitamento de recursos culturais de que o ádvena era portador e de outros, que a sociedade receptora lhe oferecia.

Thales de Azevedo resumiu os resultados de uma pesquisa de dois meses sôbre à aculturação e urbanização industrial na zona colonial italiana de Caxias, no Rio Grande do Sul. Salientando aspectos ecológicos de fixação ao solo, se referiu à aceitação de lavouras e técnicas novas da parte dos imigrantes; mostrou a superação das diferenças subculturais e dialetais pela organização das comunidades; analisou o contrôle social exercido pelas "capelas" ou coletividades religiosas e escolares, com organização de assistência social e de beneficência. Depois de frisar o papel incrementador da industrialização e da urbanização na marcha aculturativa e o isolamento, o ensino da língua e as sociedades italianas como fôrças de manutenção, pôs em relêvo alguns aspectos da estratificação social entre os colonos. No afã de obter o contrôle político, a princípio exercido pelas autoridades de colonização, a classe mais alta, contituída pelos industriais, se integra no sistema político mais amplo, regional e nacional.

Camillo Cecchi, em relatório sôbre as suas pesquisas entre italianos no Estado de São Paulo, discorreu sôbre o processo de assimilação, procurando estabelecer fases que necessàriamente ocorreriam na assimilação de todos e quaisquer imigrantes. Chegou à conclusão de que o retôrno dos imigrantes recentes à terra de origem resulta em grande parte do fato de, pelo choque, serem levados a sobreestimar as diferenças entre cultura e ambiente natural da terra de origem e os da pátria adotiva.

Na secção de antropologia física, falou Aldemiro Brochado sôbre a medição do prognatismo superior, propondo a substituição do triângulo násio-básio-próstio, por outro, em que se tomem, em lugar do básio, os pontos inferiores dos côndilos occipitais: uma linha do triângulo iria do centro da linha bicondília ao próstio, outra do próstio ao násio, a terceira daí ao ponto de partida. A vantagem dêste triângulo é a de não ser absoluto e suspenso, mas relativo e fixo.

Alvaro Fróis da Fonseca, em comunicação intitulada "Novas normas para o estudo da raça e da mestiçagem," discutiu o conceito de "raça" em oposição ao de "biótipo", em que se considera a função das glândulas incretórias. Tratou da influência da perístase sôbre os caracteres raciais, propôs uma tipologia das formas da cápsula craniana e, estabelecendo critérios para a seleção das medidas antropométricas, insistiu na necessidade de se atender a sua maior ou menor significação biológica.

Olinto Orsini comunicou observações relativas à mancha mongólica feitas na Santa Casa de Belo Horizonte. Entre 1615 recém-nascidos havia 721 portadores da mancha mongólica, sendo que esta se localizava em várias partes do corpo, mas sempre na região de extensão. Orsini

considera provável alta influência ameríndia na população da capital mineira.

Frederico Edelweiss, tecendo considerações em tôrno à segunda conjugação Tupí, demonstrou, com riqueza de argumentos e exemplos, tratar-se de uma conjugação de adjetivos, que não se tornam verbos pelo fato de se conjugarem, pois, explicou, todos os substantivos Tupí são adjetivos e todos podem ser conjugados.

Muitos outros assuntos, dos mais diversos setores da antropologia física e cultural, foram objeto de comunicações ou relatórios: "Filiação religiosa da arte paleolítica" por Caio Flamínio Silva de Carvalho; "O breviário das aparadeiras e sendeironas", por Hildegardes C. Viana; "A constituição de um museu paleontológico e antropológico em Belo Horizonte", por Olinto Orsini; "A estrutura de uma comunidade do Nordeste açucareiro", por Harry Hutchinson; "Notas preliminares ao estudo da família no Brasil", por Carmelita Ayres Hutchinson; "O estado de erê", por Pierre Verger; "Adaptações do folclore para uso escolar" e "Curso experimental de danças folclóricas no Rio Grande do Sul", por C. Galvão Krebs; " O movimento messiânico do Constestado e o folclore", por Maria Isaura Pereira de Queiroz (relatado por Josildeth da Silva Gomes); "Relações raciais entre brancos e pretos no Brasil meridional", por Fernando Henrique Cardoso, Renato Jardim Moreira e Otávio Ianni (relatado por Maria Azevedo); "Contemporaneidade da raça da Lagoa Santa com as espécies extintas do plistoceno da região e com o material lítico das grutas", por Aníbal Matos (relatado por Álvaro Fróis da Fonseca); "Atividades antropológicas da Fundação Getúlio Vargas", por Maria Alice Pessoa.

Seminários

Organizou-se, no decorrer do congresso, uma série de seminários, que serviram para informar os participantes de trabalhos em andamento e para trocar idéias quer sôbre as mais prementes necessidades de investigação científica, quer sôbre expectativas de aplicação prática dos conhecimentos antropológicos.

Das discussões do seminário sôbre etnologia brasileira, a cargo de Herbert Baldus, participaram Egon Schaden e Darcy Ribeiro, êste último prestando amplas informações sôbre projetos e trabalhos científicos em realização na Secção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios.

A Egon Schaden coube a direção de um simpósio sôbre o ensino da antropologia no Brasil. Nessa reunião, Luís de Castro Faria fêz uma exposição sôbre um curso de formação de pesquisadores indigenistas, organizado pelo Museu do Índio, do Rio de Janeiro. Darcy Ribeiro focalizou o problema do ensino de etnografia brasileira e Tupí-Guaraní nas Faculdades de Filosofia, preconizando o enquadramento dos estudos de Tupí-Guaraní num desenvolvimento geral de lingüística americana, quando tal se tornar possível nas universidades brasileiras. Em último lugar, foi discutido um trabalho de Margarida Sinay Neves sôbre antropologia e educação popular.

Em outro seminário, sôbre investigações de etno-psicologia, René Ribeiro falou sôbre as atividades do Instituto Joaquim Nabuco, de Recife. Comentou suas experiências na aplicação de testes de Rorschach nos xangôs recifenses e, a seguir, referiu-se pormenorizadamente aos entraves burocráticos que estorvam a eficiência dos trabalhos científicos em nossas instituições oficiais. Na discussão, Josildeth da Silva Gomes apontou uma série de problemas etno-psicológicos no setor do sincretísmo religioso, es-

pecialmente com relação à macumba, que merecem a atenção dos pesquisadores.

Sob a direção de Thales de Azevedo, realizou-se um simpósio dedicado ao Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia — Columbia University. Através da cooperação de cientistas brasileiros e norte-americanos, vem se desenvolvendo um programa para o conhecimento da cultura do Estado da Bahia em suas variações regionais: empreendeu-se o estudo de quatro comunidades em diferentes regiões e situações ecológicas do Estado. Charles Wagley, informando sôbre as investigações realizadas, deu notícia dos trabalhos em vias de conclusão ou de publicação.

Manuel Diegues Júnior dirigiu um seminário sôbre o plano de investigação científica do recém-criado Departamento de Estudos e Planejamento do Instituto de Imigração e Colonização, do Rio de Janeiro. Discutiu-se, em especial, o problema da obtenção de pesquisadores qualificados para a realização do plano estabelecido, que inclui pesquisas sôbre a integração das populações indígenas na sociedade nacional, sôbre as migrações internas, sobretudo do nordeste para o sul, e sôbre a assimilação dos imigrantes e as conseqüências da aculturação forçada no Brasil Meridional.

Associação Brasileira de Antropologia

Um dos resultados mais promissores da Reunão foi a fundação da Associação Brasileira de Antropologia, destinada a congregar os especialistas brasileiros e a promover a coordenação de pesquisas antropológicas empreendidas pelas diferentes instituições existentes no país. A nova organização tem a sua sede na capital da República. A primeira diretoria, eleita por aclamação, ficou assim constituída: Luís de Castro Faria, presidente; Darcy Ribeiro, secretário; Roberto Cardoso, tesoureiro. Elegeu-se além disso, um Conselho Científico, de nove membros, renovável de um têrço de três em três anos. Integram-no os seguintes representantes: Heloísa Alberto Tôrres (Museu Nacional), Marina de Vasconcelos (Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil), Egon Schaden (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), José Loureiro Fernandes (Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná), René Ribeiro (Instituto Joaquim Nabuco, de Recife), Thales de Azevedo (Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia), Renato Locchi (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), A. Fróis da Fonseca (Universidade do Brasil) e Eduardo Galvão (Museu Goeldi, Belém).

3a. Reunião

Na sessão final, os congressistas decidiram, por unanimidade, que a 3a. Reunião Brasileira de Antropologia se realizará em 1957 na cidade de Recife, devendo a constituição da Comissão Organizadora ficar a cargo do Professor René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco.

Egon Schaden

XXXII CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS

Copenhague, Dinamarca

O Congresso Internacional de Americanistas realizará a sua 32a. reunão em Copenhague, Dinamarca, de 8 a 14 de agôsto de 1956, de conformidade com convite oficial, aceito com unanimidade por ocasião da 31.ª reunião, havida em São Paulo no ano de 1954.

As atividades do Congresso abrangerão temas relativos aos seguintes campos: etnologia indígena da América, etnologia eskimó, arqueologia indígena da América, arqueologia eskimó, lingüística, antropologia física, exploração e colonização, folclore.

Assuntos sugeridos para discussão nas reuniões: mudança cultural entre os Eskimó, estratificação na cultura Eskimó, conexões culturais transpacíficas, estimação da glotocronologia em línguas americanas, métodos de datação na pré-história americana, problemas de formação racial nas Américas.

A taxa de inscrição para membros efetivos do Congresso é de 70 coroas dinamarquesas ou US$10,00; membros associados pagam a metade.

As comunicações científicas devem limitar-se ao espaço de 20 minutos, não se permitindo a nenhum membro a apresentação de mais de três trabalhos. Os títulos e resumos, bem como indicações sôbre diapositivos e filmes de demonstração, devem ser enviadas ao secretário-geral antes de 1.º de maio de 1956.

A comissão organizadora é constituída da seguinte maneira: Presidendente honorário: William Thalbitzer; Presidente: Kai Birket-Smith; Tesoureiro: Kjeld Rordam; Secretário-Geral: Jens Yde; Eske Brun; L. L. Hammerich; Erik Holtwed; Helge Larsen; Ernst Mengin.

Endereço: 32nd International Congress of Americanists; c/o. Jens Yde, Secretary-General; National Museum, Ethnographical Department; Copenhague, Dinamarca.

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS E ETNOLÓGICAS

Filadélfia, E. U. A.

Por ocasião do 4.º Congresso, realizado em Viena no mês de setembro de 1952, a American Anthropological Association propôs que a a quinta reunião tivesse lugar nos Estados Unidos, prontificando-se, por sua vez, o University Museum de Filadélfia a hospedar o Congresso. Foi aceito o convite, de modo que em 1956 o Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas se reunirá pela primeira vez no hesmisfério ocidental. Várias entidades científicas americanas colaboram na organização do certame, que promete constituir um acontecimento de relêvo na história da antropologia.

Da Comissão Organizadora, presidida por F. G. Rainey, participam como secretários W. N. Fenton e A. Kidder, e como secretária executiva a senhorita Yvonne Oddon. A tesouraria está a cargo do escritório da N.A.S. — N.R.C., Washington 25, DC.

Todos os pedidos de informação e as comunicações devem ser dirigidas ao *Secretário,* American Organizing Committee, International Congress of Anthropology, National Academy of Sciences — National Research Council, 2 101 Constitution Avenue, Washington 25, D. C., Estados Unidos da América do Norte. Enderêço telegráfico: NARECO.

O congresso se estenderá de 1.º a 9 de setembro. O programa abrangerá reuniões de secções, sessões mistas e sessões gerais, dedicadas à apresentação e discussão das comunicações científicas; apresentação de filmes e discos; excursões; noites livres e recepções em casas de famílias de Filadélfia; reuniões do Conselho Permanente e da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas.

Aceitar-se-ão comunicações científicas relativas a assuntos das seguintes especialidades:

A. Pré-histôria
B. Paleoantropologia (Evolução humana)
C. Antropologia Física
D. Lingüística
E. Etnografia
F. Etnologia
G. Antropologia Aplicada
H. Museologia.

Cada membro tem direito à apresentação de apenas um trabalho científico, devendo ser enviado à Comissão um resumo de no máximo 300 palavras até o dia 10 de março de 1956. Rejeitar-se-ão as comunicações cujo período de leitura oral ultrapasse o espaço de 20 minutos. Os manuscritos, datilografados com duas entrelinhas, devem ser entregues em dois exemplares, o mais tardar até a sessão de encerramento do Congresso.

A taxa de inscrição, de US$ 10,00 pode ser paga com antecedência ou após a chegada a Filadélfia. Parentes de congressistas efetivos podem inscrever-se como congressistas honorários mediante o pagamento da taxa reduzida de US$ 3,00. As instituições de ensino, sociedades de antropologia, academias, bibliotecas, repartições públicas, livrarias etc. pagarão a taxa comum.

PIERRE MABILLE (1904-1952)

Nacido en Reims (Francia) en 1904, falleció el Dr. Mabille, inesperadamente, a los 48 años, en la tarde del 13 de octubre de 1952, mientras estaba examinando un enfermo, en ejercicio mismo de su profesión.

Hasta 1939 su trabajo y actividades fueron sobre todo quirúrgicas. En 1940 abandonó su patria para unirse a las Fuerzas Francesas Libres, pero estuvo detenido en las Antillas hasta julio de 1941. No habiendo sido admitido en calidad de combatiente, trabajó en el hospital francés de Port-au-Prince (Haití), donde logró la construcción de una sala de operaciones, servicio radiológico, laboratorio y centro de hospitalización. Creó allí también un laboratorio antropométrico, y desempeñó la cátedra de Patología general en la Facultad de Medicina de dicha ciudad.

Después de una breve estancia en México, donde tuvimos el honor de entablar conocimiento directo y aun de asistir a algunas Conferencias de su curso sobre Biotipología dado en el Institut Français pour l'Amérique Latine, el Dr. Mabille regresó a Francia en 1945 donde fué nombrado Agregado Cultural en la Legación Francesa de Haití; en su nuevo puesto logró la aprobación y firma de un Tratado de Relaciones Culturales entre los dos países, fué Director del Instituto Francés de Haití e inició la publicación de la revista de cooperación intelectual *Conjonction.*

Vuelto a Francia pone en marcha su idea de crear un centro para el estudio individual del hombre en su totalidad; reconoce la necesidad de los trabajos analíticos, pero trata de buscar en la síntesis el complemento indispensable de aquellos. Su obra de 1936, *La construction de l'Homme,* muestra ya esta tendencia, que sirvió de base a la *Société de*

Morpho-Physiologie Humaine creada en 1948 y de la cual Pierre Mabille fué promotor y Secretario General hasta su muerte.

Las Reuniones Internacionales de Antropología Diferencial efectuadas en Royaumont (1950) y Ginebra (1952), así como el Congreso de la Sociedad de Investigaciones Constitucionales realizado en Tübingen (1951) tuvieron en Pierre Mabille a uno de los mas entusiastas organizadores y colaboradores. Fué Profesor de Higiene y de Biotipología en la Escuela de Antropología de París.

Sus preocupaciones como médico no le impidieron, sino que por el contrario le sirvieron de gran ayuda y apoyo para sus peculiares concepciones biotipológicas y antropológicas.

En su oportunidad ya hicimos un amplio comentario critico de la obra *La arquitetura del Hombre* (B.B.A.A. VIII, pp. 144-148) publicada en México en 1945 y que es edición totalmente refundida y aumentada de su primera obra *La construction de l'Homme*, editada en París, en 1936.

Para la escuela francesa de Biotipología y para la Antropología en general el prematuro fallecimiento de Mabille representa una pérdida irreparable. En lo personal perdimos un gran amigo y excelente colega.

BIBLIOGRAFÍA DE PIERRE MABILLE

1936 — *La Construction de l'Homme*. (Morphologie humaine). J. Flory, éditeur. París. 236 pp. y 34 figs.

1937 — *Thérèse de Lisieux*. Ensayo de Psicología. J. Corti, éditeur. Paris.

1938 — *La conscience lumineuse*. Ensayo de Psicología. Skira, éditeur. Paris.

——— *Egréfores ou la Vie des civilisations*. Morfologia social. J. Flory, éditeur. Paris.

1940 — *Le Miroir du merveilleux*. Morfología poética. Editions du Sagittaire. París.

1945 — *La arquitectura del hombre. Su unidad dialéctica.* Edición Ediapsa. México, 253 pp. y 51 figs.

1948 — Conception géométrique de l'extrémité céphalique humaine. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 1, pp. 25-29; con 5 figs.

——— Essai de classification des structures caracterielles par le Test du Village. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 1, pp. 39-47.

1949 — *Initiation à la connaissance de l'Homme.* Presses Universitaires de France. París. 203 pp. y 43 figs.

——— Les divers aspects du problème de la differentiation sexuelle. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 3, pp. 3-8.

1950 — Bref Historique de la Typologie Humaine. Capítulo de la obra titulada *L'Individualité Humaine*. Paris, 167 pp. (pp. 13-32).

——— Les tests de Projection. Capítulo de la obra citada en la ficha anterior. (pp. 63-74).

——— Les Thérapeutiques Constitutionnelles. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 5, pp. 36-42.

——— Les Tableux de correlation taille-poids. L'influence des facteurs typologiques. L'interêt de l'Indice osseux. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 7, pp. 29-34.

——— *La Technique du Test du Village*. Editado por la Société de Morpho-Physiologie Humaine. Paris. 155 pp.; con 18 figs.

1951 — Presentation d'un Anthropomètre clinique. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 8, pp. 20-21. con 3 figs.

——— De la notion générale de structure. Stabilité et labilité des structures. *Revue de Morpho-Physiologie Humaine,* No. 10, pp. 33-48.

——— Les tests révélateurs de la Personalité. *Science et Vie,* No. 396. Paris.

——— Premiers resultats d'une enquête typologique sur le rhumatisme chronique (Comunicación presentada al II Congreso Alemán de Constituciones, Tubingen, 1951).

1953 — *Etude des caractères généraux permettant de définir la morphologie individuelle*: taille, poids, largeur, indice skelique, disposition du tronc, musculature, ossature. Biard, éditeur. Ginebra.

Juan Comas

BIBLIOGRAFIA

AMADEU AMARAL: *O Dialeto Caipira. Gramática — Vocabulário.* Prefácio de Paulo Duarte. Em: *Obras Completas de Amadeu Amaral.* Editora Anhembi Limitada. São Paulo, 1955.

Como muito poucos dos nossos homens de letras, Amadeu Amaral teve uma visão adequada do fenômeno social que é uma língua, e soube situar a língua popular e espontânea ao lado da literária e dos problemas estéticos e normativos, que para tantos outros constituem o único objeto digno de estudo.

Do seu salutar ponto de vista foi naturalmente levado a atentar para a língua popular brasileira, fixando-lhe o aspecto dialetal em São Paulo.

Para essa tarefa trouxe excepcionais qualidades de observação, isenção de ânimo e técnica filológica.

A êste último respeito é de justiça salientar a segurança fonética com que surpreendeu e registrou os fatos sônicos do dialeto. Há uma ou outra imprecisão de interpretação e nomenclatura, como quando chama *explosiva* a consoante africada /tx/ (e /dj/) e registra sucessivamente *chará e xará* no *Vocabulário* sem esclarecer se isto corresponde a uma variação fonética entre africada e chiante pura (/tx/:/x/). Mas não se pode dizer, como faz o Sr. Paulo Duarte, que nêle é — "tudo produto de inteligência desarmada de qualquer recurso técnico" — (p. 32), apenas porque o pesquisador não teve a seu dispor instrumentos de fonética experimental. O recurso técnico, básico, do foneticista é o apuro auditivo e o bom conhecimento do processo articulatório e das correlações permanentes entre êste e o efeito acústico que se surpreende; os aparelhos de fonética experimental (sejam os mais antigos, de base articulatória, como o palato artificial e o quimógrafo, sejam os mais recentes, com fundamento acústico, como o oscilógrafo e o espectrógrafo) servem para aprofundar e melhor controlar as pesquisas (quando na mão de pessoa que saiba seguramente manejá-los e seguramente interpretar os resultados gráficos, que estão longe de falar por si), mas não constituem um *sine-qua-non* para a pesquisa fonética. Já o recurso da gravação de discos tem outro caráter, e foi pena, com efeito, que Amadeu ainda não tivesse podido utilizá-lo; pois permite uma observação repetida e diuturna dos sons, uma vez ouvidos, para melhor firmar, completar e até corrigir a primeira impressão recebida, sem ser preciso cansar e confundir o informante com pedir-lhe a cada passo que repita a enunciação.

O pensamento filológico que norteou Amadeu Amaral foi uma hipótese, das mais sensatas e plausíveis, que melhor se consubstancia neste seguinte trecho: "... o fundo do dialeto representa um estado atrasado do português e... sôbre êsse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente" (p. 55). Em outros têrmos, é o conceito da *"área isolada"* dos neolingüistas italianos, que assim se invoca em contraposição ao conceito de *língua mista,* ou pelo menos profundamente alterada por substratos lingüísticos, a saber — o do negro e o do indígena, " 'refugium' de tantos que se cansam a procurar as razões dos fatos obscuros e complicados da linguagem nacional", como êle próprio comen-

ta noutro ponto (p. 68). E é na linha dessa sua hipótese de trabalho que se explicam as constantes remissões a fatos do português clássico e arcaico, especialmente através de citações nos verbetes do *Vocabulário*.

Entretanto, Amadeu Amaral não se escravizou a êsse pensamento interpretativo, que lhe estimulou as pesquisas mas não as deformou num sentido preconcebido. No conjunto e nos detalhes do trabalho nota-se sempre a mais serena objetividade e o mais cuidadoso escrúpulo científico.

Teve a preocupação de surpreender a língua espontânea falada, nunca se baseando exclusivamente em escritos literários, "por mais confiança que os autores dêstes nos merecessem", como acertadamente declara (p. 82). E para o levantamento dos fatos dialetais, em sua espontânea pureza, formulou seis normas de trabalho, que merecem ser lidas e meditadas por quantos hoje em dia se propõem a fazer colheita de vocábulos e expressoes populares (p. 44). O seu senão, neste particular, foi não adotar um alfabeto convencional fonético, simples mas disjungido de interferências com o valor normativo e tradicional que têm as letras no alfabeto comum; assim, o seu uso de *x* e *ch* prende-se à norma ortográfica comum, quando a existência da africada /tx/ no dialeto exigia um critério exclusivamente de registro fonético (se bem seja possível que a distinção gráfica, por coincidência, corresponda à distinção fonética, como parecem insinuar as formas *chará e xará*); também a grafia *mea* (p. 153) para a "forma átona proclítica de 'minha'" não faz justiça ao fenômeno fonético que se quer anotar.

A reedição da Editora Anhembi está feita com esmero e escrúpulo de execução (não surpreendi um único êrro tipográfico).

Poderíamos, não obstante, fazer-lhe alguns reparos.

O primeiro vem a ser a mudança da ortografia, que em Amadeu era a oficial portuguêsa de 1911. Aqui, sem qualquer ressalva, houve uma adaptação a normas atuais (a começar no próprio título — *O Dialeto Caipira*. em vez de — *O Dialecto*. . ., como está na edição de 1920, mas sem se jungir o Editor nem ao Vocabulário Ortográfico de 43 nem ao de 45.

O segundo reparo — ou antes sugestão — refere-se a uma das lacunas da 1a. edição, que merecia ser preenchida agora: nos textos literários citados nos verbetes, Amadeu limitou-se a dar o nome do escritor, sem qualquer indicação de página e obra, e na bibliografia inicial (que agora é final) faltam dados bibliográficos precisos.

Também teria sido interessante juntar num *Addendum* algumas das recensões mais expressivas que o livro teve na época. O Sr. Paulo Duarte menciona, em seu *Prefácio,* as de Sílvio de Almeida, Antenor Nascentes e Otoniel Mota, "para citar apenas as principais" (p. 25), esquecendo injustamente as de Sousa da Silveira e José Oiticica. Pelos menos a opinião e as observações dêsses cinco mestres mereciam ser trazidas ao conhecimento do leitor de hoje para melhor ponderar e aproveitar a obra. Amadeu tinha, aliás, com todos êles grandes afinidades, e o seu pensamento filológico foi influenciado por êles e outros, como especialmente Said Ali, cujas *Dificuldades da Língua Portuguêsa* o inspiraram explicitamente na sua interpretação da nossa colocação brasileira das variações pronominais átonas (cf. p. 46 e nota), sendo, pois, inadequado dizer-se, como se faz aqui no *Prefácio,* que Said Ali "endossa" " a doutrina de Amadeu" (p. 33, n. 60). Foi, aliás, também Said Ali que forneceu a Amadeu uma conceituação segura do fenômeno da entoação (cf. p. 43).

Com tôdas as suas magníficas qualidades, o trabalho, tal como Amadeu o publicou em 1920, é uma primeira tentativa, e o Autor assim o considerava. Êle preparava cuidadosamente uma 2a. edição, como nos informa o

Sr. Paulo Duarte (p. 23-4), que parece ter conseguido "arrecadar" alguma coisa neste sentido. Foi pena que não tivesse publicado êsses elementos num *Addendum,* ordenados e dispostos por filólogo de sua confiança (não faltam para isso figuras na Universidade de São Paulo), já que o Sr. Paulo Duarte se confessa lealmente "forasteiro no assunto" (p. 27, n. 51).

Todos êsses reparos não importam, evidentemente, em não reconhecer a oportunidade e o escrúpulo da publicação sob a direção do Sr. Paulo Duarte, que é inegàvelmente uma das nossas belas figuras de trabalhador intelectual.

J. Mattoso Camara Jr.

FRANZ TERMER: *Die Halbinsel Yucatán.* Ergänzungsheft 253 zu Petermanns Geographischen Mitteilungen. 80 págs., 14 pranchas e 3 mapas. VEB Geographisch-Kartographische Anstalt Gotha, 1954. (Preço: br. DM 22. —, enc. DM 24.—)

Da primeira à última página, êste livro, de caráter essencialmente geográfico, solicita também a curiosidade do antropólogo. Segundo o autor, especialista em geografia e arqueologia meso-americanas, seria prematura a pretensão de elaborar um estudo monográfico (uma "Landeskunde") da Península do Iucatã, pouco explorada em suas partes orientais e meridionais, razão pela qual se propõe apresentar uma série de contribuições coerentes entre si, relativas à geografia da região, especialmente sob o prisma das condições econômicas. Trata, assim, sucessivamente da influência da situação geográfica sôbre o desenvolvimento cultural, dos fatôres físico-geográficos e sua repercussão nas condições demográficas, da fauna e da flora, de aspetos econômico-geográficos (analisando, em sua seqüência histórica, a economia pré-colombiana, a colonial e a da atualidade), do território de Quintana Roo, dos problemas de viação da península e, por fim, dos movimentos de imigração.

Merece menção o cuidado com que Termer põe a descoberto as relações entre a realidade geográfica e as características da organização econômica, bem como a segurança com que delineia as sucessivas mudanças nessas relações desde a época da civilização Maya até os nossos dias. De maneira clara e concisa, aponta os aspectos positivos e negativos da evolução econômica decorrente da ocupação espanhola da península, mostrando, a seguir, como sobretudo nestes últimos decênios, se procura alcançar um aproveitamento cada vez mais racional dos recursos naturais e como a exploração predatória vai perdendo terreno em benefício de atividades de produção planejada.

Causa impressão agradável a presença dos problemas práticos na mente do cientista, de modo que os assuntos que investiga não pairam no ar, dissociados das necessidades do momento. O autor conclui o seu trabalho insistindo em que o potencial econômico do Iucatã é representado pela vegetação, mormente pelas reservas florestais, e em que, por conseguinte, as fontes de produção exploradas desde tempos antigos o serão também no futuro.

Pela sobriedade e clareza com que apresenta as suas observações pessoais, confrontando-as com informes colhidos no literatura especializada, Termer demonstra uma vez mais o alto padrão de trabalho científico que lhe caracteriza os estudos anteriores.

Egon Schaden

WERNER MÜLLER: *Die blaue Hütte.* Zum Sinnbild der Perle bei nordamerikanischen Indianern. 154 págs. Studien zur Kulturkunde, Bd. XII. Franz Steiner Verlag G. m. b. H. Wiesbaden, 1954. (Preço: broch. DM 14 —, encad.: DM 18.—)

De vários pontos de vista, êste trabalho é modelar. As suas principais qualidades são: a nítida delimitação do assunto, a inteligente exploração das fontes bibliográficas, a exposição clara, agradável e bem concatenada, a formulação cautelosa dos resultados obtidos.

O assunto do livro são as "mide", sociedades secretas, de cunho religioso e medicinal, que ocupam um lugar de importância na cultura das tribos indígenas cujo território se estende a oeste dos Grandes Lagos. Sem filiar-se de forma expressa ou tácita a nenhuma das correntes teóricas da etnologia contemporânea, Müller recorre a tôdas elas indistintamente na medida em que lhe permitem aprofundar a análise de seu objeto de investigação. Duas são as preocupações básicas do livro: primeiro, distinguir os tipos de "ranchos" ou sociedades medicinais e a sua seqüência histórica e, em segundo lugar, compreender o simbolismo dos ritos e dos objetos rituais em conexão com a mitologia e a mentalidade religiosa que lhes conferem o seu sentido. E deve-se reconhecer que o objetivo foi alcançado de maneira altamente satisfatória.

O autor estabelece dois tipos de sociedades medicinais esotéricas entre os índios estudados: umas, as mais antigas, que remontam a sua instituição ao "Grande Espírito", sendo encontradas hoje de preferência entre os Odjibwa; outras, mais recentes, que atribuem a sua fundação ao herói de cultura Nanabozho (ou Mänäbusch), podendo ser observadas, por exemplo, entre os Menomini. Segundo os resultados de Müller, as sociedades do Grande Espírito constituíram originàriamente o padrão geral entre as tribos Algonkín,tendo se difundido já em épocas remotas pela região das tribos Sioux. Entre estas, a dos Winnebago desenvolveu depois uma forma suigêneris pela combinação com o segundo tipo. Por sua vez, as sociedades de culto ligadas mais estreitamente à figura do herói, que afinal vieram suplantar as primeiras, se teriam originado entre os Menomini e seus vizinhos, em cuja mitologia o Ser Supremo, perdendo a sua posição central, teve de cedê-la ao herói de cultura, e em cujos rituais se processaram transformações correspondentes.

O livro de Müller é sugestivo especialmente como êsfôrço de reconstrução de um processo histórico-cultural sôbre a base da difusão e da distribuição geográfica de mitos e ritos, mas também pela hábil interpretação dos textos da mitologia em relação com complexos rituais e os simbolismos a êles ligados. E é, acima de tudo, uma excelente contribuição para o conhecimento do herói de cultura, seus significados e funções. Não são muitos os estudos sôbre sistemas religiosos de índios norte-americanos em que se ponha à mostra com igual expressividade e de forma tão concreta a interdependência entre os conceitos-chave das filosofias tribais e a maneira de se traduzirem ou refletirem quer no conjunto dos ritos e nas construções cerimoniais, quer nas instituições portadoras da existência religiosa das respectivas comunidades.

Egon Schaden

HEINRICH SCHADE: *Vaterschaftsbegutachtung*. Grundlagen der anthropologisch-erbbiologischen Vaterschaftsfeststellung. 250 págs., com 58 ilustr. E. Schweizerbartsche Verlagsbuchhandlung. Stuttgart 1954. (Preço: encad. DM 28.—).

O método da determinação antropológico-genética da paternidade foi desenvolvido em atenção à necessidade dos tribunais de chegarem a decisões bem fundamentadas nos processos de investigação de paternidade (direitos a alimentos) e em demandas referentes à legitimidade dos filhos. O método teve por verdadeiro iniciador o Dr. Rolleder, Ministro do Supremo Tribunal de Viena, que, após a minha transferência para a Cadeira de

Antropologia e Etnologia da Universidade de Viena, me perguntou se haveria a possibilidade de, com recurso aos conhecimentos da genética humana, se alcançar certeza no tocante à ascendência biológica de um homem. Lembrava êle serem infelizmente insuficientes os métodos puramente testemunhais empregados na solução dêsses problemas, desde que grande parte das mães, bem como dos varões acusados de paternidade, se deixa levar, por egoísmo, a afirmações idubitàvelmente falsas, ultrapassando em muito o número dos juramentos falsos relativos à paternidade o dos que se registram em qualquer outro domínio jurídico; e acentuava, enfim, que uma sentença baseada em grande parte em falso testemunho ou até em juramentos falsos não pode, evidentemente, ser justa. Acolhendo a idéia, desenvolvi então o método dos laudos antropológico-genêticos, sendo que em 2 de julho de 1926 foi dado por escrito, em juízo, o primeiro parecer dessa natureza. Ao mesmo tempo, descrevi o meu método num artigo, "Anthropologische Beweisführung in Vaterschaftsprozessen", inserto na "Österreichische Richterzeitung" (ano XIX, n.º 6, junho de 1926). Poucas semanas antes fôra dado em juízo, igualmente em Viena, o primeiro laudo baseado nos grupos sangüíneos, ou seja, no sistema dos grupos sangüíneos AB descoberto por Landsteiner; de minha parte, eu me empenhara igualmente por que se adotasse nos tribunais o método dos grupos sangüíneos. Êste, porém, tinha — e continua tendo — o incoveniente de permitir apenas a exclusão de varões suspeitos da paternidade; faltava base para afirmações positivas. A possibilidade de determinação positiva da paternidade trouxe-a o "método Reche", por mim desenvolvido, o qual inclui ao mesmo tempo provas seguras para a exclusão nos casos em que os pareceres baseados nos grupos sangüíneos não conseguem trazer certeza. A idéia fundamental do meu método é a de se utilizar para o exame e a determinação de consangüinidade ou não-consangüinidade o maior número possível de caracteres somáticos genèticamente independentes uns dos outros e de grande estabilidade com relação à perístase (não modificados, pois, no fenótipo por fatôres do ambiente). A pesquisa deve naturalmente abranger o filho em aprêço, a mãe e o varão apontado como pai (ou os diferentes varões que possam entrar em cogitação). Trata-se, por conseguinte, de um método polissintomático. Determina, por assim dizer, indícios que falem a favor ou contra a paternidade; quanto maior o número de indícios que a testemunham, maior a sua probabilidade, e quanto mais numerosos os que a contradizem, menor a sua probabilidade. A semelhança de um ou mesmo vários caracteres pode naturalmente ser encontrada também em pessoas não ligadas por consangüinidade (p. ex., cabelo preto e olhos castanhos — em outras populações, cabelo louro e olhos claros); mas se é possível determinar numerosos traços semelhantes em dois homens, a semelhança casual é tanto menos provável quanto maior o número de caracteres coincidentes. E se, por fim, o filho e um dos varões apresentarem coincidência em caracteres especialmente típicos ou até sobremodo raros, resulta daí afinal uma "prova" de sua paternidade. Trata-se, pois, de uma prova baseada em "indícios", de há muito usual em outros setores da prática forense (acumulação de fatos e testemunhos) e aqui simplesmente transferida para o domínio da genética. Com êste método, portanto, a antropologia veio prestar à jurisprudência um relevante serviço, um auxílio de extraordinário alcance, pois no decorrer dos 29 anos em que o "método Reche" tem sido empregado, serviu para esclarecer milhares de casos de paternidade, que de outra forma nunca o poderiam ter sido. Nos primeiros anos, como é natural, era eu o único perito; à medida, porém, que aumentava o número de processos em que se reclamavam laudos antropológico-genéticos, crescia felizmente o número de antropólogos in-

teressados na aplicação do novo método. Êste está, de há muito, adotado de modo geral na Áustria e na Alemanha, sendo usado também na Dinamarca, na Suécia e na Tcheco-Eslováquia; também na Suíça parece agora estar conquistando terreno; casos isolados de seu emprêgo são noticiados nos Estados Unidos da América do Norte e na Noruega; continua, entretanto, ignorado na maioria dos países, fato devido à não-existência da investigação da paternidade na respectiva legislação. A colaboração de um número crescente de colegas tornou possível o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do método, de modo que êste pôde ser estendido a um número cada vez maior de caracteres hereditários. Dessa maneira, o método dos laudos antropológico-genéticos veio a constituir de fato numa nova ciência, que afinal reclamava uma sistematização dos dados essenciais em forma de compêndio ou manual de ensino. É o que ora publica o Dr. Heinrich Schade (Münster na Vestfália), obra bastante compreensiva, em que o estudante, como também o juiz e o advogado encontram tudo o que precisam saber a respeito do assunto. No corpo da obra, o autor, depois de apresentar um resumo histórico do método, expõe as suas bases biológicas e jurídicas, descreve os recursos técnicos, discute os padrões de avaliação e fornece, por fim, uma minuciosa descrição (em umas cem páginas) dos diferentes caracteres e grupos de caracteres a que se deve atender. Ótimas ilustrações enriquecem o texto. Em várias passagens, o autor se dirige contra a importância excessiva dada a métodos puramente matemáticos, que encerram o perigo de se operar com exatidão matemática ilusória, assunto, aliás, amplamente discutido no congresso dos peritos em laudos antropológico-genéticos realizado em 1953 na cidade de Münster. A título de apêndices, o livro traz definições de pontos de mensuração, tabelas comparativas, diretrizes da Sociedade Alemã de Antropologia, uma relação dos atuais peritos em laudos antropológico-genéticos oficialmente registrados na Alemanha etc. A bibliografia, que abrange cêrca de 360 publicações especializadas, demonstra o incremento tomado no decorrer dos anos pela nova ciência. As páginas finais do livro contêm um índice de nomes e outro de assuntos. — Caracterizando-se pela excelente exposição, a obra de Schade constitui um manual de ensino ("Lehrbuch") no verdadeiro sentido da palavra, merecendo, por isso, a mais larga difusão.

Otto Reche

EGON SCHADEN: *Aspectos fundamentais da cultura Guaraní*. 216 págs. e 16 pranchas. Boletim n.º 188 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Antropologia n.º 4. São Paulo, 1954.

Espalhados pelos diferentes Estados do Brasil Meridional e pelo sul de Mato Grosso, os remanescentes da tribo Guaraní em território brasileiro representam uma parcela diminuta no conjunto das populações indígenas do país. Distribuem-se por cêrca de trinta núcleos ou aldeias, somando talvez três mil almas, ao passo que o total dos índios brasileiros orça por uns duzentos mil.

Em seu recente livro, "Aspectos fundamentais da cultura Guaraní", Egon Schaden classifica os Guaraní hoje existentes no Brasil em três grupos dialetais, os Ñandéva, os Mbüá, e os Kaiová. A essa tripartição dialetal correnpondem variantes culturais, cuja diferenciação, no entanto, não é bastante incisiva para se não considerar a cultura Guaraní como um todo. Apesar de seu reduzido número, constituem êsses aborígenes

um objeto de estudo que não sollcita apenas a atenção do antropólogo. São descendentes de uma nação de índios que teve, ao lado dos Tupí, um lugar de destaque na história colonial do Brasil. Além disso, os Guaraní brasileiros são apenas pequena parte de um grupo étnico bem considerável, localizado além das fronteiras do país. Cêdo a tribo se viu envolvida no processo histórico do choque de culturas em terra sul-americana, fato que sugere desde logo a possibilidade de se descobrirem, na atual configuração de cultura, rastos significativos dêsse diálogo cultural entre o Velho e o Novo Mundo.

A tal expectativa o volume de Egon Schaden vem corresponder de forma bem mais concreta do que o faz supor a formulação vaga do título; analisam-se os "aspectos fundamentais" através das reações da tribo aos contactos com elementos europeus e da aculturação dos diferentes grupos locais. Êsse processo permite apreender o que o objeto encerra de específico, pois é nas situações de insegurança e de perigo que a natureza humana revela, melhor do que em outras quaisquer, a sua verdadeira essência. E uma obra que apresente a cultura de uma tribo com vistas a determinadas manifestações características supera, pelo menos quanto ao interêsse geral, a eloqüência de outra que o faça por meio de minuciosa e completa descrição monográfica. Em seu estudo, o autor soube explorar as possibilidades proporcionadas pela seleção do material e pelo ponto de partida formal.

A análise da situação religiosa, a que dedica o capítulo oitavo, é ao mesmo tempo um estudo expressivo da aculturação geral dos Guarani.

A religião tribal sobrevive intacta em suas partes essenciais. Isto, entretanto, não quer dizer que as representações cristãs não se tenham infiltrado, em larga escala, no sistema tradicional. O culto dos santos, práticas cerimoniais e muitas concepções estranhas foram aceitas pelo indígena, sem que por isso êle tenha abandonado o corpo dos ensinamentos tradicionais, cuja doutrina nuclear é a negação do livre arbítrio, aliada à crença fanática num reino espiritual de felicidade no Além, onde um dia todos se hão de encontrar sem primeiro passarem pelo Juízo Final.

O que melhor caracteriza a aculturação dos Guaraní no setor da religião é a sua incapacidade de combinar de maneira fértil os elementos antigos com os de proveniência cristã. É verdade que, vencida a fase inicial da aculturação, o Guaraní se declara católico, vangloriando-se mesmo da sua mentalidade magnânima, que êle diz abrir-se à religião dos brancos, ao passo que o homem branco é incriminado de considerar com desdém as idéias da doutrina aborigene. Todavia, a aceitação dos elementos cristãos em seu próprio sistema de crenças não é senão mecânica; ao recebê-los, imprime-lhes acento mágico, medicinal ou econômico, sem lhes conferir significação verdadeiramente religiosa em sua cultura, na qual, aliás, a religião é o centro de convergência de todos os interêsses. O grau mais alto da integração de elementos cristãos é alcançado pela sua reinterpretação segundo o esquema do pensamento tradicional. O Guaraní não consegue vitalizar a sua própria posição no antagonismo que se trava entre o tradicional e o estranho. E quando, nos primeiros contactos com o Cristianismo, não começa por fechar-se aos novos ensinamentos, rejeitando-os como irrelevantes para a sua existência, e não permitindo sequer ao homem branco a exposição de suas idéias, vemo-lo acolher pouco a pouco elementos isolados da fé cristã — como, por exemplo, a concepção do pecado —, não para compreender-lhes a significação profunda, mas para mobilizá-los como argumentos. Assim, é pecado a aceitação de doutrina estranha e de uma forma de vida contrária às normas e aos valores tradicionais. Dessa maneira, os conceitos do Cristianismo são usados, com astúcia, em defesa

da doutrina dos antepassados, cujas peças nucleares — negação do livre arbítrio e destruição do mundo no futuro — vêm redundar em '"escapismo" face à situação histórica.

A configuração cultural guaraní da atualidade apresenta, destarte, sinais de desintegração. A reação dos índios ao contacto com elementos culturais europeus de natureza não religiosa — assunto da maioria dos capítulos restantes da obra — confirma o resultado básico obtido pelo estudo da situação religiosa, o de que o sitema cultural da tribo não é capaz de resistir à situação de choque.

O volume de Schaden vale por um convite para o reexame do problema das missões jesuíticas do Paraguai. É que o fundamento lançado com a obra permite compreender o sentido em que os missionários possibilitaram a conservação do estado cultural dos Guaraní. O rumo tomado pela existência dos Guaraní livres, entregues a si mesmos, fornece o melhor pano de fundo para a avaliação das qualidades dos jesuítas, cuja ação em última análise foi decisiva para a sobrevivênca de valores essenciais da cultura tribal da época. Graças às pesquisas de Schaden, estamos em condições de ver melhor a harmonia interna que se estabeleceu entre a alma da cultura Guaraní e a técnica missioneira dos padres — assunto, aliás, a que o autor pretende dedicar um trabalho especial, que deverá ser publicado no "Anthropos".

"Aspectos fundamentais da cultura Guaraní" é um livro que revela o pesquisador familiarizado com tôdas as correntes teóricas da etnologia moderna. Merece destaque a combinação original do método funcionalista com a idéia das configurações culturais. O material novo se refere sobretudo ao domínio das instituições religiosas e políticas; é fruto de múltiplas pesquisas de campo, empreendidas, após o estudo da bibliografia existente, com vistas à solução de determinados problemas. Em duplo sentido, a forma da exposição se distingue pela singeleza. Seguindo o exemplo de grandes etnólogos contemporâneos, o autor apresenta os fatos em encadeamento tal que falem por si mesmos e sem que se torne necessário pôr a mostra os elementos metodológicos em que se apóiam as conclusões. Em segundo lugar, a exposição se afigura singela por nela se renunciar ao confronto entre os resultados novos e afirmações contraditórias existentes na literatura. A discussão das divergências teria estendido muito o texto da obra.

Tomando conhecimento de tôda uma série de reações "erradas" de uma cultura em face da realidade histórica — erradas no sentido de não corresponderem à função de garantir a sobrevivência do grupo —, o leitor se vê, por sua vez, colocado diante do problema de reagir emocionalmente de maneira adequada ao fenômeno em apreço. No plano dos valores, a atitude deve situar-se além das fronteiras de tôda cogitação filantrópica, que, diante do caráter fatal do desenvolvimento, seria insuficiente. Atingida em seu nervo vital, a cultura Guaraní em território brasileiro já não permite aos seus portadores sobreviverem por mais de uns poucos decênios, nem mesmo à margem da civilização ocidental.

Numa orientação histórica, surge espontâneamente uma alternativa distante das atribulações do presente: deve o fato de êsses grupos indígenas desaparecerem do cenário da história ser caracterizado como "trágico" ou como "triste"? O trágico enquanto categoria histórica definiu-o Hegel como o antagonismo não entre o direito e o seu oposto, mas entre direito e direito. Em sua conceituação histórica, a noção do direito requer boas condições de existência cultural para um e outro partido. Pode-se, assim, encarar como trágica a destruição de Cartago, mas não o desaparecimento das populações indígenas. É inerente, por seu turno, ao conceito estético

do trágico, tal como o encontramos, por exemplo, em Shakespeare, elasticidade suficiente para abranger o destino dos índios: a catástrofe decorre do desenvolvimento extremo de um traço do caráter de pessoas no mais equilibradas. A recusa decidida do índio Guaraní de entrar em comunicação com o mundo europeu — ou seja, a sua desobediência à lei que impele o homem à comunicação — eis o momento responsável pelo seu "destino trágico". Não obstante, a consideração deve ficar no plano da historicidade do homem. Ao quadro da existência indígena, como o deparamos em nossos dias, parece corresponder o juizo valorativo de que o desaparecimento dêsses grupos humanos é triste. E ainda que se usasse o critério cuja validade acabamos de negar, nada se acrescentaria ao predicado histórico, devido à ausência de lances grandiosos com que o fim da tribo se anuncia: um fim sem epopéia, que também no plano estético é simplesmente triste, sem proezas heróicas. *E. A. von Buggenhagen*

OSKAR EBERLE: *Cenalora.* Leben, Glaube, Tanz und Theater der Urvölker. 575 págs. e numerosos desenhos, fotos e mapas. Walter Verlag. Olten und Freiburg im Breisgau, 1954.

O autor desta obra sôbre o teatro primitivo ("Urtheater") é especializado na ciência do teatro. Sem ser etnólogo, procura, baseado nas teorias e pesquisas de etnólogos, como Wilhelm Schmidt, Martin Gusinde, Paul Schebesta e muitos outros, apresentar um quadro da vida teatral de dezessete tribos, etnològicamente das mais antigas, distribuídas por quatro continentes. Os grupos principais estudados são os pigmeus da África, os índios da Terra do Fogo, os negritos da Ásia e os aborígenes da Austrália.

Sendo o interêsse do autor, antes de tudo, o de cientista e historiador do teatro, aplica os princípios da sua ciência ao material etnológico, confiante em que dêste modo não só tenha apresentado um quadro do teatro dos aborígenes estudados, mas tenha feito, também, uma contribuição importante para o problema das origens do teatro, mercê da pressuposta analogia entre aquelas tribos e o homem pré-histórico. Convencido, talvez em demasia, da veracidade das teorias de Schmidt, relativas ao monoteísmo dos povos etnològicamente mais antigos, chega a conclusões que em alguns casos possìvelmente necessitem de revisão. Isso certamente não se refere à sua tese, documentada por amplo material, de que o teatro primitivo em geral não nasceu do culto, sendo ao contrário em muitos casos de origem profana. Na sua forma mais antiga, como "ópera" dansada no estílo de um naturalismo ritmizado, como representação mímica recreativa de animais, caçadas, pescarias, aventuras e acontecimentos cotidianos, o teatro parece afigurar-se mais antigo do que qualquer culto, sendo mesmo a base dêste. Tal opinião coincide de certo modo com a de Johan Huizinga (exposta em "Homo Ludens)", segundo o qual o culto é uma representação dramática, inserindo-se no "jôgo", que é o fenômeno primário. O jôgo, consoante ambos os autores, já é praticado pelos animais. O teatro porém, como forma peculiar do jôgo, é, segundo Eberle, privilégio humano. Seria a arte originária do homem, a qual encerra em germe tôdas as outras artes. Através do teatro, o homem adiciona ao mero movimento expressivo o "papel", a representação de outro "eu". Poder-se-ia acrescentar que a mímica transforma o ato em gesto, isto é, em expressão simbólica.

Nota-se certa contradição, quando o autor de um lado diz que "tôda" ação visando a fins, òbviamente se mantém fóra do teatro" (p. 495), sem que do outro deixe de considerar o "feitiço mímico" como teatro eficaz. Essa contradição é realmente crucial e liga-se, ao que parece, a tôda teoria

tendente a considerar culto e rito como jôgo e teatro, isto é, como mero "fazer de conta" e mesmo simulação. Tanto ao jôgo como ao teatro é inerente a consciência de se tratar de mero jôgo e aparência, fato que não parece coadunar-se exatamente com o rito e o culto. É certo, como alega Huizinga, que essa consciência não exclui a extrema seriedade, que por vêzes chega a cancelar o mero "make believe". É certo também — como já viu Platão — que a esfera do sagrado e a do jôgo estão em íntima conexão, como se percebe na dansa, em que jôgo e festa se interpenetram. Mas é extremamente difícil considerar como atividade lúdica um ritual de iniciação em que se quebrem os dentes do iniciando ou se lhe inflijam torturas por vêzes atrozes. É difícil fazer justiça ao sacerdote ou ao pajé em transe, tomando-os como atores, embora identificados completamente com seu papel. Precisamente essa identificação total e mística faz com que deixem de ser atores e que, juntamente com o clã ou a grei reunidos, transcendam a esfera estética.

O fulcro do problema está provàvelmente no conceito do "papel" e da "máscara" ou "persona". A "pessoa" do primitivo talvez não tenha feições tão nítidas e limites tão definidos como a do civilizado. Mais fluida, talvez se confunda sem dificuldade com outra "persona". Não se poderia falar exatamente de um "papel" e sim de uma unidade mística. Confundem-se as fronteiras dos "eus" e as linhas de demarcação conceituais entre "apresentação" e "representação", "ser" e "representar» «ser» e «parecer", "ser" e "jogar", entre o simbolizado e o símbolo. A partir de tal concepção, os conceitos de papel e teatro parecem inteiramente adequados à compreensão de fenômenos como cultos, ritos e sacramentos, por maior que possa ser a sua utilidade na focalização de certos aspectos geralmente descritos como cerimônias e dansas. É que o que no teatro é mero gesto tende a ser ato eficaz no culto, no sacramento e, mais diretamente, no ato mágico. E só pode sê-lo porque o outro eu não é apenas representado, não é apenas papel, mas é tido ao mesmo tempo como estando presente. Os símbolos não "significam" apenas algo, mas têm eficácia genuína. O sacramento não só dramatiza, mas agencia a conquista almejada (por exemplo, da fôrça através da ingestão da carne de um animal totêmico).

Tem-se a impressão de que uma elaboração mais sutil dos conceitos possivelmente tornasse a categoria do teatro recurso útil de pesquisa no campo abordado. Segundo a conceituação usada, porém, não parece possível entender por exemplo o candomblé como teatro religioso, apesar dos seus múltiplos elementos teatrais que, como tais, mereceriam um estudo segundo o método interpretativo de Eberle.

Seja como for, é indubitável que o autor não só prestou um grande serviço à ciência do teatro — única tarefa a que se abalançou — , mas muniu também a etnologia e a antropologia de novas perspectivas. Isso sobressai, por exemplo, nas análises do conceito da "máscara" e na concepção (por duvidosa que seja) do animal totêmico como "máscara" de antepassados ou no estudo da "máscara acústica" — como, por exemplo, o zumbidor, que se apresenta como máscara da voz divina ou, em extenso, da divindade invisível. Assim considerados, muitos instrumentos musicais parecem exercer não função musical ou propiciadora de estados extáticos, mas de máscara acústica. A abordagem teatral dos dados existentes certamente pode dar também sugestões na questão da seqüência de estratos culturais e contribuir para o esclarecimento de fenômenos religiosos que se cristalizem em determinados enredos e figuras teatrais.

Anatol H. Rosenfeld

PUBLICAÇÕES RECEBIBAS

ACOSTA SAIGNES, MIGUEL: *Las cofradias coloniales y el folklore*. Sep.: Cultura Universitaria, 47, pp. 79-102. Caracas, 1955.

BAPTISTA FILHO, OLAVO: *A fazenda de café em São Paulo*. Documentário da Vida Rural, n.º 2, 32 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1952.

BECHER, HANS: *Bericht über den XXXI. Internationalen Amerikanisten-Kongress in São Paulo vom* 23. *bis* 28. *August* 1954. Sep.: Zeitschrift für Ethnologie, 79, pp. 230-236. Braunschweig, 1954.

— — *Cintos e cordões de cintura dos índios sul-americanos* (*não-andinos*). Sep.. Revista do Museu Paulista, N. S., 9, pp. 7-179, com 12 pranchas. São Paulo, 1955.

BREITINGER, EMIL: *La misurazione della capacità cranica*. Sep.: S.A.S., Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e la Sintesi in Antropologia, Eugenia e Biologia, NN. 27-28, 44 pp., 4 tav. Bologna, 1953.

— — *Eoanthropus dawsoni, Woodward,* 1912 +. Ein unrühmlicher Nekrolog. Sep.: Die Umschau, Heft 21, 1954, pp. 660-662. Frankfurt am Main.

— — *Der Saldanha-Schädel aus der Kap-Provinz*. Sep.: Die Umschau, Heft 3, 1955, pp. 76-77. Frankfurt am Main.

BINKMANN, DONALD: *Südamerikanische Befreiungshelden und die Schweiz*. Sep.: Echo, Zeitschrift der Schweizer im Ausland, Nr. 1 u. 2, 1955.

CADOGAN, LEON: *Breve contribución al estudio de la nomenclatura guaraní en botánica*. Boletin n.º 194. Ministério de Agricultura y Ganaderia. Servicio Técnico Interamericano de Cooperación Agrícola. 49 pp. mimeografadas. Asunción, 1955.

CALDEIRA, CLOVIS: *Fazendas de cacau na Bahia*. Documentário da Vida Rural, n.º 7. 59 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1954.

CÂNDIDO, ANTÔNIO: *A vida familial do caipira*. Sep.: Sociologia, 16 pp. 341-367. São Paulo, 1954.

COMAS, JUAN: *Un essai sur le concept de "race" et l'économie*. Sep.: Civilisations, 3, pp. 547-564. Bruxelas, 1954.

— — *Un ensayo sobre "raza" y economia*. Sep.: América Indígena, 15, pp. 139-158. México, 1955.

CUNHA, A. XAVIER DA; ABREU, M. D. ARAÚJO: *Impressões digitais de portuguêses*. Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguêsa, vol. V, fasc. 6.º, pp. 315-347. Coimbra, 1954.

DIÉGUES JÚNIOR, MANUEL: *O engenho de açúcar no Nordeste*. Documentário da Vida Rural, n.º 1. 68 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1952.

— — *Estudos de relações de cultura no Brasil*. 67 pp. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1955.

DOZIER, EDWARD P.: *The Hopi-Tewa of Arizona.* University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 44, pp. 259-376, 4 figs. in text, 4 maps. Berkeley and Los Angeles, 1954.

GALVÃO, EDUARDO: *Santos e visagens*. Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. XII, 202 pp. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5a. Brasiliana. Vol. 284. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1955.

GUÉRIOS, R. F. MANSUR: *A magia da palavra*. Sep.: Letras, n.º 1, pp. 168-182. Curitiba, 1953.

— — *Do léxico da pré-história*. Sep.: Letras, n.º 2, pp. 106-119. Curitiba, 1954.

HEBERER, GERHARD: *Die Auflösung des Piltdown-Paradoxons*. Sep.: Homo, 4, pp. 145-149. 1954.

— — *Die geographische Verbreitung der fossilen Hominiden (ausser Eusapiens) nach neuer Gruppierung.* Sep.: Die Naturwissenschaften, 42, Heft 4, pp. 85-90, ill. Berlin-Göttingen-Heidelberg, 1955.

— — *Abstammungslehre, Paläontologie, Anthropologie.* Sep.: Münchener Medizinische Wochenschrift, 97, pp. 117-120, ill. München, 1955.

IBARRA GRASSO, DICK EDGAR: *Grupos y cronologia de las influencias surasiáticas y oceánicas en la América indígena*. Sep.: Acta Asiatica, 1, n.º 2, pp. 13-35. Buenos Aires, 1954.

KOPPERS, WILHEM: *Der* 31. *Internationale Amerikanistenkongress in São Paulo* (23-28. *August* 1954). Sep.: Anzeiger der phil. - hist. Klasse der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, Jg. 1954, Nr. 18, pp. 251-254. Wien.

— — *Die Anfänge von Staat und Gesellschaft im Lichte der Primitivenforschung*. Sep.: Diogenes, Heft 5 (1954), pp. 647-654.

LAYTANO, DANTE DE: *A estância gaúcha*. Documentário da Vida Rural, n.º 4. 53 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1952.

MACEDO, JOSÉ NORBERTO: *Fazendas de gado no vàle do São Francisco.* Documentário da Vida Rural, n.º 3. 70 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1952.

MARTINS, WILSON: *Um Brasil diferente*. 507 pp., ilustr. Editôra Anhembi Limitada. São Paulo, 1955.

MENGHIN, OSVALDO: *El nuevo quadro de la prehistoria americana.* Sep.: Revista de la Facultad de Filosofía y Humanidades, 6, pp. 117-122. Córdoba, 1954.

— — *Väinö Auer und die prähistorische Forschung in Fuegopatagonien.* Sep.: Acta Geographica, 14, pp. 7-14. Helsinki, 1955.

MENGHIN, OSVALDO; REX GONZÁLEZ, ALBERTO: *Excavaciones arqueológicas en el yacimiento de Ongamira, Córdoba (Rep. Arg.)*. In: Notas del Museo, 17; Antropología, n.º 67, pp. 210-274, lâminas 1-9. Universidad Nacional de Eva Perón. Facultad de Ciencias Naturales y Museo. Eva Perón, 1954.

MONTENEGRO, ABELARDO F.: *História do cangaceirismo no Ceará.* 130 pp. Fortaleza, 1955.

MÜHLMANN, WILHELM EMIL: *Arioi und Mamaia*. Eine ethnologische, religionssoziologische und historische Studie über polynesische Kultbünde. X, 268 pp., mit 2 Kartenskzzen. Studien zur Kulturkunde, 14 Bd. Franz Steiner Verlag GmbH. Wiesbaden, 1955.

NANTES, MARTIN DE: *Relation succinte et sincère de la Mission da Père..., Prédicateur Capucin, Missionaire Apostolique du Brésil.* Edição fac-similar publicada por Frederico G. Edelweiss. XI,

234, 59 pp., com ilustr. e 1 mapa. Tipografia Beneditina Ltda. Bahia, 1952.

OTT, CARLOS F.: *Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia*. 71 pp., com 6 pranchas. Publicações do Museu da Bahia, n.° 5. Secretária de Educação e Saúde. Salvador, 1945.

— — *O negro bahiano*. Sep.: Les Afro-Américains, Mémoires de l'Institut Français d'Afrique Noire, n.° 27, pp. 141-152. Dakar, 1953.

PATERNIANI, ERNESTO: *Estudos sôbre as raças do milho indígena "Caingang"*. 74 fls. mimeogr., tabelas e gráficos. Tese de doutoramento apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz". Piracicaba, 1954.

PINTO, ESTEVÃO: *Estórias e lendas indígenas*. 32 pp. mimeogr. Universidade do Recife. Faculdade de Filosofia de Pernanmbuco. Secção E. Geografia e História, 15. Recife, 1955.

POMPEU SOBRINHO, TH.: *Pré-História Cearense*. XI, 151 pp. História do Ceará. Monografia n.° 3, 1.° tomo. Editôra "Instituto do Ceará", Ltda. Fortaleza, 1955.

RADIN, PAUL: *Monotheism Among Primitive Peoples*. 30 pp. Ethnographical Museum. Basel, 1954.

RATHJENS, CARL: *Sabaeica*. Bericht über die archäologischen Ergebnisse seiner zweiten, dritten und vierten Reise nach Südarabien. II. Teil: Die unlokalisierten Funde. Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg, XXIV. 307 pp. mit Fig. 134-308 u. Phot. 79-641. Kommissionsverlag Ludwig Appel. Hamburg, 1955.

REIS, ARTUR CESAR FERREIRA: *O seringal e o seringueiro*. Documentário da Vida Rural, n.° 5. 149 pp., ilustr. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1953.

ROWE, JOHN HOWLAND: *Max Uhle*, 1856-1944. A memoir of the father of Peruvian archaeology. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 46, pp. 1-134, plates 1-14. Berkeley and Los Angeles, 1954.

J. Mattoso Camara Jr. 229 pp. Biblioteca Científica Brasileira, Câmara Municipal do Salvador, 1955.

SAMPAIO, TEODORO: *O tupi na geografia nacional*. 4a. edição, introdução e notas do Prof. Frederico G. Edelweiss. 304 pp., com 1 prancha.

SAPIR, EDWARD: *A linguagem*. Introdução ao estudo da fala. Trad. por Série B — IV. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1954.

SCHMIDT, WILHELM: *Gebräuche des Ehemannes bei Schwangerschaft und Geburt*. Mit Richtigstellung des Begriffes der Couvade. 337 pp. Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik. Institut für Völkerkunde der Universität Wien. Band X (1954). Verlag Herold. Wien, 1955.

SERRANO, ANTONIO: *Contenido e interpretación de la arqueologia argentina*. El area litoral. Sep.: Universidad, n.° 29, 38 pp., 25 figs. Santa Fé, 1954.

SICK, HELMUT: *Sôbre a extração do sal de cinzas vegetais pelos índios do Brasil Central*. Sep.: Revista do Museu Paulista, nova série, 3, pp. 381-390, 2 pranchas. São Paulo, 1949.

Südseestudien. Études sur l'Océanie. South Seas Studies. Gedenkschrift zur Erinnerung an Felix Speiser. Herausgegeben vom Museum für Völkerkunde und Schweizerischen Museum für Volkskunde Basel. 423 pp., mit Illustr. und 26 Tafeln. Basel, 1951.

TERMER, FRANZ: *Die Halbinsel Yucatán*. VIII, 72 pp., mit 14 Bildtafeln und 3 Kartentafeln im Anhang. Ergänzungsheft Nr. 253 zu "Petermanns Geographischen Mitteilungen". VEB Geographisch-Kartographische Anstalt. Gotha, 1954.

TRIMBORN, HERMANN: *Pascual de Andagoya*. Ein Mensch erlebt die Conquista. X, 315 pp., 4 Karten u. 17 Bildtafeln. Universität Hamburg. Abhandlungen aus dem Gebiet der Auslandskunde. Bd. 59 — Reihe B. Völkerkunde, Kulturgeschichte und Sprachen. Bd. 33. Cram, de Gruyter & Co. Hamburg, 1954.

— — *Die Leistungen der indianischen Hochkulturen*. Sep.: Universitas. 9, pp. 1181-1188, illustr. Stuttgart, 1954.

VALENZUELA ROJAS, BERNARDO: *La cerámica folklórica de Pomaire*. Sep.: Archivos del Folklore Chileno. 49 pp., ilustr. Santiago de Chile, 1955.

VON VERSCHUER, OTMAR FRHR.: *Wirksame Faktoren im Leben des Menschen*. Beobachtungen an ein- und zweieiigen Zwillingen durch 25 Jahre. 288 pp. mit 105 Abb. und 6 Tafeln. Franz Steiner Verlag GmbH. Wiesbaden, 1954.

WAIBEL, LEO: *Die europäische Kolonisation Südbrasiliens*. 152 pp., 25 Abb. Colloquium Geographicum. Vorträge des Bonner Geographischen Kolloquiums. Bd. 4. In Kommission bei Ferd. Dümmlers Verlag. Bonn, 1955.

PERIÓDICOS

América Indígena (México)

15. 1955. 2. *R. Scolnik*, Observaciones sobre el estado sanitario de algunas tribus indígenas del Brasil Central. — *O. Plath*, Algunos aspectos de la tecnologia araucana. — *I. Kelly*, El adestramiento de parteras en México desde el punto de vista antropológico. — *C. Bravo Ratto*, Ccorao. Un ensayo de Educación Fundamental. — *C. L. Beale*, Caracteristicas degráficas de los indígenas de los Etados Unidos de América. — *J. Comas*, Un ensayo sobre "raza" y economia. — *J. Schreuder*, Sobre las artes populares en Ecuador.

Anthropos (Posieux)

49. 1954. 5-6. *H. Sölken*, Innerafrikanische Wege nach Benin. — *E. J. Burrus*, Sanvitores' Grammar and Catechism in the Mariana (or chamorro) Language(1668). — *W. Helck*, Herkunft und Deutung einiger Züge des frühägyptischen Königsbildes. — *W. Eberhard*, Change in Leading Families in Southern Turkey. — *M. Vanoverbergh*, Religion and Magic among the Isneg: Other Observances. — *F. J. Nicolas*, Enigmes des L'éla de la Haute-Volta (A. O. F.). — *G. Costa*, The Garo Code of Law. — *E. A. Worms*, Prehistoric Petroglyphs of the Upper Yule River, North-Western Australia.

Antiquity and Survival (The Hague)

1. 1955. 1. *M. J. Vermaseren* and *C. C. van Essen*, The Aventine Mithraeum Adjoining the Church of St. Prisca. — *H. de Contenson*, In the Footsteps of St. John the Baptist. — *S. Rydén*, A Basketry Technique from the Lake Titicaca Region. — *D. E. Ibarra Grasso*, A New Mystery from

Tiahuanacu. — *P. Wirz,* The Exhibition "Art from the Sepik" at the Ethnographical Museum at Basle. — *J. V. Jansen,* The Life of the Eskimos: an Educational Exhibition at the Museum voor Land - en Volkenkunde in Rotterdam.

Archives Suisses d'Anthropologie Générale (Genève)

19. 1954. 2. *O. Jeanneret, E. Hausser, et L. Paunier,* Recherches expérimentales sur diverses méthodes pour mesurer la longueur du membre inférieur. — *M. Lobsiger-Dellenbach* (avec la collaboration de *P. de Chastonay*), Artisanat népalais. Construction d'une fenêtre. .

Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia (Salvador)

3. 1954. *T. de Azevedo,* Estudos de áreas regionais. — *C. Ott,* Os "bailes patoris" da Bahia. — *T. de Azevedo,* O trabalho científico do Prof. Paul Rivet. — *N. R. Ortiz Oderigo,* Algunos aspectos de música folklórica afroamericana.

Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore (Florianópolis)

6. 1954. 20/21. *C. da Costa Pereira,* A figueira. — *L. A. Boiteux,* Achêgas à Poranduba Catarinense. — *V. B. Caminha,* O tupi nos locativos catarinenses. — *N. de Souza,* Têrço para São Gonçalo. — *O. Ferreira,* Crendices e superstições. —*C. Medeiros,* Correspondência amorosa no interior. — *W. F. Piazza,* Cacumbi de branco. — *F. Seraine,* Sôbre o reisado no interior cearense.— *W. Spalding,* Ditados e comparações gaúchas. — *T. O. Spalding,* Quatro estudos. — *N. V. Rocha,* Aspectos do folclore guasca. — *H. Paz,* Coisas do folclore sul-riograndense. — *L. Chaves,* O ciclo português do Natal. — *J. Andrade,* A folga. — *A. Castillo de Lucas,* Refranerillo de la alimentación. — *F. Coluccio,* El tabaco en el folklore.

Journal de la Société des Américanistes (Paris). N. S.

42. 1954. *F. Blom,* Ossuaries, cremation and secondary burials among the Maya of Chiapas, Mexico. — *G. Dumézil,* Deux pièces "costumbristas" qhiswa de Killku Warak'a (Andrés Alencastre G.). — *G. Emperaire* et *A. Laming,* La grotte du Mylodon (Patagonie occidentale). — *J. Faublée,* Sculptures mochica des îles Macabi. — *R. Gessain,* Figurine androgyne eskimo (support du fusil sur le kayak). — *R. d'Harcourt,* Les formes du tambour à membrane dans l'ancien Pérou. — *R. Hartweg* et *B. Flornoy,* Notes anthropologiques sur les Indiens Iawa (Amazonie péruvienne). — *I. W. Johnson,* Chiptic cave textiles from Chiapas, Mexico. — *H. Le Besnerais* Contribution à l'étude des Indiens Yaruro (Venezuela). — *R. H. G. Lowes,* Alphabetical list of Lengua indian words with English equivalents (Paraguayan Chaco). — *H. Reichlen,* Les collections américaines du musée d'Angers.

New World Antiquity (London)

2. 1955. 3. *W. H. Fellowes,* Note on the Nahuatl Word Ximilli. — Biblography of Ethnological Music.

5. *C. A. Burland,* The Roll of Goddesses in Ancient Mexican. — Ethnomusicology Notes.

6. *Jamieson,* A Universal Symbol. — *A. Mc. Howard,* Primitive Art of the Valley of Guadiana.

Paideuma (Wiesbaden)

6. 1954. 1. *K. Kerényi,* Walter F. Otto zum achtzigsten Geburtstag. — *H. v. Sicard,* Das Land der Frauen und seine Königin. — *M. D. W. Jeffreys,* Alt-Kalabar und der Sklavenhandel. — *B. Schlerath,* Der Hund bei den Indogermanen. — *H. Baumann,* Vorläufiger Bericht über neue Felsbilder-Funde in Süd-Angola.

Revista do Museu Paulista (São Paulo) N. S.

9. 1955. *H. Becher,* Cintos e cordões de cintura dos índios sul-americanos. — *H. Schultz* e *V. Chiara,* Informações sôbre os índios do alto rio Purus. — *Ton. hirama Matchuhuaya* e *Frei P. Frikel,* O. F. M., Tradições histórico-lendárias dos Kachuyana e Kahyana. — *V. Watson,* An Ethnographic Account of Contemporary Cayuá Indian Architecture. — *H. Baldus,* O estudo etnográfico do índio no Brasil. — *S. Rydén,* An Archaeological Pipe-Bowl from the Rio Mequens Region, Brazil. — *R. Weber,* Uso do Planetário na pesquisa dos Maia. — *P. Verger,* Première cérémonie d'initiation au culte des Orishas Nago à Bahia au Brésil. — *W. Eberhard,* In Memoriam Richard Thurnwald. — *Ch. Wagley,* Ralph Linton 1893-1953. — *W. Saake,* Wilhelm Schmidt 1868-1954.

Sociologia (São Paulo)

16. 1954. 3. *R. Beals,* A estratificação social na América Latina. — *T. Lynn Smith,* Algumas tendências sociais correntes na América Latina. — *H. Saito,* O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (I). — *A. Hamburger,* A família numa pequena comunidade paulista.

4. *E. Willems,* A estrutura da família brasileira. — *A. Cândido,* A vida familial do caipira. — *D. Pierson,* Família e compadrio numa comunidade rural paulista. — *L. Cruz,* Aspectos da formação e desintegração da família em Rio Rico. — *R. J. C. Pacheco,* Alguns aspectos legais do casamento no Brasil.

17. 1955. 1. *E. Willems,* A família portuguêsa contemporânea. — *H. Saito,* O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (II).

Wiener Völkerkundliche Mitteilungen (Wien)

2. 1954. 2. *H. Bokelmann,* Kulturphilosophische Aspekte ethnologischer Forschung. — *M. Riad,* Funerary Rites and Customs among Modern Egyptians. — *A. Kronenberg,* Völkerkundliche Forschung in Tibetsi 1954. — *A. Hohenwart-Gerlachstein,* Some Problems of Megalithic Culture in Ancient Egypt. — *K. Hye-Kerkdal,* Bewegungsanalyse als Qualitätskriterium. — *N. Kaneko,* Zum Problem der ältesten japanischen Musik. — *H. Manndorff,* The Social Structure of a Drawidian Village. — *E. Stiglmayr,* Schamanismus bei den Negritos Südostasiens I. — *G. Ansari,* Muslim Caste in India. — *J. Hackel,* The Concept of a Supreme Being among the Northwest-Coast Tribes of North America. — *A. Mais,* Aufgaben der volkskundlichen Archäologie. — *H. Fuchs,* Bericht ueber eine Studienreise nach den Pelagischen Inseln und Pantelleria. — *H. Blaha,* The Lapps North and Northwest of the Kultsjön-Lake (Västerbotten). — *W. Graf,* Österreichs Anteil an der musikethnologischen Forschung. — *E. Drobec,* Das medizinische Denken der Naturvölker.

Revista de Antropologia

EGON SCHADEN, Diretor

VOLUME 3.º

SÃO PAULO
1955

ÍNDICE DO 3.º VOLUME

ARTIGOS

JORGE DIAS: Algumas considerações acêrca da estrutura social do povo português 1
ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA: Trabalhos coletivos e gratuitos em Portugal e no Brasil 21
F. OTTENSOOSER: Grupos sangüíneos e raça 45
MARTIN GUSINDE: Os pigmeus africanos — tipo físico e características culturais 81
ORACY NOGUEIRA: Os estudos de comunidades no Brasil .. 95
MÁRIO WAGNER VIEIRA DA CUNHA: Possibilidades de exercício de atividades docentes, de pesquisa e técnico-profissionais por antropólogos, no Brasil 105

PEQUENAS COMUNICAÇÕES

Autobiografia (MAX SCHMIDT †) 115
A grafia dos nomes tribais brasileiros 125

NOTICIÁRIO

II Reunião Brasileira de Antropologia (*Egon Schaden*) ..... 64 e 133
XXXII Congresso Internacional de Americanistas 138
V Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas 139
Pierre Mabille (1904-1952) (*Juan Comas*) 140

BIBLIOGRAFIA

KUNZ DITTMER: Allgemeine Völkerkunde (*Pe. Guilherme Saake*) 67
CHARLES P. LOOMIS *et al.*: Turrialba (*Egon Schaden*) 68
HERBERT BALDUS: Bibliografia crítica da etnologia brasileira (*Egon Schaden*) 69
EGON FREIHERR VON EICKSTEDT: Atom und Psyche (*E. A. von Buggenhagen*) 70
ILSE SCHWIDETZKY: Das Problem des Völkertodes (*E. A. von Buggenhagen*) 71
WILLY HELLPACH: Mensch und Volk der Grosstadt (*E. A. von Buggenhagen*) 73
THEODOR LITT: Staatsgewalt und Sittlichkeit (*E. A. von Buggenhagen*) 74

JOSEF RÖDER und HERMANN TRIMBORN: Maximilian Prinz zu Wied (*Egon Schaden*) 76
AMADEU AMARAL: O Dialeto Caipira. Gramática — Vocabulário (*J. Mattoso Camara Jr.*) 143
FRANZ TERMER: Die Halbinsel Yucatán (*Egon Schaden*) 145
WERNER MÜLLER: Die blaue Hütte (*Egon Schaden*) 145
HEINRICH SCHADE: Vaterschaftsbegutachtung (*Otto Reche*) 146
EGON SCHADEN: Aspectos fundamentais da cultura Guaraní (*E. A. von Buggenhagen*) 148
OSKAR EBERLE: Cenalora (*Anatol H. Rosenfeld*) 151
PUBLICAÇÕES RECIBIDAS ..... 77 e 153
PERIÓDICOS ..... 79 e 156



sociological abstracts

shows you:

WHAT is published
WHERE
by **WHOM**, in

England, Germany, France, India, Spain, the United States, Denmark, Japan, Brazil, Mexico, and shortly Finland, Sweden, Turkey and China.

sociological abstracts is published quarterly and contains over 1,000 abstracts yearly, of 200-300 words each.

For information and subscription:

Leo P. Chall, Editor
SOCIOLOGICAL ABSTRACTS
218 East 12 Street
New York 3, N. Y., U.S.A.

Subscriptions are: $3.50 to individuals; $4.50 to libraries and institutions; $5.00 foreign except Canada and Mexico.